

MARIA ILMA VIEIRA DE ARAÚJO

**O ITEM “VOCÊ” E SEUS COGNATOS DE JORNAIS OITOCENTISTAS E
NOVECENTISTAS DE MINAS GERAIS**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2016

MARIA ILMA VIEIRA DE ARAÚJO

**O ITEM “VOCÊ” E SEUS COGNATOS DE JORNAIS OITOCENTISTAS E
NOVECENTISTAS DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística teórica e descritiva.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2016



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos

UFMG

Dissertação intitulada *O Item “Você” e seus cognatos de jornais oitocentistas e novecentistas de Minas Gerais*, de autoria da mestranda Maria Ilma Vieira de Araújo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny - UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves - UFOP

Profa. Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu - UFMG

Belo Horizonte, 1 de junho de 2016.

Ao meu pai, *Benedito Vieira*, que faleceu sem poder ver os frutos de um trabalho que ele tanto incentivou e ajudou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a *Deus*, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia;

Ao meu esposo, *Alisson*, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me ajudou e apoiou nos momentos de dificuldades, colaborando de forma primordial para que esse sonho se tornasse realidade.

A minha mãe *Maria Áurea*, que assim como meu pai, me ajudaram, me deram forças, me incentivaram e não me deixaram desistir em nenhum momento, tornando-se fonte de inspiração para mim.

Aos meus filhos, *Beatriz*, *Gabriel* e *Clara*, que embora não tivessem conhecimento da importância disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos, me levando a buscar mais conhecimentos e, muitas vezes, ficaram de lado para que eu pudesse concretizar esse sonho.

E a professora *Aléxia*, pela aceitação em me orientar, por acreditar que eu seria capaz, seu incentivo, bem como as críticas construtivas, que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

RESUMO

O Item “Você” e seus cognatos são aqui analisados em jornais de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX, com o intuito de verificar se a forma nominal “Vossa Mercê” e seus derivados (“Você”, “Ancê”, “Mecê”, “Vancê”, “Vacê”, “Vocemecê”, “Vossemecê”, “Vossê” e “Ocê”), no português brasileiro das Minas Gerais, decorrem de relações sócio-pragmáticas simétricas ou assimétricas. Escolheu-se o suporte jornalístico, com textos que são parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e que estão disponíveis no *site* da Hemeroteca Nacional Digital, do Ministério da Cultura, < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Coletou-se um *corpus* composto de 1120 ocorrências dos termos pesquisados em 74 jornais mineiros oitocentistas e novecentistas. Algumas teorias serviram de base para obtenção dos resultados, entre elas a *Variacionista*, que norteou a análise dos elementos internos e externos a língua. Em relação às estruturas internas da língua, foi analisada a função sintática dos termos encontrados nas estruturas. Em seguida, a pessoa do verbo ao qual se referia, assim como o gênero masculino ou feminino dos autores e personagens que produziram as frases. Quanto aos elementos externos, tornou-se necessário fazer uso de outra teoria para esclarecer a análise dos dados, a de *Poder e Solidariedade*, cuja dicotomia é necessária para a compreensão das relações entre os interlocutores e suas escolhas referenciais dialógicas. Assim, o primeiro fator analisado diz respeito à hierarquia e ao grau de intimidade entre os falantes, bem como ao tipo de relação social. Na coleta e análise desses termos, foi essencial a descrição dos gêneros textuais nos quais as ocorrências foram coletadas, pois entendeu-se que a descrição dos textos, suas características, suporte e finalidade, muito poderiam auxiliar e esclarecer sobre as relações simétricas ou assimétricas que envolviam o uso dos termos. Portanto, fez-se necessário abordar, também, o assunto e o gênero textual em que cada ocorrência foi encontrada. As análises de tais termos em relação aos seus fatores internos e externos à língua permitiram chegar à conclusão de que a forma nominal “Vossa Mercê”, no decorrer de seu processo de gramaticalização e mudança na língua, até o alcance da forma pronominal “Você” e seus cognatos, não reflete por completo assimetrias sócio-pragmáticas, pois os termos “Vossa Mercê” e “Você”, na maioria dos dados e análises feitas nessa pesquisa, são parte de relações simétricas. Assim, a hipótese de trabalho inicial - “Você” e seus cognatos refletem assimetrias sócio-pragmáticas - foi apenas parcialmente comprovada.

Palavras-chave: “Você”; jornais dos séculos XVIII e XIX; gênero textual; Teoria do Poder e Solidariedade; português brasileiro das Minas Gerais.

ABSTRACT

The item "Você" and its cognates are analyzed from newspapers of the eighteenth and nineteenth centuries from the state of Minas Gerais, Brazil, in Brazilian Portuguese. We aim to verify if the nominal form "Vossa mercê" and its derivatives ("Você", "Ancê", "Mecê", "Vancê", "Vacê", "Vocemecê" "Vossemecê", "Vossê" and "Ocê") represent symmetrical or asymmetrical socio-pragmatic relations. We chose the journalistic support, with texts that are part of the collection of the National Library of Rio de Janeiro and are available on the National Digital Newspaper Library website, <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. We collected a corpus composed of 1120 occurrences of the search terms, in 74 newspapers. Some theories formed the basis for obtaining the results. Sociolinguistics, for example, guided the research, facilitating the analysis of internal and external linguistic elements. Regarding the internal structures of the language, we studied the syntactic function of the terms found in the analyzed structures. Then the person of the verb to which it referred, as well as gender of the authors and characters who produced the sentences. As for the external elements, it became necessary to make use of another theory to explain the data analysis, that is the Power and Solidarity one, which dichotomy is necessary for an understanding of the relationship between the partners and their reference dialogic choices. Thus, the first factor analyzed was hierarchy and the degree of intimacy between the speakers and the type of social relationship between them. The collection and analysis of these elements are essential to the description of genres in which the occurrences were collected, because the description of the texts, its features, support and purpose, could help and clarify the symmetrical or asymmetrical relations involving the use of the terms "Você" and cognates. Therefore, it was necessary to address also the subject and the genre in which each occurrence was found. The analysis of such terms in relation to its internal and external linguistic factors has led to the conclusion that the nominal form "Vossa mercê" and its do not reflect completely socio-pragmatic asymmetries. The terms "Vossa mercê" and "Você" in most of the data found in this study are part of symmetrical relations, and our hypothesis is only partially proved.

Keywords: "Você"; newspapers of the 18th and 19th centuries; textual genre; Theory of power and solidarity; Brazilian Portuguese of Minas Gerais.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|-----|
| Figura 1: | Página de busca da Hemeroteca Digital..... | 36 |
| Figura 2: | Página de busca por período na Hemeroteca Digital..... | 37 |
| Figura 3: | Imagem de um anúncio da “Pharmacia Americana”..... | 108 |
| Figura 4: | Imagem de um anúncio da “Tipografia Jardim”..... | 108 |
| Figura 5: | Imagem de um anúncio da “Chevrolet”..... | 109 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|--------------------|---|-----|
| Gráfico 1: | Frequência de uso das ocorrências por período..... | 48 |
| Gráfico 2: | Ocorrências com maior número de frequência no P1..... | 49 |
| Gráfico 3: | Ocorrências com maior número de frequência no P2..... | 49 |
| Gráfico 4: | Ocorrências com maior número de frequência no P3..... | 50 |
| Gráfico 5: | Ocorrências com maior número de frequência no P4..... | 51 |
| Gráfico 6: | Objeto Direto (OD) e Objeto Indireto (OI) encontrados por período.... | 55 |
| Gráfico 7: | Termos relativos à função de OD e OI ao longo dos quatro períodos... | 56 |
| Gráfico 8: | Autores relativos ao termo “Você”..... | 72 |
| Gráfico 9: | Autores relativos ao termo “Vossa Mercê”..... | 73 |
| Gráfico 10: | Autores relativos ao termo “Ancê”..... | 74 |
| Gráfico 11: | Autores relativos ao termo “Mecê”..... | 75 |
| Gráfico 12: | Autores relativos ao termo “Vacê”..... | 76 |
| Gráfico 13: | Autores relativos ao termo “Vancê”..... | 76 |
| Gráfico 14: | Autores relativos ao termo “Vocemecê/Vossemecê”..... | 77 |
| Gráfico 15: | Autores relativos ao termo “Vossê”..... | 78 |
| Gráfico 16: | Autores relativos ao termo “Ocê”..... | 79 |
| Gráfico 17: | Personagens relativas ao termo “Você”..... | 81 |
| Gráfico 18: | Personagens relativas ao termo “Vossa Mercê”..... | 82 |
| Gráfico 19: | Personagens relativas ao termo “Ancê”..... | 83 |
| Gráfico 20: | Personagens relativas ao termo “Mecê”..... | 84 |
| Gráfico 21: | Personagens relativas ao termo “Vacê”..... | 85 |
| Gráfico 22: | Personagens relativas ao termo “Vancê”..... | 86 |
| Gráfico 23: | Personagens relativas ao termo “Vocemecê/Vossemecê”..... | 87 |
| Gráfico 24: | Personagens relativas ao termo “Vossê”..... | 88 |
| Gráfico 25: | Personagens relativas ao termo “Ocê”..... | 89 |
| Gráfico 26: | Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P1..... | 93 |
| Gráfico 27: | Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P2..... | 98 |
| Gráfico 28: | Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P3..... | 102 |
| Gráfico 29: | Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P4..... | 106 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-------------------|--|-----|
| Quadro 1: | Total de jornais por período antes do recorte..... | 38 |
| Quadro 2: | Jornais e locais de publicação..... | 38 |
| Quadro 3: | Gêneros Textuais encontrados na pesquisa..... | 40 |
| Quadro 4: | Termos do <i>corpus</i> e suas classificações sintáticas..... | 61 |
| Quadro 5: | Exemplo da coleta de dados..... | 65 |
| Quadro 6: | Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P1..... | 91 |
| Quadro 7: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossa Mercê” no P1..... | 92 |
| Quadro 8: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vocemecê/Vossemecê” no P1... | 92 |
| Quadro 9: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossê” no P1..... | 92 |
| Quadro 10: | Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P2..... | 93 |
| Quadro 11: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossa Mercê” no P2..... | 95 |
| Quadro 12: | Hierarquia e tipo de relação social do “Ancê” no P2..... | 95 |
| Quadro 13: | Hierarquia e tipo de relação social do “Mecê” no P2..... | 96 |
| Quadro 14: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vancê” no P2..... | 96 |
| Quadro 15: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vocemecê/Vossemecê” no P2... | 97 |
| Quadro 16: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossê” no P2..... | 97 |
| Quadro 17: | Hierarquia e tipo de relação social do “Ocê” no P2..... | 98 |
| Quadro 18: | Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P3..... | 99 |
| Quadro 19: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossa Mercê” no P3..... | 100 |
| Quadro 20: | Hierarquia e tipo de relação social do “Ancê” no P3..... | 100 |
| Quadro 21: | Hierarquia e tipo de relação social do “Mecê” no P3..... | 100 |
| Quadro 22: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vacê” no P3..... | 100 |
| Quadro 23: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vancê” no P3..... | 101 |
| Quadro 24: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vossê” no P3..... | 101 |
| Quadro 25: | Hierarquia e tipo de relação social do “Ocê” no P3..... | 101 |
| Quadro 26: | Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P4..... | 103 |
| Quadro 27: | Hierarquia e tipo de relação social do “Ancê” no P4..... | 103 |
| Quadro 28: | Hierarquia e tipo de relação social do “Mecê” no P4..... | 104 |
| Quadro 29: | Hierarquia e tipo de relação social do “Vacê” no P4..... | 104 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 30: Hierarquia e tipo de relação social do “Vancê” no P4..... | 105 |
| Quadro 31: Hierarquia e tipo de relação social do “Vocemecê/Vossemecê” no P4... | 105 |
| Quadro 32: Hierarquia e tipo de relação social do “Ocê” no P4..... | 106 |
| Quadro 33: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P1..... | 109 |
| Quadro 34: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P1..... | 110 |
| Quadro 35: Gênero textual e Assuntos referentes as “Variantes” no P1..... | 110 |
| Quadro 36: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P2..... | 110 |
| Quadro 37: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P2..... | 111 |
| Quadro 38: Gênero textual e Assuntos referentes as “Variantes” no P2..... | 111 |
| Quadro 39: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P3..... | 113 |
| Quadro 40: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P3..... | 114 |
| Quadro 41: Gênero textual e Assuntos referentes as “Variantes” no P3..... | 114 |
| Quadro 42: Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P4..... | 115 |
| Quadro 43: Gênero textual e Assuntos referentes as “Variantes” no P4..... | 117 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-------------------|---|----|
| Tabela 1: | Perspectiva geral dos termos analisados com relação aos cortes temporais... | 46 |
| Tabela 2: | Termos com função de “Sujeito” por período..... | 52 |
| Tabela 3: | Termos com função de “Objeto Direto” por período..... | 54 |
| Tabela 4: | Termos com função de “Objeto Indireto” por período..... | 54 |
| Tabela 5: | Termos com função de “Complemento Nominal” por período..... | 57 |
| Tabela 6: | Termos com função de “Vocativo” por período..... | 58 |
| Tabela 7: | Termos com função de “Frase Nominal” por período..... | 59 |
| Tabela 8: | Gênero referente ao uso do “Você” por período..... | 66 |
| Tabela 9: | Gênero referente ao uso do “Vossa Mercê” por período..... | 67 |
| Tabela 10: | Gênero referente ao uso do “Ancê” por período..... | 68 |
| Tabela 11: | Gênero referente ao uso do “Mecê” por período..... | 68 |
| Tabela 12: | Gênero referente ao uso do “Vacê” por período..... | 69 |
| Tabela 13: | Gênero referente ao uso do “Vancê” por período..... | 69 |
| Tabela 14: | Gênero referente ao uso do “Vocemecê/Vossemecê” por período..... | 70 |
| Tabela 15: | Gênero referente ao uso do “Vossê” por período..... | 70 |
| Tabela 16: | Gênero referente ao uso do “Ocê” por período..... | 71 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|--|
| 1ª PP | 1ª Pessoa do Plural |
| 1ª OS | 1ª Pessoa do Singular |
| 2ª PP | 2ª Pessoa do Plural |
| 2ª OS | 2ª Pessoa do Singular |
| 3ª PP | 3ª Pessoa do Plural |
| 3ª OS | 3ª Pessoa do Singular |
| A | Assunto |
| a | Anúncio |
| A↔L | Personagens não identificados (Autor e Leitor) |
| Aadn. | Adjunto Adnominal |
| Aadv. | Adjunto Adverbial |
| Ap. | Aposto |
| CN | Complemento Nominal |
| F↔F | Personagens Femininos |
| F↔M | Personagens Opostos (Masc. e Fem.) |
| Fem. | Feminino |
| FN | Frase Nominal |
| FS | Função Sintática |
| GF | Gênero Feminino |
| GM | Gênero Masculino |
| GT | Gênero Textual |
| HGI | Hierarquia e Grau de Intimidade |
| Indet. (a) | Indeterminado Anúncio |
| Indet. (p) | Indeterminado Pseudônimo |
| M↔M | Personagens Masculinos |
| Masc. | Masculino |

| | |
|-----|------------------------|
| OD | Objeto Direto |
| OI | Objeto Indireto |
| P | Predicado |
| p | Pseudônimo |
| P1 | Período 1 |
| P2 | Período 2 |
| P3 | Período 3 |
| P4 | Período 4 |
| PO | Predicativo do Objeto |
| PS | Predicativo do Sujeito |
| PV | Pessoa do Verbo |
| S | Sujeito |
| TRS | Tipo de Relação Social |
| V | Vocativo |
| ↔ | Em interação com |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 17 |
| CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA..... | 21 |
| 1.1 A teoria variacionista..... | 21 |
| 1.1.1 Aplicabilidade da teoria variacionista a nosso objeto de estudo..... | 22 |
| 1.1.2 A origem do termo “Você”..... | 23 |
| 1.1.3 A difusão, propagação e regularidade das mudanças linguísticas referentes ao termo “Você”..... | 24 |
| 1.2 Teoria de Poder e Solidariedade..... | 26 |
| 1.2.1 “Vossa Mercê” > “Você” sob a perspectiva da teoria de Poder e Solidariedade..... | 27 |
| 1.3 Gêneros textuais..... | 29 |
| 1.3.1 “Vossa Mercê” > “Você” sob a concepção dos gêneros textuais..... | 30 |
| 1.4 “Vossa Mercê” > “Você” sob a perspectiva da gramaticalização..... | 32 |
| CAPÍTULO 2: FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS..... | 34 |
| 2.1 O suporte jornalístico..... | 36 |
| 2.1.1 Os gêneros textuais no suporte jornalístico..... | 39 |
| 2.1.2 As características sócio-históricas dos jornais mineiros..... | 40 |
| 2.2 Fatores linguísticos analisados..... | 42 |
| 2.3 Fatores extralinguísticos analisados..... | 44 |
| CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 46 |
| 3.1 Fatores linguísticos..... | 52 |
| 3.1.1 Função sintática..... | 52 |
| 3.1.1.1 Termos essenciais da oração..... | 52 |
| 3.1.1.2 Termos integrantes da oração..... | 53 |
| 3.1.1.3 Termos acessórios da oração..... | 58 |
| 3.1.2 Pessoa do verbo/discurso..... | 61 |
| 3.1.3 Gênero (Masculino - GM/Feminino - G F)..... | 65 |
| 3.1.3.1 Autor..... | 71 |
| 3.1.3.2 Assunto (A); Personagens..... | 80 |
| 3.2 Fatores extralinguísticos..... | 91 |

| | |
|---|------------|
| 3.2.1 Hierarquia e grau de intimidade / tipo de relação social..... | 91 |
| 3.2.2 Gênero textual e assunto..... | 109 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 119 |
| REFERÊNCIAS..... | 124 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os pronomes, assim como as formas nominais que os representam, têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, como afirma Nascimento (2011), dividindo-os em quatro vertentes: os que tratam da origem da forma nominal “Vossa Mercê”; da variação entre os pronomes de 2ª pessoa; os da oposição entre a informalidade dos termos derivados do “Vossa Mercê” em relação aos pronomes de tratamento e por fim os que se centram em estudos relacionados à variação da forma plena “Você” e de suas variantes reduzidas “Ocê”, “Cê” em comunidades de fala. Esta pesquisa, por sua vez, abordará a primeira e a segunda vertentes, mas terá como enfoque uma hipótese diferente do que as vertentes acima citadas demonstram.

Com o pressuposto de que a forma nominal “Vossa Mercê” e a forma pronominal “Você” e seus cognatos refletem as assimetrias sócio-pragmáticas nas relações entre os usuários da língua portuguesa, e haja vista os muitos trabalhos produtivos nessa área, no português brasileiro, tal pesquisa se fez necessária para analisar de forma mais detalhada processos não só diacrônicos, mas também sincrônicos que envolvem as mudanças e peculiaridades no uso dessa classe.

Tendo em vista analisar, de forma geral, se as relações sócio-pragmáticas do “Vossa Mercê” > “Você” e de suas variantes, em jornais mineiros oitocentistas e novecentistas, são simétricas ou assimétricas, buscamos o alcance de objetivos específicos como: identificar e quantificar a frequência do “Você” e seus cognatos; analisar os fatores linguísticos, internos a língua, como Função Sintática (FS), Pessoa do Verbo (PV) e Gênero masculino (GM) e feminino (GF); bem como os fatores extralinguísticos, externos à língua, como Hierarquia e grau de intimidade (HGI), Tipo de relação social (TRS), Gênero textual (GT) e Assunto (A); e por fim, verificar as relações pronominais de Poder e Solidariedade.

Para isso, optamos por um suporte textual escrito, que fosse capaz de abarcar o maior número de evidências possíveis de tais indícios. Pensamos, então, no Jornal, pois ele apresenta características que podem ser representativas de uma sociedade, de acordo com a época de sua publicação e por conter gêneros textuais dialógicos, típicos de estratégias de referência.

Buscamos, assim, a Hemeroteca Digital <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>, por tratar-se de um *site* em que grande parte dos Jornais e Revistas do país estão digitalizados, com datas a partir de 1740. Pesquisando por periódicos mineiros, descobriu-se que eles só estavam disponíveis a partir de 1820 a 1979, ou seja, século XIX e XX, período que foi

utilizado para investigar as ocorrências nesta pesquisa, optando-se por fazer um recorte de quatro períodos de 39 anos cada, para se analisar as ocorrências. Nesse espaço de tempo, foram encontradas ocorrências em 74 jornais mineiros, distribuídos em 27 cidades. Alguns exemplos¹ das ocorrências encontradas:

- (1) “Manué! **Você** tá vendenda papé crivido?...”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1828, p. 2, ed. 119).
- (2) “Sua Majestade o Imperador manda remeter a **Vossa Mercê** incluso o officio do Tenente Coronel...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1827, p. 1, ed. 256).
- (3) “Titia, vovó disse *mecê* é muito feia, é uma cascavel.”. (Juiz de Fora, *Echo do Povo*, 1882, p. 3, ed. 48).
- (4) “O juda perdeu o cachimbo e **ancê** pode viaja...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1948, p. 11, ed. 1928).
- (5) “... **vacê** ganha / no jogo boas contia./”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1942, p. 5, ed. 9078).

A pesquisa, aqui descrita, foi dividida em três capítulos, com o intuito de fundamentar-se teoricamente, apresentar os dados e a forma como foram coletados, bem como descrevê-los e analisá-los.

No capítulo 1, fez-se uma revisão de literatura, com o objetivo de se basear em teorias capazes de facilitar a compreensão e descrição dos dados. São elas:

A Teoria Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001) que permitiu explorar os aspectos internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos), que permearam o uso do “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos no século XIX e XX, analisando a origem dessas variações, a difusão e propagação das mudanças linguísticas, bem como sua regularidade.

A Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), que se fez necessária para compreender o tipo de relação sócio-pragmática e as escolhas simétricas ou assimétricas que levaram às possíveis mudanças entre o “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos.

Os Gêneros Textuais (MILLER, 1984; BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2008, entre outros), por se tratarem de atividades discursivas que necessitam da interação entre falantes. Pois, em nossa coleta de dados, foram encontrados mais de 50 diferentes gêneros textuais que, de uma forma geral, apresentaram um caráter de referencialidade, mostrando dialogicidade nas relações entre os falantes.

Por fim, foi abordada de forma sucinta a gramaticalização. Esse tópico se fez necessário, pois o “Vossa Mercê” > “Você”, como muitos autores afirmam (LEHMANN, 1985; HEINE, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; CASTILHO, 1997; ZILLES, 2004; entre outros) é um processo de gramaticalização. Não se trabalhou tal processo de forma detalhada,

¹ Os exemplos serão sempre seguidos de cidade de origem, título do jornal, ano de publicação, página e edição.

pois esse não era nosso objetivo. Mas esperamos que, com os dados da pesquisa, possamos nos ater sobre o processo *a posteriori*.

No capítulo 2, são descritos os aspectos teórico-metodológicos selecionados para alcançar os objetivos desta pesquisa, bem como a descrição detalhada do Suporte Jornalístico, necessário para a realização de uma análise mais completa. Nesse tópico, fez-se, também, a junção entre os gêneros textuais encontrados e esse suporte, além da abordagem das características sócio-históricas que envolveram os jornais mineiros do século XIX e XX.

Em relação aos gêneros textuais que compõem o Suporte Jornalístico, encontramos uma grande variedade deles, tornando necessário analisá-los, levando em consideração as características que os definem, sua referencialidade e a função com a qual foram elaborados, para que os dados sejam investigados de acordo com o objetivo do falante.

Em relação às características sócio-históricas dos Jornais Mineiros, o contexto histórico da época é essencial para se entender as mudanças de caráter diacrônico na língua e, assim, conhecer como era Minas Gerais, mais especificamente a imprensa mineira do século XIX e XX.

Outro aspecto trabalhado nesse capítulo se refere aos fatores linguísticos, internos da língua, significativos para avaliar as mudanças e suas frequências de uso. E também aos fatores extralinguísticos, externos à língua, importantes porque exploram diretamente as relações sócio-pragmáticas entre os usuários da língua. É partindo de ambos, que avaliaremos se a nossa hipótese de trabalho se confirma, ou seja, se as relações entre “Vossa Mercê”, “Você” e seus cognatos seriam um reflexo das assimetrias sócio-pragmáticas da época ou não.

No capítulo 3, são descritos e analisados os dados da pesquisa, dividindo os resultados e especificando-os em: Descrição e Análise dos Fatores Linguísticos, que por sua vez estão organizados em função sintática, em que foram analisados os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração; as pessoas do verbo/discurso; e o gênero masculino e feminino dos autores e dos personagens dos textos em que se encontraram as ocorrências. Quanto à descrição e análise dos Fatores Extralinguísticos, foram organizados em hierarquia e grau de intimidade entre os falantes/tipo de relação social, avaliando as relações de Poder e Solidariedades presentes entre os sujeitos participantes dos textos, bem como os tipos de relação social presente entre os falantes; Gênero Textual e Assunto, que foram de suma importância, pois determinaram, na maioria das vezes, o tipo de linguagem e as escolhas dos falantes. Permitindo que sejam identificados no texto, traços de suas escolhas linguísticas e do contexto social ao qual estava inserido no ato discursivo.

Para a realização das análises acima descritas, foram construídos gráficos, quadros e tabelas, que facilitaram a quantificação e exploração dos dados, em relação aos recursos teóricos até então trabalhados para realização da análise. Em seguida, foram apresentadas as considerações finais. Os dados utilizados estão disponíveis em mídia removível no final do trabalho, para eventual conferência.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 A TEORIA VARIACIONISTA

A tese variacionista apresenta os estudos da língua configurados em um modelo com aspectos linguísticos e sociais, tendo como objeto de estudo a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Seu maior representante é William Labov, tanto que ela é chamada por muitos de “Teoria Laboviana”, pois seus trabalhos são considerados o marco nas pesquisas que analisam as variações e mudanças da língua, envolvendo aspectos linguísticos e levando em consideração os extralinguísticos. Ou seja, em seus trabalhos, o autor trata da relação entre língua e sociedade, analisando a fala em contextos diferenciados e estudando as características sociais que podem interferir nela. Para muitos sociolinguistas, a língua possui uma heterogeneidade sistemática, que caracteriza as diferenças sociais numa determinada comunidade, e os indivíduos dominam esse aspecto heterogêneo como sendo parte de sua competência linguística. (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p. 101).

A viabilidade de analisar o desenvolvimento diacrônico da língua, partindo de estudos sincrônicos, foi impulsionada pelas pesquisas de Labov, iniciadas na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos. Nela, ele mostrou a possibilidade de sistematizar a variação linguística como objeto de estudo, relacionando os fatores extralinguísticos (aspectos sociais) a esse processo. Seus estudos realizados em New York (1966), em que ele descreve e interpreta o fenômeno linguístico, partindo de um contexto social em comunidades urbanas, permitiu que se criasse um modelo de análise ao qual ele chamou de Teoria da Variação ou variacionista. Faraco (1996, p. 36) afirma que nessa última pesquisa realizada por Labov acerca das vogais do inglês de Nova Iorque, ele mostrou que “cada um dos fenômenos discutidos, além das apontadas relações internas, estava em clara relação com a idade, a classe socioeconômica, o sexo, a origem étnica do falante e o estilo da fala”.

Assim, para Labov (1966), o significado social não é compartilhado da mesma forma por todos, pois os falantes dependem, além de outras coisas, dos GT discursivos que utilizam e das esferas ideológicas em que se enquadram, sendo levados a avaliarem de formas diferentes as variantes linguísticas.

Outro princípio que serve de ponto de partida para a assertiva de que muitos estudos empíricos revelam a língua como um sistema variável, de acordo com as mudanças sociais, é a de que a mudança diacrônica está relacionada com a sincrônica, que por sua vez estão correlacionadas com os aspectos da estrutura social que envolve a língua (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Dessa forma, podemos dizer que os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003) nos leva a evidências de que a estrutura linguística e seu contexto social são essenciais para analisar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Não apenas os fatores extralinguísticos ou linguísticos, de forma isolada, são essenciais para tais mudanças, mas sim, um conjunto de variantes internas e externas a língua. Para o autor, que insiste na correlação entre língua e sociedade, a melhor forma de fazer uma análise linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala, permitindo a sistematização de seu uso:

(...) uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação (LABOV, [1972] 2008, p. 19, 20).

As pesquisas realizadas por Labov foram importantes para a construção de uma linguística multidisciplinar, que envolvesse diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Pragmática, a Antropologia, entre outras. Apesar de o seu objeto de estudo estar ligado à fala espontânea, muitas de suas hipóteses e embasamentos nos serviram de base para nossas análises.

1.1.1 APLICABILIDADE DA TEORIA VARIACIONISTA A NOSSO OBJETO DE ESTUDO

Na busca por entender os aspectos das mudanças do “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos, bem como as possíveis implicações sócio-pragmáticas, que possivelmente são responsáveis por esse processo de gramaticalização, foi necessário fazer uso da Teoria citada no tópico acima, pois

a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico

interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo (LABOV, [1972] 2008, p. 19, 20).

A afirmação de Labov nos leva a avaliar a mudança do “Vossa Mercê” > “Você”, no intuito de entender se existem assimetrias sócio-pragmáticas nas relações entre os usuários, considerando esses três problemas: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.

1.1.1.1 A ORIGEM DO TERMO “VOCÊ”

Na língua portuguesa, a forma nominal “Vossa Mercê” sofreu uma mudança de estatuto até alcançar *o status* de pronome pessoal, sob a forma “Você”, como afirma Faraco (1996). De acordo com o autor, a forma nominal era usada para fazer referência ao rei e, com o passar do tempo, foi perdendo o aspecto formal e dando lugar ao uso entre aristocratas de um mesmo nível social. Num estágio mais avançado, passou a ser usado em oposição ao pronome pessoal “Tu”, de inferiores para superiores. De acordo com Peres (2007, p. 157), em “Portugal, a partir do século XIII, é que o rei começa a distinguir-se das outras classes e somente no século XV ele consegue eliminar qualquer autoridade contrária a sua”. Antes disso, era difícil distingui-lo dos demais nobres.

Não existe consenso entre os pesquisadores da área sobre o surgimento do “Vossa Mercê”, sua generalização e uso, juntamente com sua perda fonética, que deu origem ao pronome “você”.

Cintra (1972), afirma que o “Vossa Mercê” foi introduzido na língua portuguesa no século XIV e, especialmente, no século XV, aparecendo pela primeira vez na Actas das Cortes, em 1331, como expressão de designação ao rei. Luz (1956, p. 300) confirma esse dado, mas fala de a probabilidade da expressão ter surgido antes dessa época. Por sua vez, Faraco (1996) fala do aparecimento do termo em textos de Fernão Lopes, mostrando que os nobres já se tratavam dessa forma. Porém, Nascentes (1956) e Said Ali (1976), asseveram que o “Vossa Mercê” nessa época ainda não era muito difundido como expressão pronominal.

Para Faraco (1996), o tratamento diferenciado ao rei era justificado socialmente. Em decorrência das mudanças que os países sofreram por volta do século XII, a nobreza, a burguesia e o clero começaram a ganhar força e representantes na corte. Com as descobertas das colônias e as navegações marítimas, a figura do rei começou a ter prestígio novamente, e o pronome “Vós” já não bastava para designar sua figura única, surgindo assim a necessidade de utilizar outras expressões pronominais.

A perda de *status* do “Vossa Mercê” se deu em decorrência da generalização de seu uso a outras figuras da corte, além do rei e da rainha. Sua banalização levou a mudanças semânticas e fonológicas, gerando mudanças sonoras (PHILLIPS, 1984 e 2001 *Apud* PERES, 2006; BYBEE, 2001 e 2003) e desencadearam no surgimento do termo “Você” e de seus cognatos. O uso do “Vossa Mercê” é reduzido por volta do século XIX, como afirma Lopes e Duarte (2003, p. 11).

1.1.1.2 DIFUSÃO, PROPAGAÇÃO E REGULARIDADE DAS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS REFERENTES AO TERMO “VOCÊ”

Lopes e Machado (2005), revisitando o tema, afirmam que a forma original “Vossa Mercê” e suas variantes, apesar de coexistirem, passam a divergir funcionalmente a partir de meados do século XVIII:

A forma vulgar passa a ser produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir em algumas ocasiões, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida. No Brasil, a concorrência entre *tu* e *você* se dá nas relações solidárias mais íntimas. Tais valores, entretanto, permanecem disponíveis, principalmente, no português europeu em que *você* não se generaliza como ocorre no Brasil. Aqui tal estratégia não era negativamente marcada (LOPES; MACHADO, 2005, p. 64).

Autores, como Lopes e Duarte (2003), defendem o início do processo de pronominalização do “Vossa Mercê” a partir do século XVIII, afirmando que não existia diferenciação entre o uso do “Vossa Mercê” e do “Você”, pois eles seriam simétricos, no que se refere às relações sócio-pragmáticas. Os autores apontam ainda a efetivação do processo de gramaticalização, que envolve esse processo no início do século XIX.

Já Said Ali (1976) afirma, que no século XIV a forma nominal “Vossa Mercê” ainda não tinha se cristalizado como pronome. Futuramente, com a generalização de seu uso para outras figuras da sociedade, além do rei, é que ganharia o *status* de pronome. Já para Luz (1956), ele passou a perder seu caráter honorífico por volta de 1490.

Menón (2000) defende a ideia de que a forma “Você” já existia na linguagem oral do Brasil há muito tempo, datando o início do uso do termo em 1880, por meio de pesquisas em cartas escritas de Minas Gerais.

De acordo com Duarte (1993), em pesquisas realizadas em peças teatrais escritas no Rio de Janeiro, nos séculos XIX e XX, a forma “Você” passa a ser praticamente de uso

exclusivo a partir do início do século XX, onde fazia oposição ao pronome “Tu”, que retornou a dividir a cena com o “Você” no final do mesmo século.

No Brasil, se torna clara a predominância do uso do “Você”, atualmente, na maioria dos estados, com exceção de algumas partes da Região Sul, Nordeste e Norte do país, em que ainda se usa o “Tu” concordando com o verbo em terceira pessoa do singular (PERES, 2007).

Assim, de forma resumida, e de acordo com as palavras de Labov ([1972] 2008, p. 152),

na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

Podemos afirmar que, na sua *origem*, confinada ao uso de poucas pessoas, partindo de um os termos “Vossa Mercê”, “Você” e suas variantes foram variações com uso restrito e honorífico até ganhar *status* de pronome pessoal. Na sua *propagação*, o “Você” passou a ser adotado por números tão amplos de falantes, que passou a contrastar com a forma mais antiga, o “Vossa Mercê”, ao longo de uma ampla frente de interação social. E no seu *término*, essa mudança alcançou *regularidade* pela eliminação de variantes concorrentes, como é o caso do “Vossa Mercê” e alguns de seus cognatos, como veremos mais adiante.

Para Labov (2008 [1972]), existe uma relação entre os processos estruturais da língua e seus aspectos extralinguísticos, no que se refere às variações linguísticas, quando ele afirma que, “estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos” (p. 140). Portanto, a Teoria Variacionista foi essencial para analisarmos as mudanças que ocorreram entre o “Vossa Mercê”, o “Você” e seus cognatos, referentes à aplicabilidade de seu uso frente as possíveis assimetrias sócio-pragmáticas, partindo das relações entre os fatores linguísticos (internos e estruturais da língua) e extralinguísticos (fatores sociais).

Em nossas análises, e visando a nosso objeto de estudo, “Vossa Mercê”, “Você” e seus cognatos, optamos por uma visão panorâmica, detectando as mudanças do item através de uma trajetória ao longo do tempo, sem descartar a importância de seu sentido e usos em momentos específicos.

1.2 TEORIA DE PODER E SOLIDARIEDADE

A Teoria de Poder e Solidariedade é um modelo inicialmente proposto por Brown e Gilman (1960), em que a dicotomia Poder e Solidariedade torna-se necessária, para se entender as relações entre os interlocutores e suas escolhas referenciais dialógicas.

Os autores analisaram as regras de tratamento em mais de vinte línguas, em sua maioria indo-europeias, e chegaram à conclusão de que os pronomes de tratamento, referentes à 2ª pessoa do discurso, estão envolvidos em relações de Poder e Solidariedade. Ou seja, nas palavras de Rumeu (2011, p. 115), essa teoria “permite discutir o tipo de relação social que subjaz ao uso de uma dada forma pronominal ou forma nominal de tratamento”.

Brown e Gilman (1960) determinam o Poder como sendo o controle que um falante exerce numa situação de interação. Para que isso ocorra, é necessário existir uma assimetria entre no mínimo dois falantes, que devem estar interagindo socialmente. Podemos perceber essa assimetria representada no tratamento hierárquico, que envolve fatores como a idade, por exemplo, o diálogo de um idoso com um jovem, de geração, de um pai para um filho e de autoridade, de um juiz para um cidadão comum (MACHADO, 2008).

Para Brown e Gilman (1960), a relação de Poder não é recíproca e existem algumas condições prévias, que determinam quem, entre duas pessoas ou mais, detém mais poder nas relações sociais. Essas condições podem envolver os fatores acima citados (idade, geração, autoridade), como também outros, como riqueza, força física, sexo, e papéis sociais institucionalizados. Assim, o falante escolhe a forma pronominal a ser usada, de acordo com o polo de poder que ele ocupa, surgindo às relações assimétricas.

O parâmetro do *poder* refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Esse controle do comportamento de um sobre o outro desemboca numa assimetria no tratamento. A relação de *poder* entre duas pessoas não é recíproca, pois ambos não têm poder na mesma área de comportamento e a consequência disso é a eleição de certas formas de tratamento diferentes em função da hierarquia que se estabelece entre os interlocutores (LOPES; DUARTE, 2003, p. 8).

Já a Solidariedade é tratada como o oposto. As relações entre os falantes são simétricas, ou seja, de igual para igual. Como afirma Machado (2008, p. 27), “essas relações simétricas derivam fundamentalmente dos atributos de sexo, parentesco e filiação de grupo, que, por sua vez, estão ligados às ideias de afinidade, semelhança, afeto e agrado”. Rumeu (2011, p. 116 e 117) confirma as palavras de Machado (2008), quando diz que

a semântica do *Poder* se manifesta nas relações interpessoais por meio do uso assimétrico e não recíproco do *Vous*¹. Em relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *Tu* e é tratado por *Vous*. A semântica da *Solidariedade* se expressa pelo uso de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores. O uso recíproco do pronome *Tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível observar-se o uso recíproco da forma de tratamento *Vous* entre os interlocutores, o que permite entender o relacionamento entre iguais (*classe alta*) como um relacionamento movido pela *Solidariedade*.

Sobre a explicação do *Vous*, a autora afirma em nota, que

as autores opõem *Tu* a *Vous* utilizando o francês como referência, embora as línguas humanas tenham soluções distintas para o estabelecimento das relações de *Poder* e *Solidariedade* (formas nominais de tratamento cortês, formas pronominais etc.). Entenda-se, pois, *Vous* como forma de distanciamento, polidez e/ou cortesia, *Poder* e o *Tu* como forma de intimidade, *Solidariedade* (RUMEU, 2011, p. 117).

É, portanto, perceptível que a *Solidariedade* é representada por um mesmo nível de hierarquia social, de igualdade, permitindo estabelecer alguns tipos de relação, que de acordo com Lopes e Duarte (2003), podem ser:

- a) De superior para inferior (patrão-empregado, pai-filho, etc.);
- b) De inferior para superior (criada-patroa, filho-pai, etc.);
- a) Membros de um mesmo grupo social (classes populares);
- b) Membros de um mesmo grupo social (classes não-populares);

Para Gonçalves (2008, p. 215), “a filosofia base do modelo proposto pelos autores é a ideia de que os falantes pertencem a classes sociais e que ficam sujeitos às forças de poder e solidariedade, conforme a posição que ocupam na hierarquia.” Para o autor, esse modelo é muito limitado, existindo apenas dentro de um universo social.

1.2.1 “VOSSA MERCÊ” > “VOCÊ” SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DE PODER E SOLIDARIEDADE

Sob essa perspectiva do universo social, mas sem descartas as estruturas internas da língua, é que buscaremos validar a hipótese de que o uso dos termos “Vossa Mercê”, “Você” e seus cognatos representam assimetrias sócio-pragmáticas dentro de determinado contexto interacional.

Brown e Gilman (1960) trabalham sob uma perspectiva diacrônica da língua, usando pronomes de 2ª pessoa T/V, em que T seria representado pela *Solidariedade*, ou seja, em tratamentos íntimos, com relações de igualdade e sem reverência e o V seria o *Poder*, geralmente usado de inferior para superior, com maior reverência.

Andrade (2010) nos dá indícios, por meio de pesquisas realizadas por Lucca (2005) e Dias (2007), que essa semanticidade de *Poder* já não é mais tão usual, pelo menos nas culturais ocidentais. Essa estratificação social, que permitia um uso mais reverente, era mais comum no passado.

Em relação ao uso do “Vossa Mercê”, “Você” e seus cognatos, podemos extrair, dos trabalhos de Lucca (2005) *apud* Andrade (2010) e de Dias (2007) *apud* Andrade (2010) a perspectiva de que diferentes pronomes podem ser encaixados na Teoria de *Poder e Solidariedade*, incluindo o “Você”, que faz parte de nosso objeto de estudo. As autoras tratam em seus trabalhos da variação entre *você* e *tu*, no português falado em Brasília, e o trabalho da última corrobora o da primeira.

Fica claro que, as questões relacionadas à teoria, nem sempre podem ser avaliadas de forma simples, pois fatores sociais, ou seja, extralinguísticos, tornam complexa a classificação de uma variante como sendo de *Poder* ou de *Solidariedade*. Portanto, a teoria de *Poder e Solidariedade* alavanca nossa hipótese de que as diferentes formas de nosso objeto de estudo, encontradas no *corpus* selecionado, refletem as assimetrias sócio-pragmáticas, nas relações entre os usuários da língua portuguesa.

1.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Através dos gêneros textuais (GT), os usuários de uma língua constroem seus enunciados comunicativos, ou seja, eles são as formas e características que o indivíduo encontra para se expressar, dependendo do contexto situacional e social no qual ele está inserido no momento do ato comunicativo.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua (...) que se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (...) Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Neste âmbito de comunicação, o sujeito tem a possibilidade de construir seu discurso através da elaboração de enunciados, ou textos, que, dependendo do contexto social e situacional, podem variar na estética, na formulação, dando origem aos mais variados gêneros textuais ou discursivos². De acordo com Bakhtin (1997, p. 280), “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”.

Para Swales (1990, p. 33), os gêneros, atualmente, “são usados para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Os GT podem também ser classificados como o trato da língua em seu cotidiano nas mais diferentes formas (MILLER, 1984), permitindo-nos perceber que, para cada situação comunicativa, existe um modelo estável de texto que servirá para colocar em prática um objetivo específico de comunicação (BHATIA, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2008). Por exemplo: no trato face a face, podemos fazer uso do diálogo, convite, mensagem, discurso. Já ao ver televisão, interagimos com propagandas, anúncios, debates. Ao acessar a internet, fazemos uso de *chats*, lemos mensagens, *e-mails*. Essas construções e usos são inesgotáveis.

Para Bronckart (1999, p. 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Marcuschi (2008, p. 155) também caracteriza os gêneros textuais afirmando que se “referem aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes”.

² Não abordaremos qual expressão, Gênero Textual, Gênero do Discurso ou Gênero Discursivo, é mais conveniente de se usar, ambas têm o mesmo significado, e podem ser utilizadas num mesmo sentido, a não ser quando se quer enfatizar um uso específico, como afirma Marcuschi (2008, p. 154).

1.3.1 “VOSSA MERCÊ” > “VOCÊ” SOB A PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

De acordo com o caminho teórico traçado até agora, percebe-se que a mudança ocorrida entre os termos “Vossa Mercê” e “Você” possui inúmeros aspectos a serem abordados. Os gêneros textuais são um deles:

Os gêneros do discurso são padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetos de situações sociais diversas. Por esse motivo, apresentam relativa estabilidade, mas seu acabamento foi (e continua sendo) constituído historicamente (CAVALCANTE, 2012, p. 45).

Assim, é necessário trabalhar o conceito de GT pela variedade que encontramos em nossa coleta de dados. Foi um total de mais de 50 diferentes GT que, de uma forma geral, apresentaram um caráter de referencialidade, mostrando dialogicidade e interação entre os autores dos textos e os leitores.

Tendo em vista que, “os gêneros não são em nada neutros quanto ao contexto social e histórico” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 285), pode-se destacar que eles são importantes na análise de nossa hipótese sobre os tipos de relação social envolvidos e as situações sócio-pragmáticas em torno do *cline* “Vossa Mercê” e “Você”.

Uma nuance necessária a ser esclarecida reside no fato de que, apesar de a oralidade abarcar os principais gêneros dialógicos, como a conversação face a face, a escrita também pode trabalhar a estratégia de referenciação, por meio de alguns gêneros específicos, como é o caso da transcrição de diálogos, e das representações escritas de situações cotidianas que representam a oralidade, como as histórias em quadrinho ou a charge.

Essa dialogicidade que alguns autores, como Machado (2008), caracteriza como típica dos GT orais, pode ser contestada, quando Bakhtin (1997) afirma que todo enunciado, ou seja, toda unidade de comunicação verbal, é dialógica. Para o autor, sempre que usamos a língua, fazemos pensando no outro, não existindo uma palavra que não seja de alguém. Pois, para o autor, toda compreensão responsiva de um todo verbal é dialógica. Assim, até mesmo nos monólogos existe um diálogo.

Marcuschi (2003, p. 34-35) reforça nossa justificativa de usar um *corpus* escrito numa pesquisa sociolinguística quando afirma que,

no geral, quem se dedica aos estudos da relação entre língua falada e língua escrita, sempre trabalha o *texto falado* e raramente analisa a língua escrita. No entanto, suas observações são muitas vezes sob a ótica da escrita. Por outro lado, as afirmações

feitas sobre a escrita fundam-se na gramática codificada e não na língua escrita enquanto texto e discurso. Em suma, o que conhecemos não são nem as características da fala como tal nem as características da escrita; *o que conhecemos são as características de um sistema normativo da língua.*

Dessa forma, podemos também trabalhar as mudanças sociolinguísticas, partindo da escrita e não apenas da oralidade porque, apesar das diferenças entre ambas, elas possuem algo em comum: refletem o contexto social e de uso de determinada época. Como afirma Marcuschi (2008, p. 21): “fala e escrita são atividades comunicativas e práticas sociais situadas; em ambos os casos temos o uso *real* da língua”.

Bakhtin (1997, p. 282) afirma que não se pode ignorar a natureza do enunciado e as particularidades dos GT que assinalam a variedade do discurso: “Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular, ou seja, dos diversos GT do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica”.

Assim, diante de uma análise que leva em conta fatores linguísticos e extralinguísticos, fez-se necessário fazer uso dos embasamentos teóricos que circundam a Teoria dos GT, já que

a separação entre estilo e o gênero repercute de um modo muitíssimo nefasto sobre a elaboração de toda uma série de problemas históricos. As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança (BAKHTIN, 1997, p. 285).

Para o autor, o estilo é um elemento indissolúvel do GT e as mudanças, que ocorrem na língua, se efetuam num GT do discurso. Assim, não poderíamos deixar de observá-los, diante do objeto de estudo deste trabalho.

1.4 “VOSSA MERCÊ” > “VOCÊ” SOB A PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO

As mudanças linguísticas não são isoladamente sincrônicas ou diacrônicas, mas apresentam ambas as perspectivas. Ou seja, os dois aspectos convivem no processo de gramaticalização de um termo. Fica evidente que

o sincrônico e o diacrônico lançam luzes também sobre as mudanças que ocorreram no passado, na medida em que se podem admitir, com base no Princípio do Uniformitarismo, que as forças e restrições que proporcionam as mudanças em curso numa dada língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já concluídas (LABOV, [1972] 2008, p. 21).

Hopper e Traugott (1993) estabelecem uma distinção entre gramaticalização sincrônica e diacrônica, mostrando que a primeira trata de um processo mais sintático, discursivo-pragmático, que pode ser estudado sob uma perspectiva mais voltada para o uso linguístico e a segunda seria mais histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e os caminhos das mudanças que os afetam.

Assim, foi estabelecida nesta pesquisa uma relação entre sincronia e diacronia, ou seja, uma visão pancrônica, em que se analisa o objeto de estudo sob uma perspectiva diacrônica, visando às mudanças que ocorrem no léxico ao longo dos anos e ao mesmo tempo sincrônica, não descartando o fenômeno discursivo-pragmático.

Analisando os processos de gramaticalização que envolveram o “Vossa Mercê” > “Você”, percebeu-se que esse não foi um processo isolado, mas consequência de uma mudança encaixada linguística e socialmente (LOPES, 2003).

O “Vossa Mercê”, que significa “vosso favor” ou “vossa graça”, por meio de um processo de gramaticalização, deu origem à expressão “Você”. Ou seja, um item lexical (*vossa mercê*) adquiriu um *status* gramatical (*você*), partindo de uma forma de tratamento para um pronome pessoal (FARACO, 1996).

O “Vossa Mercê”, a partir do século XV, passou a substituir o tratamento cortês universal “Vós”, de início pela nobreza e posteriormente pela burguesia, que exigiam um tratamento diferenciado. Esse processo começa de cima para baixo e se dissemina pela comunidade, perdendo sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se, como é o caso de “Vossa Mercê” > “Vosmecê” > “Você” (LOPES, 2003).

Portanto,

sintaticamente, *vossa mercê* foi reanalisado como uma única expressão: recategorizou-se como uma forma de tratamento e, posteriormente, como um

pronome pessoal. Com relação à sua semântica, *vossa mercê* (“vosso favor”) foi reinterpretado, através de processos metafóricos e metonímicos, como uma forma de tratamento ao rei (de “os favores prestados” para “aquele que prestava os favores”) (NASCIMENTO, 2011, p. 50).

Essa afirmação de Nascimento (2011) vai ao encontro com o que Castilho (1997) disse, reafirmando que a gramaticalização envolve processos de recategorização e mudanças (morfológicas e semânticas) até alcançar um novo *status*. No caso do “Vossa Mercê”, a expressão sofreu mudanças e deixou de ser uma expressão nominal, alcançando a forma pronominal “Você”. Essa noção pode ser definida, segundo Vitral (1996, p. 116), “como a ampliação dos limites de um morfema cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”.

Lopes (2003), Peres (2006) e Gonçalves (2008) afirmam que, no processo de gramaticalização, distintos na língua pelo qual “Vossa Mercê” passou, originando o pronome “Você”, as duas formas percorreram caminhos distintos, na língua: enquanto “Vossa Mercê” tinha mobilidade na frase, “Você” era usado apenas na função de sujeito pré-verbal, expandindo-se lentamente para outros contextos.

De acordo com Lopes (2003), outra característica desse processo de mudança da forma “Você” é o de não expressar unicamente referência definida, o pronome (“Você”) passa a expressar também a referência indefinida.

Percorrendo um quadro teórico funcionalista, Lopes e Duarte (2007) apontam que a gramaticalização é um processo gradual, um fenômeno contínuo. Isso explica as perdas e ganhos, em termos de propriedades formais e semânticas, na pronominalização de “Vossa Mercê” > “Você”, quando ocorreu a mudança de categoria de nome para pronome.

Ao estudar os aspectos da gramaticalização, geralmente se opta por uma perspectiva, seja diacrônica ou sincrônica. Na primeira busca-se destacar a trajetória do item investigado, ao longo do tempo, até alcançar a mudança, em que itens lexicais se tornam gramaticais e itens gramaticais podem se tornar mais gramaticais ainda. E na segunda são considerados os padrões fluidos da linguagem, sob um ponto de vista semântico-discursivo-pragmático (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Portanto, o objeto de estudo aqui explorado pode ser configurado como sendo um processo de gramaticalização. Entretanto, o foco desta pesquisa é as relações sócio-pragmáticas que envolveram seu uso e a escolha do falante diante dos termos em mudança.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As pesquisas com pronomes pessoais no Português do Brasil têm sido muito produtivas e nos tem permitido analisar de forma mais detalhada processos não só diacrônicos, mas também sincrônicos, que envolvem as mudanças e peculiaridades no uso dessa classe. Para Machado (2008, p. 23)

a descrição do quadro dos pronomes pessoais da língua portuguesa contemporânea, principalmente no que diz respeito à chamada segunda pessoa do discurso no Português do Brasil, tem sido inegavelmente uma área profícua para muitas discussões motivadas, fundamentalmente, pela percepção da sensível distância entre os reais usos e a prescrição da maioria dos compêndios gramaticais.

Pensando-se nisso, escolhemos um *corpus* que abarcasse GT discursivos de caráter dialógico, que possibilitam uma interação entre os sujeitos falantes, pois sabemos que eles são típicos de estratégias de referenciação. Conforme Machado (2008, p. 33),

sabe-se que as estratégias de referência ao interlocutor são exclusividade de determinados gêneros textuais; assim, faz-se necessária, obrigatoriamente, a escolha de textos que apresentem dialogicidade, ou seja, que reflitam a interação direta entre emissor e receptor em uma situação comunicativa. Tem-se conhecimento também de que a modalidade que abriga, por excelência, esses gêneros é a oral; no entanto, a apreensão dessa modalidade só é possível através de uma tentativa de representação da oralidade na escrita.

Apesar de a oralidade abarcar os principais GT, como a conversação face a face, a escrita também pode trabalhar a estratégia de referenciação por meio de alguns GT específicos, como é o caso da transcrição de diálogos, e das representações escritas de situações cotidianas que representam a oralidade, como as histórias em quadrinho ou a charge.

Há vários trabalhos que tratam do “Você” no português oral, e mais especificamente na fala espontânea: Coelho (1999), Andrade (2004), Peres (2006), Gonçalves (2008), Nascimento (2011), entre outros. Quanto à língua escrita, nenhum dos autores teve jornais como *corpus*: Coelho (2001) trabalhou com cantigas e textos contemporâneos, Chaves (2006), Rumeu (2004 e 2012) e Lopes (2008) analisaram cartas, Lopes e Duarte (2007) e Machado (2008) utilizaram peças teatrais. A ausência de estudos tendo jornais como *corpus* nos leva a justificar um diferencial de nossa pesquisa em relação ao nosso objeto de estudo.

Vários estudos, como os de Paredes Silva (1999), Lopes e Duarte (2002, 2003), Rumeu (2001 e 2004), Lopes e Machado (2005), entre outros, reconheceram que a forma “Você” passou a ser usada no português do Brasil no século XIX. Portanto, escolhemos

jornais mineiros dos séculos XIX e XX, pois são importantes períodos históricos para a configuração da língua portuguesa e da cultura do Brasil, em oposição ao português europeu e sua cultura.

Sobre os cognatos que envolvem esse processo de mudança, Lopes (2008, p. 1), revisitando o tema, afirma que a forma original “Vossa Mercê” e suas variantes, apesar de coexistirem, passam a divergir funcionalmente a partir de meados do século XVIII:

[A] forma vulgar *você* torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*. No Brasil, a concorrência passa a ser maior entre *tu* e *você* em relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX. Tais valores, entretanto, permanecem disponíveis, principalmente, no português europeu em que *você* não se generaliza como ocorre no Brasil.

É sob essa perspectiva que analisamos, justamente a partir do século XIX, essas semelhanças e divergências entre as várias formas do “Você”.

Optamos por descrever os dados coletados dividindo-os em grupos de quatro períodos, com 39 anos cada, no intuito de facilitar a análise dos dados, assim divididos:

- Período 1 (P1): início do século XIX, de 1820 a 1859.
- Período 2 (P2): final do século XIX, de 1860 a 1899.
- Período 3 (P3): início do século XX, de 1900 a 1939.
- Período 4 (P4): final do século XX, até o último jornal mineiro postado no *site* da Hemeroteca Digital, de 1940 a 1979.

2.1 O SUPORTE JORNALÍSTICO

Para contemplar essa busca por GT dialógicos³ na escrita, nos deparamos com um suporte textual capaz de abarcar uma grande diversidade deles, o Jornal. Como atestado por Tarallo (2012, p. 58): “Ao ler um jornal, você observará que, apesar de procurar refletir a norma padrão, a presença de traços variáveis da fala se faz sentir”. O material coletado nos leva a perceber esses traços da oralidade, não só nos jornais, como também em outros GT escritos, como pode ser verificado no *corpus* disponível no Apêndice.

Nossa pesquisa se concentrou na escrita, particularmente no suporte jornalístico, pelo fato de ele ser “determinado pelo modo de produção dos meios de comunicação de massa e por manifestações culturais de cada sociedade onde as empresas jornalísticas estão inseridas. Precisando, portanto, serem estudados como um fenômeno histórico” (MEDINA, 2001, p. 45). Assim, a escrita jornalística reflete a língua escrita da época de sua publicação.

O *corpus* selecionado para a pesquisa foi retirado do *site* da Hemeroteca digital (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>), um portal de periódicos e de publicações seriadas que permite a consulta de um vasto acervo, pela internet. Por meio dela, pesquisadores podem ter acesso livremente, sem ônus, a títulos que remetem desde os primeiros jornais até os escritos no século XX. A consulta ao acervo é plena e avançada, podendo ser realizada de qualquer aparelho conectado à internet.

A figura abaixo mostra a página de buscas:



Figura 1 - Página de busca da Hemeroteca Digital

Fonte: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>

³ Os gêneros discursivos são considerados dialógicos, à medida que são produzidos no intuito de buscar uma atitude responsiva entre locutor e interlocutor.

O pesquisador pode buscar o que deseja por meio de título, período, edição, local de publicação e até mesmo por palavras. Esse último recurso é possível, em decorrência da utilização de uma tecnologia de reconhecimento ótico de caracteres (*Optical Character Recognition* - OCR), que permite uma maior eficiência na pesquisa em periódicos. Além da assinatura oficial do Ministério da Cultura, a Hemeroteca Digital também é reconhecida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

Na pesquisa realizada, foram buscados o item “Você” e seus cognatos, como se pode ver na figura abaixo:

A imagem mostra uma interface de usuário para a Hemeroteca Digital, especificamente a seção de busca por período. No topo, há três abas: 'PERIÓDICO', 'PERÍODO' e 'LOCAL'. A aba 'PERIÓDICO' está selecionada. Abaixo, o título 'Pesquisa por Período' precede quatro etapas de seleção: 1 - 'Escolha um período' com o menu aberto mostrando '1970 - 1979'; 2 - 'Escolha um local' com o menu aberto mostrando 'MG'; 3 - 'Escolha um periódico' com o menu aberto mostrando 'Todos'; e 4 - 'Digite para pesquisar' com um campo de texto vazio. Um botão azul 'Pesquisar' está localizado à direita do campo de texto.

Figura 2 - Página de busca por período na Hemeroteca Digital

Fonte: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>

Escolheram-se os períodos (décadas, seção 1), iniciando-se pelo que primeiro apresentou um jornal em Minas Gerais (seção 2), isto é, de 1820 a 1829. Em seguida, pesquisamos em “todos” os periódicos (seção 3) e, finalmente indicamos o item a ser buscado pelo sistema.

A Hemeroteca apresentou um total de 329 diferentes jornais no período selecionado para esta pesquisa, isto é, de 1820 a 1979. Como dito anteriormente, agruparam-se essas décadas em quatro períodos. Cada um apresentou o seguinte número de jornais, sendo que o mesmo periódico pode se repetir no decorrer dos períodos:

Quadro 1 - Total de Jornais por período antes do recorte

| PERÍODO | TOTAL DE JORNAIS |
|-----------------|------------------|
| 1 (1820 a 1859) | 30 |
| 2 (1869 a 1899) | 182 |
| 3 (1900 a 1939) | 62 |
| 4 (1940 a 1979) | 55 |

Todos esses dados⁴ foram coletados, mas devido ao grande número de ocorrências encontradas e da demanda de tempo para análise, optamos por fazer um recorte do *corpus*, para um número de 30 jornais por período, tornando-o mais acessível a comparações dos dados. Os demais dados coletados, que também se mostraram relevantes, serão posteriormente utilizados, numa futura análise *stricto sensu*, em uma tese de doutorado.

No quadro abaixo, tem-se o recorte dos jornais que foram usados na pesquisa e suas respectivas cidades. Foram selecionados, dentre os quatro períodos, um total de 74 jornais, referentes a 27 cidades:

Quadro 2 - Jornais e seus respectivos locais de publicação

| Local de publicação | Jornal | Total |
|--------------------------|--|-------|
| 1. Abaeté | <i>Abaeté; Vossa Senhoria; Abaeté=Jornal;</i> | 03 |
| 2. Alfenas | <i>O Archivo;</i> | 01 |
| 3. Alto Rio Doce | <i>A Sentinella; Alto Rio Doce;</i> | 02 |
| 4. Araguari | <i>Gazeta do Triangulo;</i> | 01 |
| 5. Baependi | <i>O Baependyano; O Patriota;</i> | 02 |
| 6. Bagagem | <i>O Palladio;</i> | 01 |
| 7. Barbacena | <i>Correio de Barbacena; Paraybuna;</i> | 02 |
| 8. Brazópolis | <i>Brazopolis;</i> | 01 |
| 9. Caratinga | <i>O Município;</i> | 01 |
| 10. Conceição | <i>Conceição do Serro;</i> | 01 |
| 11. Conselheiro Lafaiete | <i>Autonomo; Correio da Semana; Jornal de Queluz; O Democrata; O Ensaio; O Progresso; Voz do Collegio;</i> | 07 |
| 12. Diamantina | <i>Monitor do Norte; O Jequitinhonha;</i> | 02 |
| 13. Ituiutaba | <i>Folha de Ituiutaba;</i> | 01 |
| 14. Janaúba | <i>O Gorutuba;</i> | 01 |
| 15. Juiz de Fora | <i>Correio de Minas; Echo do Povo;</i> | 02 |
| 16. Leopoldina | <i>O Leopoldinense; Gazeta do Leste;</i> | 02 |
| 17. Montes Claros | <i>Gazeta do Norte; O Operario;</i> | 02 |
| 18. Monte Carmelo | <i>Correio Carmelitano;</i> | 01 |
| 19. Muriaé | <i>Gazeta de Muriaé;</i> | 01 |
| 20. Nanuque | <i>Folha de Nanuque; Dois Mundos; Comunitário; Roteiro de Unificação;</i> | 04 |
| 21. Ouro Preto | <i>A Actualidade; A Ordem; A União; Constitucional; Correio Oficial de Minas; Diario de Minas; Jornais de Ouro Preto; Liberal Mineiro; Minas Geraes; Noticiador de Minas; O Bem Público; O Bom Senso; O Estado de Minas geraes; O Universal; Ouro Preto;Tribuna de Ouro Preto;</i> | 16 |
| 22. Paraopeba | <i>Gazeta de Paraopeba; O Buraco; O Binoculo;</i> | 03 |
| 23. Patos de Minas | <i>Jornal Do Município; O Commercio;</i> | 02 |
| 24. Pouso Alegre | <i>O Mineiro; O Recopilador Mineiro; A Razão;</i> | 03 |

⁴ Os dados foram coletados, organizados e quantificados em mídia removível, disponível na parte final deste trabalho.

| | | |
|-------------------------|---|-----------|
| 25. São Joao Del-Rei | <i>A Ordem; A Verdade Política; Astro de Mina; O Arauto de Minas; O Constitucional Mineiro;</i> | 05 |
| 26. Uberaba | <i>Lavoura e Commercio; O Volitivo;</i> | 02 |
| 27. Uberlândia | <i>A Tribuna; O Estado de Goyaz; O Bandeirante; O Reporter; Correio de Uberlandia;</i> | 05 |
| TOTAL DE JORNAIS | | 74 |

Apesar da editoração e de uma possível revisão dos textos, comum em GT jornalísticos, encontramos a conservação de marcas da oralidade, até mesmo porque os jornais mais antigos, como afirma Dias (2003), ainda não possuíam um Manual de Redação, como muitos da imprensa atual possuem. De acordo com Bahia (1990), Dias (2003) e Erbolato (2004), esses manuais tratam de regras criadas para normatizar a escrita jornalística, tendo surgido no final do período novecentista. Dessa forma, podemos dizer que os Jornais pesquisados, como a amostra de dados pode comprovar, possuem uma linguagem mais informal do que os atuais.

2.1.1 OS GÊNEROS TEXTUAIS NO SUPORTE JORNALÍSTICO

Como afirma Marcuschi (2008, p. 149), “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. Assim, percebendo que ao se comunicar sempre fazemos uso de um GT, e que estes exercem uma função linguística dentro do discurso, seja oral ou seja escrito, tornou-se necessário conhecer e abordar os que fazem parte do contexto de nossa pesquisa.

Pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. Aliás, esse será um aspecto bastante interessante, pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma (MARCUSCHI, 2008, p. 151).

Por trabalhar com Jornais, torna-se necessário entender esse suporte e os GT que ele abarca. Essa é uma questão ainda em andamento, porque muitas são as nomenclaturas para um texto mais complexo que envolva textos mais simples. Entre eles pode-se destacar o conceito de Bakhtin (2006) que diz que existem gêneros secundários, ou seja, mais complexos, que abarcam gêneros mais simples, chamados de primários. Um exemplo dado pelo autor é o romance, que pode abranger em seu interior outros mais simples, como o diálogo, a carta, uma receita, entre outros.

Dominique Maingueneau (2001) classifica essa modalidade que abarca outros textos de *médium*. O autor ainda observa que esses textos não são apenas simples ‘meios’, ou seja, meros instrumentos de transporte de outros textos, mas sim suportes, lugares importantes reservados a manifestação material do discurso.

Foi adotada nesta pesquisa a concepção de Marcuschi (2008) sobre suporte, em que ele é caracterizado como um *locus*, seja físico ou virtual, sendo a base para que o GT se materialize como texto, possuindo um formato específico, de acordo com o objetivo ao qual ele se propõe.

O *corpus* trabalhado se compõe de mais de 50 GT do discurso, que transitam, em sua maioria, entre oralidade e escrita, podendo ser usados em ambas as esferas, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 3 - Gêneros Textuais encontrados na pesquisa

| GT encontrados na pesquisa usados na ORALIDADE e na ESCRITA | GT encontrados na pesquisa usados apenas na ESCRITA |
|---|---|
| Anedota; Anúncios; Campanha; Cantigas populares; Chamada; Charada; Conselhos; Conto; Convite; Crítica literária; Crônica; Curiosidades; Denúncia; Diálogo; Discursos Ditado popular; Enquete; Fofoca; Horóscopo; Instrução; Memórias; Mensagens; Música; Nota; Notícias; Oração; Peças teatrais; Piada; Poema; Poesia; Propaganda; Recado; Reportagem; Sessões oficiais; Sonetos; Trovas; Votos de felicitação; | Artigos; Bilhete; Biografia; Carta ao leitor; Carta do leitor; Carta oficial; Carta pessoal; Charge; Coluna jurídica; Coluna social; Editorial; Ensaio; Epigrama; HQ; Requerimento; Romance; Texto eleitoral; |

Neste trabalho, não serão definidos nem desenvolvidos todos os gêneros textuais encontrados, por fugir do escopo da pesquisa. A ambiguidade, entre os que são ao mesmo tempo orais e escritos, nos permite rever o caráter dialógico que permeiam esses textos. Para Bakhtin (2006, p. 125)

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

2.1.2 AS CARACTERÍSTICAS SÓCIO-HISTÓRICAS DOS JORNAIS MINEIROS

As principais cidades mineiras do século XIX foram Ouro Preto, Juiz de Fora, Barbacena, São João Del Rei e Diamantina (MARTINS, 1980), o que coincide com o grande número de jornais dessas localidades e as referências que os demais fazem às mesmas.

De acordo com Martins (1980), o padrão de vida das pessoas estava em um meio termo, nem era o mais alto, e também não era o mais baixo, relacionado a outras regiões do Brasil nessa época. Como muitas ocorrências mostram, essa época, em todo Brasil, era marcada pela escravidão.

O jornalismo surgiu em Minas Gerais de forma moderada, ao contrário de outras localidades, como Rio de Janeiro, por exemplo, em que a imprensa ganhou força e destaque rapidamente. O primeiro Jornal mineiro foi o *Compilador Mineiro*, criado em outubro de 1823. Nessa época, outros estados já possuíam publicações atuantes (MENDES, 2005).

Mendes (2005) aponta a fragilidade dos jornais mineiros na primeira metade do século XIX, mostrando como um diferencial o jornal *O Universal*, de Ouro Preto, localidade em que a imprensa se concentrava. Mas, por volta de 1827, o autor afirma que surgiram outros jornais em locais em que a mineração era importante. Algumas localidades, no Sul de Minas e na região da Zona da Mata, ganharam também, destaque da imprensa, uma vez que, com a decadência da extração de minérios, essas localidades se tornaram polos de outras atividades, como a agropecuária, por exemplo.

A nova capital, que tinha o nome Cidade de Minas (hoje se chama Belo Horizonte), já nasce com uma imprensa diversificada. Antes mesmo de sua fundação, que ocorre em 12 de dezembro de 1897, a nova capital já contava com cinco periódicos. Em 1902, quatro anos após a sua fundação, já havia surgido na cidade 41 jornais e 8 revistas (MENDES, 2005, p. 1).

O mesmo autor afirma que mesmo que o jornalismo não tenha se consolidado com a rapidez de outros estados, muitas foram as personalidades que exerceram papel fundamental na imprensa jornalística e que são da região de Minas Gerais. É o caso de Padre Viegas, de Frei Veloso e de Hipólito da Costa.

Ainda destaca que os primeiros jornais mineiros impressos foram o *Compilador Mineiro* (1823), *Abelha do Itaculomy* (1824), o *Universal* (1825), o *Companheiro do Conselho* (1825) e o *Diário do Conselho* (1825). O diretor do primeiro jornal da província também foi o padre Viegas, que esteve à frente do *Compilador Mineiro*.

No século XIX, 87 cidades mineiras foram palco de inúmeras publicações. Entre elas, a principal era, até então, a capital da província Ouro Preto, onde surgiram 163 periódicos. Depois aparece Uberaba, com 57 publicações, e Juiz de Fora, com 55. Um destaque importante é que essas duas cidades não faziam parte do circuito do ouro, o que permite perceber que a imprensa acompanha o movimento da população, que partiu das regiões em que o minério era principal fonte e migrou para outras regiões. Assim, localidades na região

do Triângulo Mineiro e de outras localidades ganharam destaque na imprensa de Minas Gerais (MENDES, 2005).

2.2 FATORES LINGUÍSTICOS ANALISADOS

Ao analisar os termos “Você”, “Vossa Mercê” e seus cognatos, quanto aos seus Fatores linguísticos, descreveram-se sua função sintática, a pessoa do verbo e o gênero (masculino/feminino).

Quanto à Função Sintática (FS), ela foi classificada em:

- Termos essenciais da oração (sujeito - S / predicado - P / predicativo do sujeito - PS / predicativo do objeto - PO); Excluímos o P, pois, mesmo que o termo venha expresso no predicado, haverá outra análise, relativa a sua relação com o verbo; e PS e PO, uma vez que surgiram poucas evidências de tais fatores em nossas análises.
- Termos integrantes da oração (objeto direto - OD, objeto indireto - OI e complemento nominal - CN);
- Termos acessórios da oração (Vocativo - V); não incluímos em nossa tabela o Adjunto Adnominal - Aadn, Adjunto Adverbial - Aadv e Aposto - A, uma vez que não foram encontrados na pesquisa.

Essa divisão não é unânime a todas as gramáticas. Bechara (2004), por exemplo, não faz uso de uma divisão em termos, trabalhando uma abordagem de cada item, unidos em um único tópico. Cunha e Cintra (2007) e Cegalla (2008) trabalham a sintaxe dividindo-a em termos essenciais, integrantes e acessórios. É partindo desses autores que se optou, neste trabalho, por uma divisão semelhante, pois torna o manuseio dos dados mais fáceis. Luft (2008) também tem uma perspectiva semelhante à dos autores, a única diferença é o trato com vocativo, pois o autor o analisa separadamente.

Foram quantificadas também as frases nominais, pela sua quantidade significativa. Mas, neste trabalho, tais frases não foram analisadas sintaticamente. Bechara (2004) as define como uma frase sem núcleo verbal (p. 540), e afirma que “em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal, e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração”. Cunha e Cintra (2007) e Cegalla (2008) as definem, também, como sendo uma frase sem verbo.

O segundo ponto trabalhado faz referência à Pessoa do Verbo: 1ª pessoa do singular (1ªPS) e plural (1ª PP), 2ª pessoa do singular (2ª PS) e plural (2ª PP), 3ª pessoa do singular (3ªPS) e plural (3ª PP). No decorrer das análises e quantificações, mostrou-se necessário

quantificar, também, a pessoa do Discurso (1ª pessoa - a que fala; 2ª pessoa - com quem se fala; e 3ª pessoa - de quem se fala) nos moldes acima. Tal divisão tornou-se necessária para se comprovar a premissa de que os termos analisados são usados como pronome de 2ª pessoa em relação ao discurso, mas referentes a verbos de 3ª pessoa, mostrando que, nem sempre, o “Você” e seus cognatos fazem referência à pessoa do verbo, mas sim à pessoa do Discurso, ou seja, ao interlocutor.

Sobre isso, a maioria das gramáticas apresenta o “Você” como pronome de tratamento de 2ª pessoa com verbo de 3ª pessoa. Said Ali (2001) afirma que o termo surgiu do “Vossa Mercê” e acabou por perder seu significado original. Já Almeida (2005) o coloca como pronome de 3ª pessoa.

A última característica, referente aos fatores internos, diz respeito ao Gênero (masculino - GM e feminino - GF). Ao coletar os dados, percebeu-se que o GM e o GF variavam de acordo com quem escrevia o texto, o autor, e de quem fazia parte deles, os personagens. Essa característica é típica dos GT encontrados no suporte jornalístico, e diferem de outros textos, cujo autor é protagonista da narrativa. Na maioria dos enunciados coletados, existe uma busca pelo contato com o leitor que, como se sabe, é indefinido. Quanto ao autor, em alguns casos, ele também não é específico. Tais fatores dificultam a análise quanto ao GM ou GF do falante.

Na busca para solucionar esse impasse, decidimos quantificar o gênero referente ao autor do texto, e o gênero referente aos personagens do texto, quando esse os tivesse, uma vez que alguns gêneros encontrados não possuem personagens, como é o caso do anúncio, da propaganda, dos artigos jornalísticos, entre outros.

Um aspecto perceptível na pesquisa é que o número de ocorrências não coincide com a quantidade de GM e GF, seja referente ao autor ou ao personagem. Isso ocorre porque em um único texto, de um único autor, podem surgir mais de uma ocorrência referente ao termo pesquisado. Outro ponto a ser destacado é que no mesmo texto podem, também, aparecer mais de um GM ou GF, visto que muitos se tratam de transcrições de diálogos, que envolvem uma interação entre diferentes falantes.

Existem ainda os gêneros indeterminados. Quanto ao Autor, ele surge quando o texto não vem com sua autoria, o que é comum em anúncios, propagandas, anedotas, algumas reportagens, entre outros. Já em relação aos Personagens, eles são indeterminados, quando o texto faz referência a um interlocutor não identificado, é o mesmo caso dos textos acima citados como exemplo.

2.3 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS ANALISADOS

Ao analisar os fatores extralinguísticos, levamos em consideração a Hierarquia e o Grau de Intimidade (HGI) entre os falantes, relacionado ao Tipo de Relação Social (TRS). Em seguida, foram coletados os GT em que surgiram as ocorrências e os assuntos (A) abordados por cada um deles.

Referente à HGI entre os falantes, relacionado ao TRS, classificamos as ocorrências encontradas de acordo com a Teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960), cuja oposição torna-se fundamental para analisar as relações entre os falantes e suas escolhas referenciais dialógicas. Assim, as relações de hierarquia foram divididas em:

- As que indicam *Poder*, em que de acordo com Brown e Gilman (1960), são as relações assimétricas entre dois falantes que interagem socialmente, e que será aqui classificada como *Superior/Inferior* e *Inferior/ Superior*.

Exemplos:

(6) “... e este o dispertou da illusão, disendo-lhe= ó Fulano, **voce**...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1829, p. 2. ed. 384). - Relação de Superior/inferior. Falantes: um sargento para seus inferiores.

(7) “... **vancê** parece que não sabe caminhar.”. (Juiz de Fora, *Correio de Minas*, 1896, p. 2, ed. 31). - Relação de Inferior/superior. Falantes: um caboclo para um viajante.

- As de Solidariedade, que são simétricas, ou seja, de igual para igual, aqui denominadas como de *Igualdade*.

Exemplo:

(8) “Imagine **vocemecê** o assombramento de vosso compadre...”. (Baependi, *O Baependyano*, 1883, p. 1, ed. 284). - Falantes: duas comadres.

- E as que não se classificam em nenhuma dessas características, pois em decorrência do suporte textual jornalístico, alguns gêneros não são definidos por essas relações sociais. A essas ocorrências chamaremos de *indefinido*.

Exemplo:

(9) “/Que **você** por mais um triz?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1870, p. 4, ed. 49). - Falantes: Indefinido. Poema sem autoria.

Nosso último tópico de análise extralinguística diz respeito ao *Gênero Textual* e o *Assunto*. Essa identificação torna-se necessária, à medida que as formas comunicativas são variadas e podem influenciar nas escolhas linguísticas do falante.

Um impasse, encontrado na pesquisa, foi o fato de o suporte textual jornalístico ser escrito e sua possível editoração e correção dificultarem a exploração de uma linguagem mais espontânea, como é o caso da fala. Mas, o que seria impasse tornou-se o diferencial do nosso trabalho, pois poucos trabalhos exploram o GT jornalístico, buscando avaliar neles mudanças na língua. Para Marcuschi (2003, p. 19) “a presença da escrita, mesmo criada pelo engenho humano tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou”. Eis a importância de analisarmos um *corpus* como o dos GT jornalísticos.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Foram encontradas na pesquisa muitas variantes do “Vossa Mercê” > “Você”. Escolhemos, dentre todas, as que possuíam números acima de dez ocorrências, como o “Ancê”, “Mecê”, “Vacê”, “Vancê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê” e “Ocê”, que serão apresentadas a seguir. “Vocemecê” e “Vossemecê” foram agrupadas pela semelhança e pela pouca quantidade de cada uma individualmente, e mantidas pela significativa importância no processo de mudança entre o “Vossa Mercê” > “Você”. Foram, também, coletados e quantificados “Vamicê”, “Vaçuncê”, “Vassuncê” e “Vosmecê”, “Cancê”, “Dancê”, “Vassumecê”, “Vauncê”, “Voncê”, “Voscê”, “Vomecê”, “Vosmicê”, “Vossamercê”, “Vossemecê”, “Sumcê”, “Vecê” e “Vucê”, mas nenhum deles participou da pesquisa, apesar de úteis para os estudos sobre gramaticalização. Porém, os quatro primeiros foram analisados e encontram-se disponíveis no *corpus*. Sua frequência foi baixa, tornando-os menos relevantes para a elucidação da hipótese aqui proposta e, por isso, não foram usados.

Para uma visão geral dos dados, apresenta-se abaixo uma tabela com a frequência das ocorrências dos termos pesquisados por período:

Tabela 1 - Perspectiva geral dos termos analisados com relação aos cortes temporais

| Período | Você | | Vossa mercê | | Ancê | | Mecê | | Vacê | | Vancê | | Vocemecê/Vossemecê | | Vossê | | Ocê | | TOTAL | |
|--------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|--------------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|------------|
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| 1 | 27 | 3,5 | 16 | 29,1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 19 | 4 | 9,5 | 0 | 0 | 51 | 4,5 |
| 2 | 184 | 24,1 | 37 | 67,3 | 9 | 30 | 3 | 13 | 0 | 0 | 34 | 31,8 | 13 | 62 | 37 | 88,1 | 13 | 41,8 | 330 | 29,7 |
| 3 | 183 | 24 | 2 | 3,6 | 3 | 10 | 8 | 34,8 | 1 | 9,1 | 27 | 25,2 | 0 | 0 | 1 | 2,4 | 28 | 38,8 | 253 | 22,6 |
| 4 | 370 | 48,4 | 0 | 0 | 18 | 60 | 12 | 52,2 | 10 | 90,9 | 46 | 43,0 | 4 | 19 | 0 | 0 | 26 | 19,4 | 486 | 43,2 |
| TOTAL | 764 | 100 | 55 | 100 | 30 | 100 | 23 | 100 | 11 | 100 | 107 | 100 | 21 | 100 | 42 | 100 | 67 | 100 | 1120 | 100 |
| % | 68,2 | | 4,9 | | 2,8 | | 2,0 | | 1,0 | | 9,5 | | 1,9 | | 3,7 | | 6,0 | | 100 | |

Observando-a, em concomitância com os jornais e respectivas cidades apresentadas anteriormente, percebe-se que:

No P1, foram encontrados apenas os termos “Você”, “Vossa mercê”, “Vocemecê/Vossemecê” e “Vossê”. Exemplos:

(10) “O **vo**ç**ê** **vo**ç**ê** também he dos republicanos?”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1830, p. 3, ed. 373).

(11) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173).

(12) “Se **vosse** não jurar o que sabe contra o Narciso e o Padre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1828, p. 4, ed. 196).

No P2, o número total de ocorrências aumenta (de 4,5% para 29,7%), em relação ao P1, e o termo “Vacê”, assim como os não encontrados em P1, não apresentam nenhuma ocorrência nesse período. Exemplos:

(13) “... que **vossa mercê** não me quiz mais honrar com suas apreciáveis letras ...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 3, ed.12).

(14) “SI **ANCÊ** VAI IEU TAMBEM VÓRTO.”. (Ouro preto, *A Actualidade*, 1878, p. 3, ed. 35).

No P3, esses valores diminuem pouco, apenas 7,1% (de 29,7% para 22,6%) e apenas os termos “Vocemecê/Vossemecê” não foram encontrados. Exemplos:

(15) “... a **você** a ultima palavra.”. (Conselheiro Lafaiete, *Jornal de Lafayette*, 1933, p. 1, ed. 47).

(16) “_**Mecê** já foi...no circo...?”. (Uberaba, *Lavoura e Comércio*, 1934, p.16, ed. 6246).

Já no P4, o número total de ocorrências praticamente duplica em relação ao período anterior (de 22,6% para 43,2%), não sendo encontrados nesse período os termos “Vossa Mercê” e “Vossê”. Exemplos:

(17) “**Vacê** sorrirá por certo...”. (Conselheiro Lafaiete, *Correio da Semana*, 1940, p. 3, ed. 1167).

(18) “Hoje venho inscrevê pra **vancê** esta carta.”. (Caratinga, *O Município*, 1940, p. 2, ed. 458).

Assim, os três termos mais frequentes de cada período são:

- P1 – “Vossa Mercê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê”;
- P2 – “Vossê”, “Vossa Mercê”, “Vocemecê/Vossemecê”;
- P3 – “Mecê”, “Vancê”, “Você”;
- P4 – “Vacê”, “Ancê”, “Mecê”.

O gráfico abaixo corrobora a tabela acima, permitindo perceber que períodos como o 1 e o 3 obtiveram baixos índices de frequência dos termos:

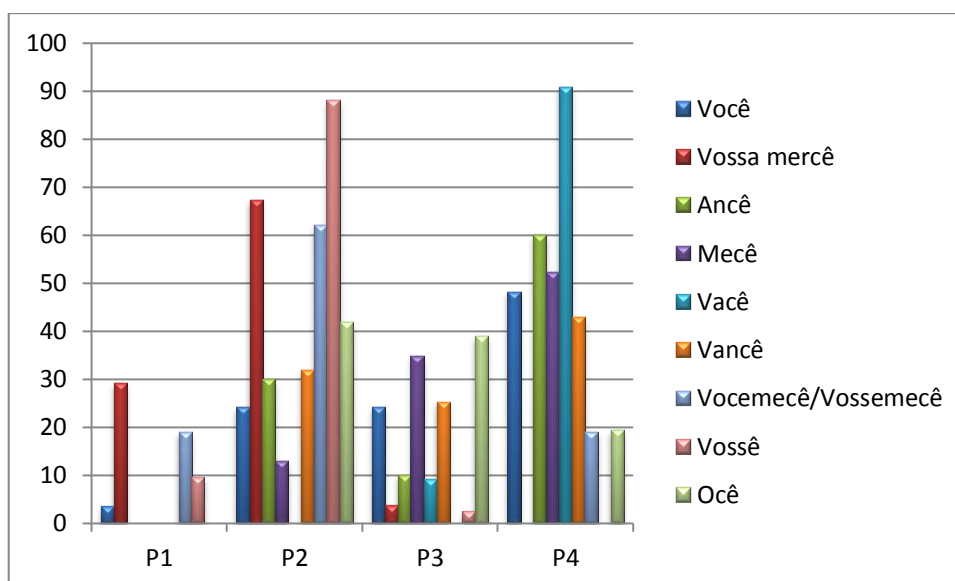


Gráfico 1 - Frequência de uso das ocorrências por período

Doravante, faz-se um recorte mais detalhado por período. Para isso, utilizaram-se os gráficos *pizza* do Programa Excel, que permitem exibir a contribuição de cada valor em relação a um total, sendo utilizados quando esses valores são somados ou quando há apenas uma série de dados e todos os valores são positivos. Dessa forma, os dados abaixo não serão exatamente iguais aos da tabela acima, apesar de baseados nos valores por ela disponibilizados em relação a cada período, porque não constam na pizza valores iguais a zero.

Como dito anteriormente, o P1 tem destaque para o “Vossa Mercê” e o “Vocemecê/Vossemecê”, encontrando-se ainda nesse período o “Vossê” e o “Você” com frequências menores. Como se pode perceber, “Vossa mercê”, nessa fase, bastante usado, já convivia com seus cognatos.

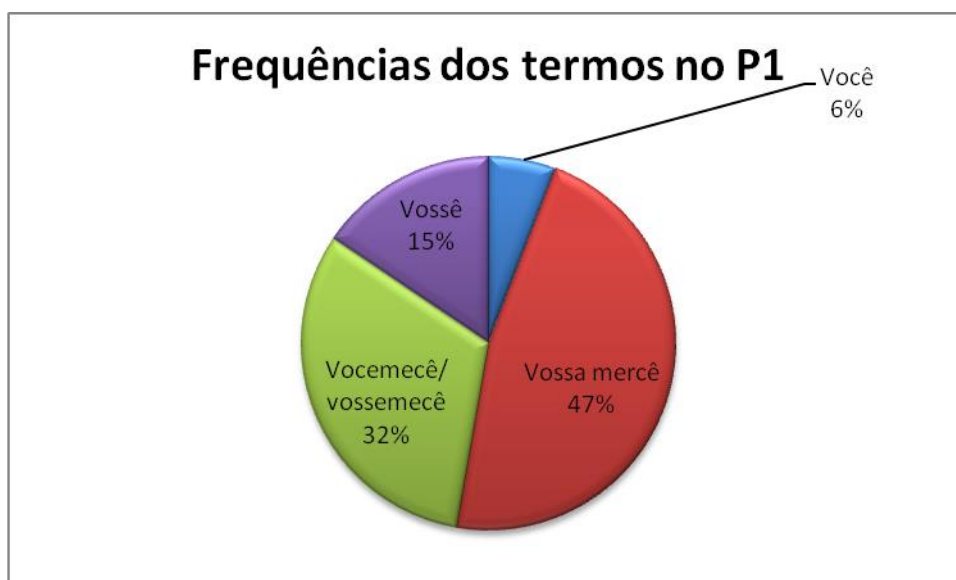


Gráfico 2 - Ocorrências com maior número de frequência no P1

Exemplos:

- (19) “... pois **você** acredita que meu compadre...”. (Ouro Preto, 1830, p. 4, ed. 414).
 (20) “...sou de **vossa mercê** atento venerador creado.”. (S. João Del Rei, *Astro de Minas*, 1828, p. 6, ed. 103).
 (21) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173).
 (22) “Que diabo de arenga está **vossê** ahi enfiando?”. (São João Del Rei, *O Constitucional Mineiro*, 1833, p. 3, ed. 52).

Como se pode ver no gráfico abaixo, no P2, o “Vossê” é a forma mais frequente, seguida de “Vossa mercê” e de “Vocemecê/Vossemecê”. Representando esses valores em gráfico temos:

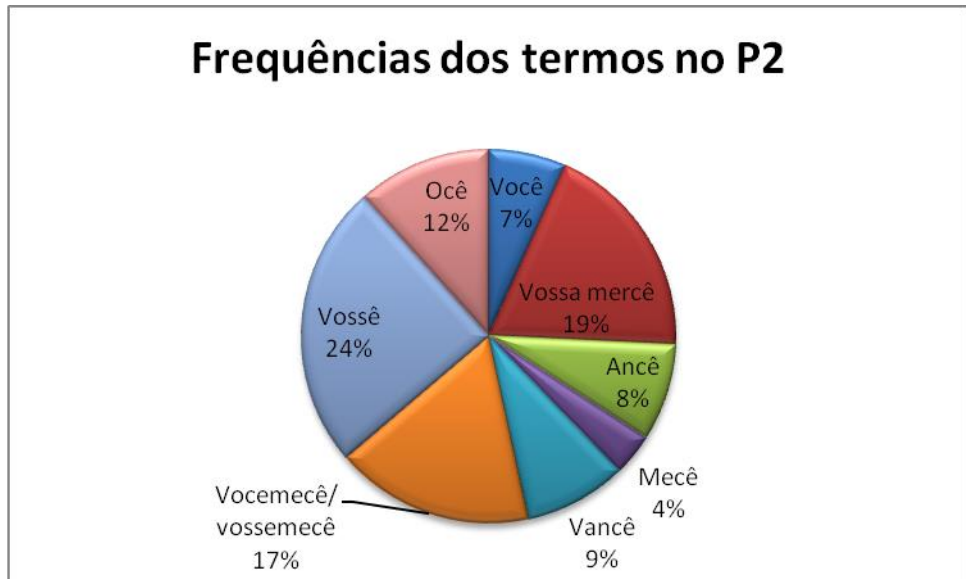


Gráfico 3 - Ocorrências com maior número de frequência no P2.

Exemplos:

(23) “_**Vossa mercê** já leu os jornaes de hoje?”. (Bagagem, *O Palladio*, 1886, p. 1, ed. 11).

(24) “_E para que **vossê** quer saber?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1862, p. 3, ed. 27).

(25) “Arrumo em **vossemecê** o serrote bem no meio da testa.”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1882, p. 3, ed. 87).

No P3, encontram-se valores significativos dos termos “Ocê” e “Mecê”, como mostra o gráfico abaixo:

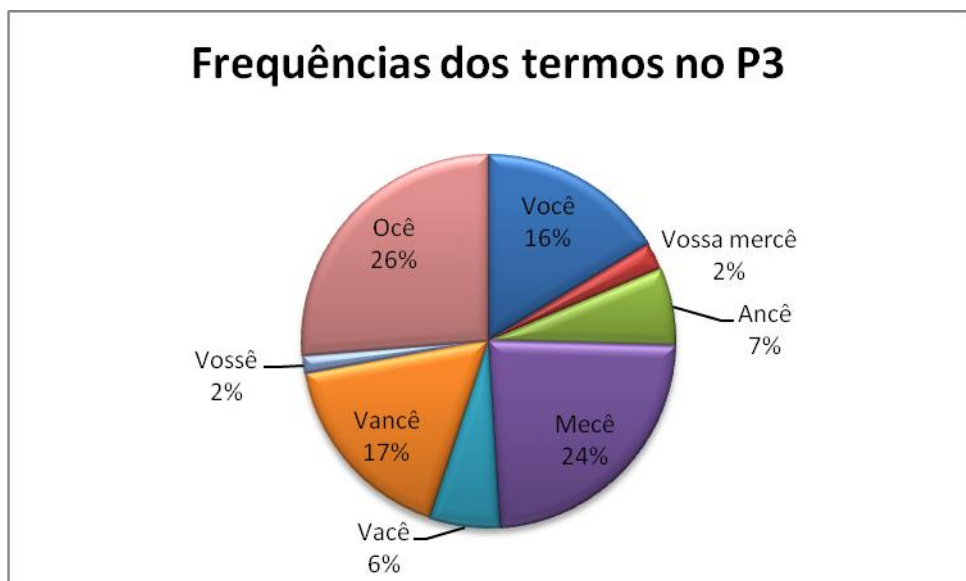


Gráfico 4 - Ocorrências com maior número de frequência no P3.

Exemplos:

- (26) “... todo dia **ocê** fala que vai fechá...”. (Pouso Alegre, *A Razão*, 1936, p. 2, ed. 22).
 (27) “_**Mecê** já foi...no circo...?”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 16, ed. 6246).

No P4, o “Vossa mercê” já não foi mais encontrado, mas outros termos como “Vacê”, “Ancê” e “Mecê” apresentaram resultados significativos, como mostra o gráfico abaixo:

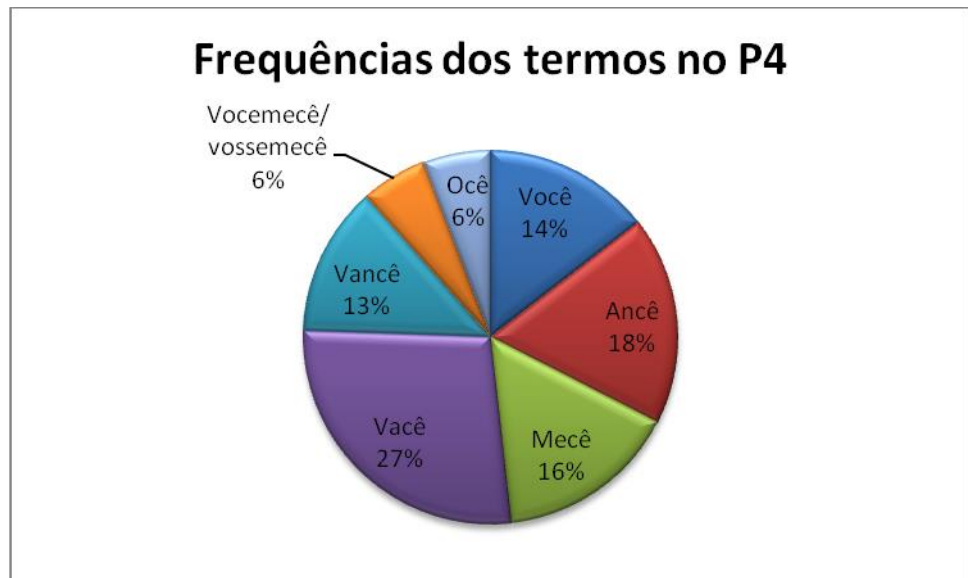


Gráfico 5 - Ocorrências com maior número de frequência no P4

Exemplos:

- (28) “O juda perdeu o cachimbo e **ancê** pode viaja...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1948, p. 11, ed. 1928).
 (29) “Pelo amó de Mãe do sinhó que **mecê** num chegô nem a cunhecê.”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1949, p. 9, ed. 14809).
 (30) “... **vacê** ganha / no jogo boas contia./”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1942, p. 5, ed. 9078).

Pode-se assim concluir que, no decorrer da pesquisa, foram encontrados vários cognatos das expressões “Vossa Mercê” e “Você”. Ao longo desse tempo, todos os termos conviveram numa mesma esfera sociocultural, e as nuances dessa convivência serão melhor analisadas nos tópicos seguintes.

A seguir, serão abordadas as possíveis relações assimétricas ou simétricas que envolvem o uso do “Vossa Mercê” e “Você” e suas variantes, além dos fatores linguísticos (internos às estruturas linguísticas) e os extralinguísticos (externos à língua).

3.1 FATORES LINGUÍSTICOS

Os fatores linguísticos tornam-se importantes na pesquisa, na busca por elucidar o papel que as mudanças internas à língua exerceram diante da hipótese proposta por essa pesquisa. Dessa forma, dividimos esses fatores em função sintática, pessoa do verbo e do discurso e gênero dos autores e falantes dos textos.

3.1.1 FUNÇÃO SINTÁTICA

Trataremos aqui da análise e da descrição dos termos, de acordo com seu papel sintático nas frases. Optamos por detalhar esse tópico em termos essenciais da oração, que são sujeito, predicado e predicativos; termos integrantes da oração, que são os complementos verbais e nominais; e os termos acessórios, que são os vocativos, apostos e adjuntos.

3.1.1.1 TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Quantificados os dados, foram encontrados apenas os elementos com funções sintáticas de *Sujeito* (S). A tabela abaixo mostra a frequência de uso dos termos com função de S:

Tabela 2 - Termos com função de sujeito por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|--------------------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|
| | n. | % | n. | % | n | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 23 | 79,3 | 118 | 54,1 | 113 | 67,1 | 249 | 72,9 | 503 | 67,1 |
| <i>Vossa mercê</i> | 1 | 3,5 | 21 | 9,6 | 1 | 0,7 | 0 | 0 | 23 | 3,1 |
| <i>Ancê</i> | 0 | 0 | 6 | 2,8 | 3 | 2 | 18 | 5,4 | 27 | 3,6 |
| <i>Mecê</i> | 0 | 0 | 2 | 0,9 | 6 | 3,8 | 9 | 2,6 | 17 | 2,3 |
| <i>Vacê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0,7 | 10 | 3 | 11 | 1,5 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 28 | 12,8 | 17 | 11,2 | 31 | 9,2 | 76 | 10,0 |
| <i>Vocmecê/Vossemecê</i> | 2 | 6,9 | 5 | 2,3 | 0 | 0 | 3 | 0,9 | 10 | 1,3 |
| <i>Vossê</i> | 3 | 10,3 | 28 | 12,8 | 1 | 0,7 | 0 | 0 | 32 | 4,3 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 10 | 4,6 | 21 | 13,8 | 20 | 6 | 51 | 6,8 |
| Total | 29 | 100 | 218 | 100 | 163 | 100 | 340 | 100 | 750 | 100 |
| % | 3,9 | | 29,1 | | 21,7 | | 45,3 | | 100 | |

No P1, temos o “Você”, “Vossê” e “Vocmecê/Vossemecê” e o “Vossa Mercê”, como termos que se apresentaram com a função de S. Os demais termos, apresentados na tabela, não exerceram essa função sintática nesse período. Abaixo, alguns exemplos:

- (31) “... pois **você** acredita que meu compadre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1830, p. 4, ed. 414).
 (32) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173).

No P2, quase todos os termos, com exceção do “Vacê”, tem função de S, sendo o “Você” (54,1%) o com maior incidência, seguido do “Vancê” e “Vossê” (ambos com 12,8%).

Exemplos:

- (33) “-- Já disse que **você** conhece F. e T. etc.”. (Ouro Preto, *A Ordem*, 1890, p. 3, ed. 69).
 (34) “... **vancê** parece que não sabe caminhar.”. (Juiz de Fora, *Correio de Minas*, 1896, p. 2, ed. 31).

O mesmo ocorre no P3, em que praticamente todos os termos têm frequentemente a função de S, com exceção do “Vocemecê/Vossemecê” que não apresentou nenhuma ocorrência nesse período. Dentre os termos mais usados como S., temos o “Você” (67,1%), “Ocê” (13,8%) e o “Vancê” (11,2%), como exemplificado abaixo:

- (35) “Por estas virgens florestas, 2
 Muito, muito para lá, 2
 Passou o homem... Sei quo destas
Você decifrará...”. (Cidade da Conceição, *Conceição do Serro*, 1904, p. 4, ed. 6)
 (36) “Isso é p’ra **oce** deixá de ser fingida...”. (Abaeté, *Abaeté=Jornal*, 1953, p. 3, ed. 102).
 (37) “/**vancê** me chamou de azedo./”. (Ouro Preto, *Ouro Preto*, 1900, p. 2, ed. 8).

Já no P4, dois termos não apresentaram nenhuma ocorrência com função de S, o “Vossa Mercê” e o “Vossê”. Os demais mostraram números significativos, sendo que o “Você” (67,1%), “Vacê” (9,2%) e o “Ocê” (6%) foram os mais frequentes, como exemplificado abaixo:

- (38) “**Vacê** sorrirá por certo...”. (Conselheiro Lafaiete, *Correio da Semana*, 1940, p. 3, ed. 1167).
 (39) “**Ocê** disse que ia pescá agóra abriu a tornêra.”. (Uberlândia, *O Repórter*, 1955, p. 1, ed. 2320).
 (40) “**Você** está muito acanhado, Geraldo.”. (Paraopeba, *O Binoculo*, 1954, p. 2, ed. 1)

Assim, pode-se chegar à conclusão de que todos os termos pesquisados apresentam a função de S, sendo o “Você” o termo mais recorrente nesta função em todos os períodos.

3.1.1.2 TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Os itens analisados, com função de Complementos Verbais (Objeto Direto - OD e Objeto Indireto - OI), foram significativos nos jornais pesquisados. As tabelas abaixo nos mostram a frequência dos termos com as funções de OD e de OI por período:

Tabela 3 - Termos com função de “Objeto Direto” por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|---------------------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|
| Termos | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 2 | 20 | 32 | 62,7 | 15 | 65,2 | 35 | 92,1 | 84 | 68,9 |
| <i>Vossa mercê</i> | 6 | 60 | 6 | 11,8 | 1 | 4,3 | 0 | 0 | 13 | 10,7 |
| <i>Mecê</i> | 0 | 0 | 1 | 2 | 1 | 4,3 | 1 | 2,6 | 3 | 2,5 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 3 | 5,9 | 2 | 8,7 | 2 | 5,3 | 7 | 5,7 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 1 | 10 | 5 | 9,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | 4,9 |
| <i>Vossê</i> | 1 | 10 | 4 | 7,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 4 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 17,5 | 0 | 0 | 4 | 3,3 |
| Total | 10 | 100 | 51 | 100 | 23 | 100 | 38 | 100 | 122 | 100 |
| % | 8,2 | | 41,8 | | 18,9 | | 31,1 | | 100 | |

Tabela 4 - Termos com função de “Objeto Indireto” por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|---------------------------|----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|------------|
| Termos | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 0 | 0 | 3 | 42,9 | 12 | 92,3 | 22 | 81,5 | 37 | 74 |
| <i>Vossa mercê</i> | 3 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 6 |
| <i>Ancê</i> | 0 | 0 | 2 | 28,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 4 |
| <i>Mecê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3,7 | 1 | 2 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 7,7 | 3 | 11,1 | 4 | 8 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 0 | 0 | 1 | 14,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 |
| <i>Vossê</i> | 0 | 0 | 1 | 14,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3,7 | 1 | 2 |
| Total | 3 | 100 | 7 | 100 | 13 | 100 | 27 | 100 | 50 | 100 |
| % | 6 | | 14 | | 26 | | 54 | | 100 | |

No P1, em relação ao OD, o “Vossa Mercê” (60%) se destaca, sendo o termo que mais foi encontrado nesse período com essa função sintática. Os termos “Você”, “Vocemecê/Vossemecê” e o “Vossê” apresentaram valores de 20% e 10%, respectivamente. Em relação ao OI, apenas o “Vossa Mercê” foi encontrado com esse tipo de complemento verbal. Exemplo:

(41) Deos Guarde a **Vossa Mercê**.”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1827, p. 1. ed. 256).

No P2, o “Você” (42,9%) torna-se o termo mais frequente, seguido do “Vossa Mercê” (11,8%) e do “Vocemecê/Vossemecê” (9,8%). Quanto ao OI, o “Você” também foi o de maior número (42,9%), seguido do “Ancê” (28,5%). Esse período mostrou-se com maior número de termos em relação ao anterior, e conseqüentemente um maior número de ocorrências de OD (51ocs.) e OI (7 ocs.). Exemplos:

(42) “Zé Trâmela tem munto prazê de acumprimentá **ocês** tudo...”. (Uberaba, *Lavoura e Comércio*, 1934, p. 6, ed. 6713). - Objeto direto.

(43) “Eu pego licença e vou com **vocês**.” (Uberaba, *Tiradentes*, 1881, p. 4, ed. 10). - Objeto indireto.

No P3, novamente o “Você” teve o maior percentual de uso com a função de OD (65,2%), seguido do “Ocê” (17,5%) e do “Vancê” (8,7%), em que “Ocê” só veio a ser usado como OD a partir desse período. Em relação ao OI, o termo mais frequente nesse período foi novamente o “Você” (92,5%), acompanhado do “Vancê” e o “Ocê”, respectivamente. Exemplos:

(44) “Cadê **ocê** Tinhôso...”. (Abaeté, *Abaeté=Jornal*, 1935, p. 3, ed. 102). - Objeto direto.

No P4, o “Você” aparece como termo com maior frequência com a função de OD, seguido do “Vancê” e do “Mecê”, respectivamente. Em relação ao OI, o “Você” foi o que teve maior percentual (79,2%), acompanhado dos mesmos termos que se apresentaram com a função de OD. Exemplo:

(45) “_ Que vento que toca **mecê** pra cá?”. (Paraopeba, p. 2, ed. 1957). - Objeto direto.

Observando os termos, pode-se chegar à conclusão de que o “Você” foi o que mais se apresentou como OD e OI, seguido da variante “Vancê”, também frequente em relação a essas classificações sintáticas. O gráfico abaixo mostra esses dados ao longo dos períodos:

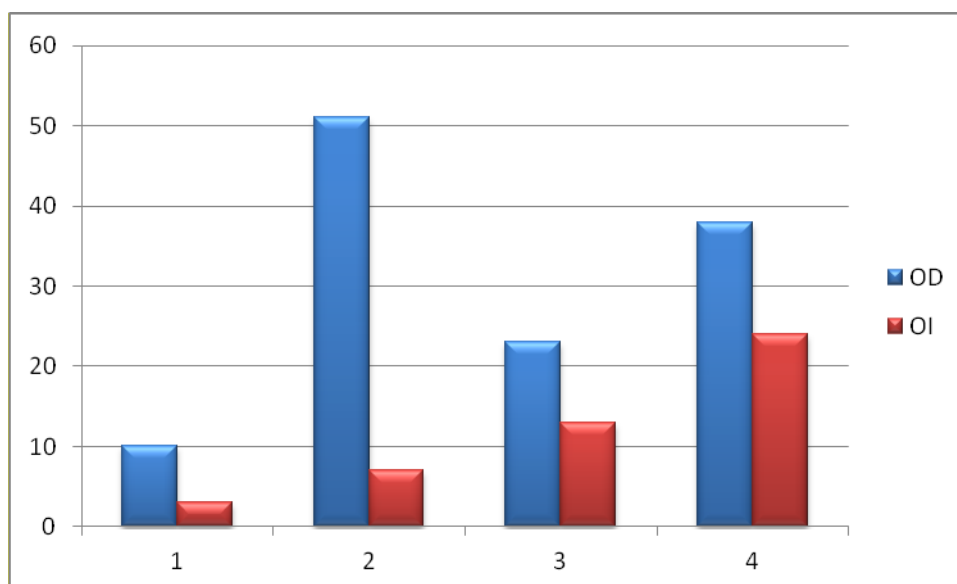


Gráfico 6 - Objeto Direto (OD) e Objeto Indireto (OI) encontrados por período

Pode-se perceber que o uso do OD, no P2, aumenta cinco vezes em relação ao P1. No P3, o uso cai pela metade e volta a apresentar valores mais representativos no P4. Essa frequência é muito mais elevada em todos os períodos do que a do OI, indicando que a

maioria dos verbos usados são transitivos diretos. Algo a se destacar sobre o OI é a gradação de seu uso ao longo dos períodos.

O gráfico abaixo mostra os termos pesquisados e seus respectivos valores relativos à função de OD e OI encontrados ao longo dos quatro períodos:

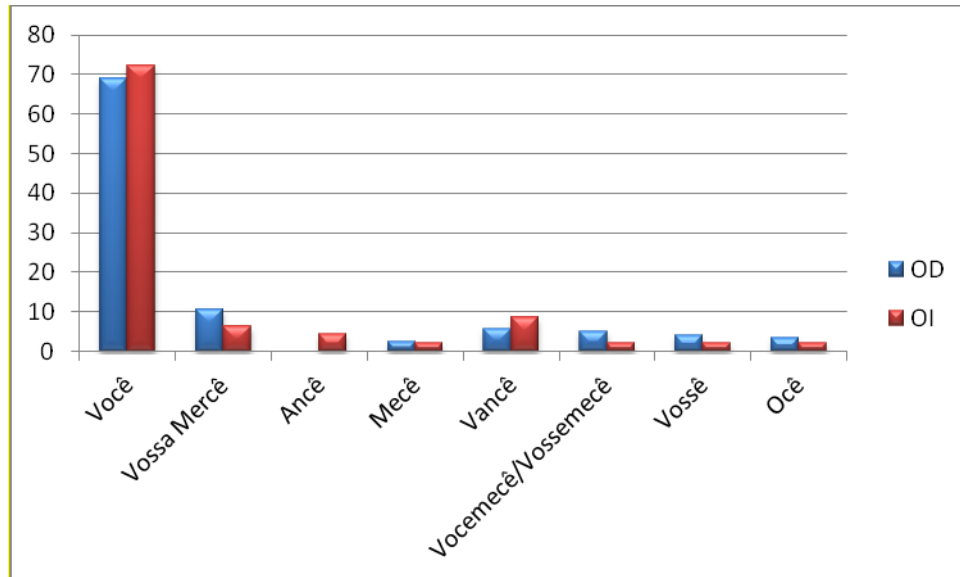


Gráfico 7 - termos relativos à função de OD e OI ao longo dos quatro períodos

Pode-se verificar que os termos “Vossa Mercê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê” e “Ocê” apresentam, mais frequentemente, a função de OD do que a de OI. Já o “Você” e o “Vancê” apresentaram números mais elevados da função de OI. O “Ancê” só apresentou a função de OI e o “Mecê” teve uma equivalência entre o uso de OD e OI.

Outro componente dos Termos Integrantes da Oração encontrado nessa pesquisa foi o Complemento Nominal (CN). Dos termos pesquisados, apenas o “Mecê” e o “Vacê” não apresentaram ocorrências com a função de CN. A Tabela abaixo expressa os números encontrados em valores percentuais por período:

Tabela 5 - Termos com função de “Complemento Nominal” por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|---------------------------|----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|------------|
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 0 | 0 | 13 | 61,8 | 8 | 66,7 | 21 | 87,5 | 42 | 70 |
| <i>Vossa mercê</i> | 2 | 66,7 | 2 | 9,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 6,7 |
| <i>Ancê</i> | 0 | 0 | 1 | 4,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1,7 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 1 | 4,8 | 3 | 25 | 1 | 4,2 | 5 | 8,3 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 1 | 33,3 | 1 | 4,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3,3 |
| <i>Vossê</i> | 0 | 0 | 2 | 9,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3,3 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 1 | 4,8 | 1 | 8,3 | 2 | 8,3 | 4 | 6,7 |
| Total | 3 | 100 | 21 | 100 | 12 | 100 | 24 | 100 | 60 | 100 |
| % | 5 | | 35 | | 20 | | 40 | | 100 | |

No P1, as ocorrências que se apresentam com a função de CN são “Vossa Mercê” (66,7%) e “Vocemecê/Vossemecê” (33,3%). Exemplo:

(46) “Ou é a alma de **vocemecê**?”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173).

No P2, o número de CN aumentou em sete vezes em relação ao P1, sendo o “Você” o com valor mais elevado. Exemplo:

(47) “Pois F. F. F. são bem conhecidos de **você**”. (Ouro Preto, *A Ordem*, 1889, p. 3, ed. 9).

No P3, apenas três termos foram encontrados com a função de CN, o “Você” (87,5%), o “Ocê” (8,3%), e o “Vancê” (4,2). Exemplos:

(48) “Foi feito para **você**”. (Uberaba, *Lavoura e Comércio*, 1928, p. 7, ed. 4071).

(49) “Perto de **vancê** eu aquerdito inté que vivo todo de dentro p’ra fora!”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1935, p. 3, ed. 1384)

No P4, apenas os mesmos três termos do período anterior também apresentaram a classificação de complemento nominal. Exemplo:

(50) “Inhá Cotta, minha muié e tua cumade, manda lembrança pra **vancê** (...)”. (Caratinga, *O Município*, 1940, p. 2, ed. 459).

Quanto aos termos por período, pode-se dizer que o “Você” foi mais frequente como CN, com exceção do P1, em que o “Vossa Mercê” se destaca. O “Ancê” e o “Vossê” só foram encontrados com essa função no P2. A seguir, veremos o que se encontrou a respeito dos termos acessórios da oração.

3.1.1.3 TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

O único termo acessório encontrado nessa pesquisa refere-se ao *Vocativo* (V). Os demais, como Aposto, Adjunto Adnominal, Adjunto Adverbial, não exerceram função em relação aos termos pesquisados. A tabela abaixo apresenta os valores encontrados referentes a essa análise sintática:

Tabela 6 - Termos com função de “Vocativo” por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|---------------------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|
| Termos | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 1 | 100 | 6 | 85,7 | 13 | 84,6 | 14 | 66,7 | 34 | 76,2 |
| <i>Vossa mercê</i> | 0 | 0 | 1 | 14,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2,4 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 14,3 | 3 | 7,1 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 4,7 | 1 | 2,4 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 15,4 | 3 | 14,3 | 5 | 11,9 |
| Total | 1 | 100 | 7 | 100 | 15 | 100 | 21 | 100 | 44 | 100 |
| % | 2,3 | | 15,9 | | 34,1 | | 47,7 | | 100 | |

O número de V foi quase insignificante, com exceção do “Você” nos P2, P3 e P4, que se mostrou bastante frequente com essa função. Sabe-se que o V é comum no GT carta, fazendo parte das características de sua composição. Apesar de encontrarmos esse tipo de texto no *corpus* desta pesquisa, as variantes do “Vossa Mercê” não se apresentaram como V em nenhuma das cartas encontradas.

Analisando o uso do V por período, pode-se destacar que, no P1, apenas o “Você” foi encontrado com essa função. Exemplo:

(51) “... e este o dispertou da illusão, disendo-lhe= ó Fulano, **voce**.” (Ouro Preto, *O Universal*, 1829, p. 2, ed. 384).

No P2, só foram encontrados “Você” e “Vossa Mercê”, sendo que os números do segundo foram quase insignificantes em relação ao primeiro. Exemplo:

(52) “__ Comprehede bem, **voçê**, disse-me o Mestre a razão das exclamações das beatas: o pregador, de bruços, permanecia frio, mudo, imóvel, parecia, de veras, estar desmaiado”. (Diamantina, *Monitor do Norte*, 1875, p. 3, ed. 5).

No P3, novamente o “Você” aparece como um termo recorrente. Exemplo:

(53) “_E **voçê**, Tio Thomaz, que diz?” (Ouro Preto, *Jornal de Ouro Preto*, 1901, p. 2, ed. 03).

E no P4 surgem quatro termos, sendo que o “Você” é o usado com maior frequência (14 ocorrências), seguido do “Vancê” que apresentou a mesma quantidade que o “Ocê” (3 ocorrências cada) e o “Vocemecê/Vossemecê” que foi, entre todos, o com menor número (apenas 1 ocorrência). Exemplos:

(54) “**Você**, virar santo, deixa disso.” (Paraopeba, *O Binóculo*, 1954, p. 3, ed. 3).

(55) “Veja, **vossemecê**, se eu sou moço para andar tantas vezes...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 7, ed. 1980).

(56) “Mas siá dona, **vancê**, c’um certeza, tá m’im puiano...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 2, ed. 1934).

No que diz respeito, aos termos por período, pode-se dizer que o “Você” foi de todos os termos pesquisados o único encontrado com função de V em todos os períodos. O uso do V aumentou gradativamente, tendo seu ápice no P4.

Outra evidência encontrada foi a Frase Nominal (FN). Na tabela abaixo, podemos verificar essas frequências ao longo dos períodos:

Tabela 7 - Termos com função de “Frases Nominais” por período

| Período | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | Total | |
|---------------------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 1 | 20 | 12 | 46,2 | 22 | 81,5 | 29 | 80,6 | 64 | 68,1 |
| <i>Vossa mercê</i> | 4 | 80 | 7 | 26,9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 11,7 |
| <i>Mecê</i> | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 3,7 | 1 | 2,8 | 2 | 2,1 |
| <i>Vancê</i> | 0 | 0 | 2 | 7,7 | 4 | 14,8 | 6 | 16,6 | 12 | 12,8 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 0 | 0 | 1 | 3,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1,1 |
| <i>Vossê</i> | 0 | 0 | 2 | 7,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2,1 |
| <i>Ocê</i> | 0 | 0 | 2 | 7,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2,1 |
| Total | 5 | 100 | 26 | 100 | 27 | 100 | 36 | 100 | 94 | 100 |
| % | 5,3 | | 27,7 | | 28,7 | | 38,3 | | 100 | |

Nota-se que, no P1, apenas o “Vossa Mercê” e o “Você” apresentaram esse tipo de ocorrência, sendo o primeiro termo, o de percentual mais elevado (80%). Exemplo:

(57) “... e não com **vossa merce** ou Senhoria.”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1831, p. 25, ed. 662).

O P2 é o período com maior quantidade de FN. Apenas o termo “Mecê”, dentre os demais da tabela, não apresentou ocorrências de FN. Os termos “Você” e “Vossa Mercê” foram o com maior percentual. Exemplos:

(58) “... e agora **você** também?!”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 2, ed. 423).

(59) “... elles em meio de **vossa mercê** ...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 3, ed.12).

No P3, três termos têm a função de FN, o “Vancê”, seguido do “Mecê” e do “Você”. Exemplos:

(60) “Só **você** perguntando ao Manoel Figueiredo.”. (Ouro Preto, *Ouro Preto*, 1919, p. 1, ed. 4).

(61) “__Ché! Inda não. E **mecê**?”

__Eu já fui. Pur siná que

O negoço é bem bãozinho”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 16, ed. 6246).

(62) “*O Chico: (Após um forte assoar): Ah! menina! Adiante de **vancê**, eu não alembro coisa nenhuma!*”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1935, p. 3, ed. 13 84).

No P4, apenas os mesmos três termos mostraram valores referentes a esse tipo de uso, diferindo somente nos números. Exemplos:

(63) “... sem despesa extra para **você**”. (Patos de Minas, *Jornal dos Municípios*, 1956, p. 3, ed. 20).

(64) “__Ara! Tar seria! Cobrá os óvo! **Mecê**, tamém!!! Os ovo num custa nada;!!!”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1946, p. 1, ed. 152).

(65) “Saudação pra **vancê** e prus d’hi.”. (Caratinga, *O Município*, 1940, p. 2, ed. 458).

Analisando cada termo ao longo do tempo, conclui-se que o “Você” novamente aparece no decorrer dos quatro períodos, com mais frequência no P3. Em relação a “Vossa Mercê”, só aparecem ocorrências de FN nos dois primeiros períodos, sendo maior no P1. Quanto ao “Mecê”, elas só são encontradas nos dois últimos períodos, mostrando-se maior seu uso no P3. O “Vancê” só não se apresentou como FN no P1, e apresentou um grande número no P3. O “Vocemecê/Vossemecê”, o “Vossê” e o “Ocê” só apresentaram esse tipo de frase no P2.

Abaixo, encontra-se um resumo, com valores totais, dos termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, bem como das FN, encontradas no *corpus* dessa pesquisa, ao longo dos quatro períodos analisados. O quadro está dividido entre a Classificação Sintática (CS) e todas as expressões relevantes para nosso objeto de estudo.

Quadro 4 - Termos do *corpus* e suas classificações sintáticas

| CS \ TERMOS | Suj. | | OD | | OI | | CN | | V | | FN | | Total | |
|---------------------------|------------|------------|------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-------------|------------|
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| <i>Você</i> | 503 | 67,1 | 84 | 68,9 | 37 | 74 | 42 | 70 | 34 | 77,3 | 64 | 68,1 | 764 | 68,2 |
| <i>Vossa Mercê</i> | 23 | 3,1 | 13 | 10,7 | 3 | 6 | 4 | 6,7 | 1 | 2,3 | 11 | 11,7 | 55 | 4,9 |
| <i>Ancê</i> | 27 | 3,6 | 0 | 0 | 2 | 4 | 1 | 1,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 30 | 2,7 |
| <i>Mecê</i> | 17 | 2,3 | 3 | 2,5 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2,1 | 23 | 2,1 |
| <i>Vacê</i> | 11 | 1,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 1 |
| <i>Vancê</i> | 76 | 10,1 | 7 | 5,7 | 4 | 8 | 5 | 8,3 | 3 | 6,8 | 12 | 12,8 | 107 | 9,6 |
| <i>Vocemecê/Vossemecê</i> | 10 | 1,3 | 6 | 4,9 | 1 | 2 | 2 | 3,3 | 1 | 2,3 | 1 | 1,1 | 21 | 1,9 |
| <i>Vossê</i> | 32 | 4,3 | 5 | 4 | 1 | 2 | 2 | 3,3 | 0 | 0 | 2 | 2,1 | 42 | 3,8 |
| <i>Ocê</i> | 51 | 6,7 | 4 | 3,3 | 1 | 2 | 4 | 6,7 | 5 | 11,3 | 2 | 2,1 | 67 | 6 |
| Total | 750 | 100 | 122 | 100 | 50 | 100 | 60 | 100 | 44 | 100 | 94 | 100 | 1120 | 100 |

Pode-se concluir que:

- O “Você” apresentou-se o mais frequente em todas as CS.

- O “Vacê” só apresenta Suj. e mais nenhuma outra CS.
- Os termos “Você”, “Vossa Mercê”, “Vancê”, “Vocemecê/Vossemecê” e “Ocê” apresentaram ocorrências com todas as CS.

Tais dados permitem ver que o S se sobrepõe às demais classificações, seguido do OD e da FN, mostrando que a maioria das ocorrências evidenciam o ser sobre o qual se declara algo, ou que pratica a ação (S), seguido da função que indica o alvo ou o elemento sobre o qual recai a ação verbal.

3.1.2 PESSOA DO VERBO/DISCURSO

O segundo ponto trabalhado na análise gramatical faz referência à Pessoa do Verbo (1ª, 2ª, 3ª pessoa do singular e do plural) e a pessoa do Discurso (1ª pessoa - a que fala; 2ª pessoa - com quem se fala; e 3ª pessoa - de quem se fala).

Sobre isso, a maioria das gramáticas apresenta o “Você” como pronome de tratamento de 2ª pessoa com verbo de 3ª pessoa. Said Ali (2001) afirma que o termo surgiu do “Vossa Mercê” e acabou por perder seu significado original. Já Almeida (2005) o coloca como pronome de 3ª pessoa. Assim, analisaremos se tal afirmação se aplica a todos os termos pesquisados.

“VOCÊ”

Analisando os verbos referentes ao P1, um fato chama a atenção: em todas as ocorrências, os verbos apresentam-se relativos à 3ª P. S. e todas as frases fazem referência à 2ª pessoa do discurso. Os exemplos abaixo corroboram com as afirmativas acima:

P1

(66) “Homem, **voce** sabe que eu nunca me metti em negocios...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1830, p. 4, ed. 414). *grifo nosso - *Sabe*: verbo em 3ª P. S. / discurso do falante em 2ª P. S. (aquele com quem se fala)

P2

(67) “Já sei o que **você** deseja...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1873, p. 2, ed. 12). *grifo nosso - *Deseja*: verbo em 3ª P.S. / discurso do falante em 2ª P. S. (aquele com quem se fala)

P3

(68) “__ Não sei porque lhe **dão vocês** tão feios epithetos;”. (Patos de Minas, *O Commercio*, 1913, p. 2, ed. 189). *grifo nosso - *Dão*: verbo em 3ª P. P. / discurso do falante em 2ª P. P. (aquele com quem se fala)

P4

(69) “... e sempre pensei que **você** se limitasse apenas...”. (Ituiutaba, *Folha de Ituiutaba*, 1960, p. 6, ed. 1045).
*grifo nosso - *Se limitasse*: verbo em 3ª P. S. / discurso do falante em 2ª P. S. (aquele com quem se fala)

“VOSSA MERCÊ”

Pode-se confirmar o que foi dito anteriormente, que “Vossa mercê” era usado como pronome de tratamento de 2ª pessoa com verbo em 3ª pessoa. Só foram encontradas ocorrências relacionadas às 3ª P. S. e 3ª P. P., no que diz respeito aos verbos, e 2ª P.S. em referência ao discurso. Por exemplo:

P3

(70) “... eu quero pedir a **Vossa mercê** me mandasse dar uma surra pelo que fiz...”. (Queluz, *Jornal de Queluz*, 1929, p. 1, ed. 184). *grifo nosso - *Me mandasse*: verbo em 3ª P. S. / discurso do falante em 2ª P. S. (aquele com quem se fala);

“ANCÊ”

Esse termo também é usado como pronome de 2ª pessoa relativo a um verbo de 3ª pessoa. Exemplos:

P2

(71) “*qui ancê tem qui tá tão bravo?*”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p. 3, ed. 26). *grifo nosso

P3

(72) “Sò sí ancê fallá a m’ea linga...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1937, p. 10, ed. 1458). *grifo nosso

P4

(73) “_...ondé qui ancê andara qui tem mais de quato sumana qui nós num sincrona?”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1967, p. 3, ed. 189). *grifo nosso

“MECÊ”

O “Mecê” segue os mesmos indícios dos termos anteriormente descritos, fator já explicado anteriormente, e exemplificado abaixo:

P2

(74) “Titia, vovó disse mecê é muito feia, é uma cascavel.”. (Juiz de Fora, *Echo do Povo*, 1882, p. 3, ed. 48). *grifo nosso

P3

(75) “O que é que mecê tem?” (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 2, ed. 6704). *grifo nosso

“VACÊ”

Também apresentou verbos em 3ª P. com discurso de 2ª P. Exemplo:

(76) “... espere um pôco que vacê pega ela...”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1946, p. 1, ed. 149). *grifo nosso

“VANCÊ”

A afirmativa também se confirma em relação a esse termo. Exemplo:

(77) “Vancê não vio quando chegou a noticia...?”. (Ouro Preto, *Noticiador de Minas*, 1869, p. 3, ed. 145). *grifo nosso

Nos P2, P3 e P4, encontramos “Vancê” em frases em que o pronome estava expresso no plural e o verbo no singular, como se pode observar nas ocorrências abaixo. Exemplos:

(78) “-Vancê não sabem...”. (Ouro Preto, *Noticiador de Minas*, 1869, p. 3, ed. 95). *grifo nosso

(79) “Pois vancês sabe qui no lugá tem turidade...”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p. 3, ed. 26). *grifo nosso

(80) “Visto que vances não que me attendê...”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p. 3, ed. 26). *grifo nosso

(81) “Nesse caso vances faz aquillo que quisé...”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p. 3, ed. 26). *grifo nosso

“VOCEMECÊ/VOSSEMECÊ”

Apresentou frequências apenas referentes à 3ª P.S., no que diz respeito aos verbos encontrados na frase, e 2ª P.S. no que diz respeito à pessoa do discurso, seguindo o mesmo padrão dos termos anteriores, como mostra os exemplos abaixo:

(82) “É vocemecê uma rapariga que foi tocada pela eletricidade...?”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1874, p. 3, ed. 240). *grifo nosso

(83) “É vossemecê – traz! Quebra a corda e vai so com os diabos...”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1882, p. 3, ed. 87). *grifo nosso

“VOSSÊ”

Também segue o padrão dos termos anteriores, ou seja, são pronomes de tratamento de 2ª pessoa usados com verbos de 3ª pessoa, como mostra o exemplo que se segue:

(84) “E que papel é esse de que vossê falla?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1862, p. 3, ed. 27). *grifo nosso

“OCÊ”

Quanto a este termo, também se confirmam as afirmações anteriores, sobre ser um pronome de 2ª pessoa usado com verbos em 3ª pessoa. Exemplo:

(85) “E ocês pensa qu’a gente não tem mais que fazê...”. (Juiz de Fora, *Correio de Minas*, 1898, p. 3, ed. 9). *grifo nosso

No P2, P3 e P4 encontramos frases em que o pronome não concordava com o verbo, como se pode observar nas ocorrências abaixo. Exemplos:

(86) “E ocês pensa qu’a gente não tem mais que fazê...”. (Juiz de Fora, *Correio de Minas*, 1898, p. 3, ed. 09). *grifo nosso

(87) “Ocês não tá vendo que aqui hoje não tem nada?”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1963, p. 6, ed. 38). *grifo nosso

Os exemplos acima e o *corpus* em anexo nessa pesquisa corroboram com as afirmativas de que o “Você” é um pronome de tratamento de 2ª pessoa com verbo de 3ª pessoa, mostrando que isso se aplica a todas as variantes dos termos “Vossa Mercê”, encontradas nesse trabalho.

As demais pessoas do discurso (1ª e 3ª pessoa do singular e do plural) não foram encontradas em nenhum momento no *corpus* da pesquisa. Por isso, foi tratada apenas a 2ª pessoa do discurso, aquela com quem falamos. De acordo com os dados, percebe-se que o singular se sobrepõe ao plural e que existe um aumento significativo em seu uso, à medida que aumenta o número de ocorrências nos períodos finais.

Outro fato a ser descrito é que as ocorrências sempre apareceram em discursos diretos ao interlocutor, sejam nas transcrições de diálogos, cartas, crônicas, ou qualquer GT encontrado nesta pesquisa, até mesmo nos anúncios em que o autor busca um contato mais direto com o leitor.

3.1.3 GÊNERO (MASCULINO - GM / FEMININO - GF)

Em relação ao gênero, é necessário esclarecer que, num único texto, podem ser encontradas inúmeras ocorrências, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 5 - Exemplo da coleta de dados

| n. | Trecho | Edição | Ano | Página | Observações |
|----|--|-------------|-------------|-------------|--|
| 1 | ...novos quesitos para você responder... | 183(1) | 1890 | 1 | Texto intitulado “Estudinhos da Língua Portuguesa”. Autor: Padre Senna Freitas. Diálogo. |
| 2 | Qual o sentir de você sob a geração de termos... | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 3 | Admite você a seguinte locução... | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 4 | ...pelo que respeita a 2ª frase do quesito que você me faz. | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 5 | Não entende você que é indiferente dizer <i>melhor</i> ou <i>mais bem</i> ? | 184(1) | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 6 | Continuando a interrogar você sobre as impressões de uma leitura feita ontem... | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 7 | Veja você Boulet... | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |
| 8 | Não acha você soberanamente reprovável tal repetição... | 185(1) | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> | <i>Idem</i> |

O autor do texto e os personagens também podem ser um só para essas ocorrências, como exposto acima. Por se tratar de um suporte jornalístico, dificilmente se saberá sobre a procedência do autor, mas os personagens são facilmente caracterizados, quando expressos no texto.

Abaixo, as tabelas indicam a frequência referente aos gêneros do termo “Você”, em que Masc. se refere a masculino; Fem. feminino; Indet. (anúncio) são os gêneros indeterminados que se referem aos anúncios publicitários; Indet. (pseudônimo) se referem aos textos cujo autor não é identificado ou usa um pseudônimo.

Quanto aos personagens, M↔M é a interação entre falantes do gênero masculino; F↔F, entre falantes do gênero feminino; F↔M, entre falantes de gêneros opostos; e por fim Indet. (A↔L) que representa a comunicação entre os personagens não identificados, pois estes fazem parte da relação autor↔leitor.

Tabela 8 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Você” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | |
|-------|-------|------|------|-----|------------|------|------------|------|-----------------|------|-----|------|-----|------|--------------|------|-------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| P1 | 2 | 1,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 | 4,8 | 8 | 7,4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 1,2 | 11 | 2,8 |
| P2 | 32 | 27,1 | 3 | 20 | 0 | 0 | 57 | 30,3 | 61 | 57 | 5 | 62,5 | 10 | 45,5 | 16 | 6,1 | 92 | 23,2 |
| P3 | 34 | 28,8 | 6 | 40 | 16 | 21,1 | 43 | 22,9 | 19 | 17,8 | 2 | 25 | 10 | 45,5 | 68 | 26,2 | 99 | 24,9 |
| P4 | 50 | 42,4 | 6 | 40 | 60 | 78,9 | 79 | 42 | 19 | 17,8 | 1 | 12,5 | 2 | 9 | 173 | 66,5 | 195 | 49,1 |
| Total | 118 | 100 | 15 | 100 | 76 | 100 | 188 | 100 | 107 | 100 | 8 | 100 | 22 | 100 | 260 | 100 | 397 | 100 |
| % | 29,7 | | 3,8 | | 19,1 | | 47,4 | | 27 | | 2 | | 5,5 | | 65,5 | | 100 | |

A tabela acima mostra que o número total de “Autor” é o mesmo dos “Personagens”, por isso usamos apenas um valor total. Tal fato ocorre por levarem-se em consideração as relações sócio-pragmáticas existentes em cada texto analisado. Ou seja, em um único texto tem-se um autor específico, seja ele Masc., Fem., Indet. (a) ou Indet. (p) e nesse mesmo texto ocorrerá um tipo de relação entre os personagens, que podem ser M↔M, F↔F, F↔M e Indet. (A↔L). Portanto, os valores totais entre ambos sempre será o mesmo.

Sobre o termo “Você”, pode-se afirmar que o “Autor” Masc. é mais frequente no P4; o Fem. no P3 e P4; Indet. (a) só apareceu a partir do P3, sendo mais usado no P4; e Indet. (p) obteve maior frequência no P2. Em sua totalidade, a classificação Indet. (p) foi a maior, seguido do Masc., Indet. (a) e Fem., respectivamente.

Quanto aos “Personagens”, as relações M↔M, que mostram falantes do gênero masculino, as F↔F do gênero feminino e as F↔M, que são de gênero opostos, foram mais frequentes no P2, sendo a última com valores iguais, tanto no P2, quanto no P3. Já as personagens, indicadas por A↔L, que representam a interação autor x leitor, foram mais encontradas no P4. Das quatro classificações de “Personagens” a A↔L foi a mais encontrada, o que mostra que os textos eram escritos, em sua maioria, diretamente para o leitor. Exemplos:

(88) “... pois **você** acredita que meu compadre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1830, p. 4, ed. 414). - AUTOR: indeterminado/ PERSONAGENS: masculinos (M↔M); um leitor narra a algazarra que ouviu entre dois telegráficos.

(89) “A isto respondeu-me **voce** não he Commandante...”. (Pouso Alegre, *O Recopilador Mineiro*, 1836, p. 5, ed. 343). - AUTOR: masculino / PERSONAGENS: indeterminados (A↔L); trata-se de uma carta de um leitor.

A tabela 9, abaixo, refere-se aos gêneros relativos ao “Vossa Mercê” ao longo dos períodos recortados:

Tabela 9 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Vossa Mercê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|------|-----------------|-----|-----|-----|------|-----|--------------|------|-------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | n. | % |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | | |
| P1 | 4 | 44,4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 16,7 | 2 | 40 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 42,9 | 5 | 33,3 |
| P2 | 5 | 55,6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 66,7 | 3 | 60 | 1 | 100 | 2 | 100 | 3 | 42,9 | 9 | 60 |
| P3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 16,6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 14,3 | 1 | 6,7 |
| P4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 9 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | 100 | 5 | 100 | 1 | 100 | 2 | 100 | 7 | 100 | 15 | 100 |
| % | 60 | | 0 | | 0 | | 40 | | 33,3 | | 6,7 | | 13,3 | | 46,7 | | 100 | |

O “Vossa Mercê” apresentou maior número de autores Masc., principalmente no P2. Um fator a ser evidenciado é a falta de autores Fem. e também Indet. (a), mostrando que esse termo não apareceu em nenhum texto com caráter de anúncio ou propaganda.

Quanto aos “Personagens”, pode-se perceber que os falantes, em sua maioria, mostraram-se parte da relação autor↔leitor. Falantes masculinos também apresentaram uma frequência relevante. Exemplos:

(90) “De **Vossa mercê** affectuoso filho _”. (Leopoldina, *O Leopoldinense*, 1882, p. 3, ed. 37). - AUTOR: indeterminado (pseudônimo) / PERSONAGENS: masculinos (M↔M); Transcrição de uma carta de um filho para um pai.

(91) “... **vossa mercè** não me fez doação de um so vintém?”. (Bagagem, *O Palladio*, 1886, p. 1, ed. 11). - AUTOR: indeterminado (pseudônimo) / PERSONAGENS: feminino (F↔F), sobrinha e tia; Texto intitulado “Romance de uma Velha”. Por J. M. de Macedo.

Em seguida, tem-se o termo “Ancê”, descrito de acordo com os autores e os personagens encontrados na pesquisa ao longo dos quatro períodos.

Tabela 10 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Ancê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM(NS) | | | | | | | | Total | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|-----|----------------|------|-----|---|------|-----|--------------|-----|-------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | n. | % |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | | |
| P1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 100 | 2 | 16,7 | 0 | 0 | 1 | 20 | 1 | 100 | 4 | 22,2 |
| P3 | 2 | 14,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 16,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 11,1 |
| P4 | 12 | 85,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 8 | 66,7 | 0 | 0 | 4 | 80 | 0 | 0 | 12 | 66,7 |
| Total | 14 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 100 | 12 | 100 | 0 | 0 | 5 | 100 | 1 | 100 | 18 | 100 |
| % | 77,8 | | 0 | | 0 | | 22,2 | | 66,7 | | 0 | | 27,7 | | 5,6 | | 100 | |

Observando os autores referentes ao “Ancê”, pode-se dizer que o gênero Masc. predominou nesse termo. Não foram encontrados nem autores Fem. e nem Indet. (a). Em relação aos personagens, observa-se que a maioria foram M↔M, seguido de F↔M. Poucos textos foram escritos buscando uma interação com o leitor. Exemplos:

(92) “_<< Agora fico sabendo que **ancê** no peito tem boca>>”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1888, p. 4, ed. 524). - AUTOR: indeterminado (pseudônimo) / PERSONAGENS: um casal (F↔M); Diálogo. Sem autoria.

(93) “que intê é u’a esmola **mecê** deixa eu i intê lá...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1936, p. 3, ed. 1444). - AUTOR: Masculino / PERSONAGENS: Masculino (um caipira / um chefe de trem); Texto sem título. Autor: CORNELIO PIRES.

A tabela 11 ilustra a análise referente ao termo “Mecê” em relação aos gêneros acima descritos.

Tabela 11 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Mecê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|-----|-----------------|------|-----|-----|-----|-----|--------------|-----|-------|------|---|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | |
| P1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P2 | 1 | 12,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 20 | 1 | 12,5 | 1 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 41,7 | |
| P3 | 3 | 37,5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 40 | 2 | 25 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 100 | 5 | 25 | |
| P4 | 4 | 50 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 40 | 5 | 62,5 | 0 | 0 | 1 | 100 | 0 | 0 | 6 | 33,3 | |
| Total | 8 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 100 | 8 | 100 | 1 | 100 | 1 | 100 | 3 | 100 | 13 | 100 | |
| % | 61,5 | | 0 | | 0 | | 38,5 | | 61,5 | | 7,7 | | 7,7 | | 23,1 | | 100 | | |

Em relação ao “Mecê”, observamos que só foram encontrados textos com autores Masc. e Indet. (p), sendo o primeiro mais frequente. Já os personagens apresentaram os quatro tipos de relações aqui descritas entre os falantes, mas M↔M apresentou-se mais recorrente. Exemplo:

(94) “_Mais, vendo **mecê**, nhô Rosa, eu, logo, se rependi.”. (Uberaba, *Lavoura e Comercio*, 1934, p. 16, ed. 6246) - AUTOR: Masc. Fontoura COSTA. / PERSONAGENS: Amigos (M↔M); Diálogo.

A tabela abaixo indica os valores referentes ao “Vacê” em relação aos gêneros pesquisados:

Tabela 12 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Vacê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | | |
|-------|-------|-----|------|-----|------------|---|------------|-----|-----------------|-----|------|-----|-----|---|--------------|-----|-------|------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | |
| P1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P3 | 1 | 25 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 50 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 16,7 |
| P4 | 3 | 75 | 1 | 100 | 0 | 0 | 1 | 100 | 1 | 50 | 1 | 100 | 0 | 0 | 3 | 100 | 5 | 83,3 | |
| Total | 4 | 100 | 1 | 100 | 0 | 0 | 1 | 100 | 2 | 100 | 1 | 100 | 0 | 0 | 3 | 100 | 6 | 100 | |
| % | 66,6 | | 16,7 | | 0 | | 16,7 | | 33,3 | | 16,7 | | 0 | | 50 | | 100 | | |

Como nos termos anteriormente descritos, no “Vacê” o tipo de autor mais recorrente nos textos foi o Masc. e os personagens mais encontrados nesses textos foram os Indet. (axl), mostrando um caráter de interação entre o autor e o leitor, indicando textos com objetivos mais literários e com autoria expressa. Exemplos:

(95) “Vacê põe ua pedra cerrano os carrero das furniga...”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1946, p. 1, ed. 149). - AUTOR: Masc. Cornelio Pires. / PERSONAGENS: Indefinido (A↔L); Crônica (“causo”).

Relacionado ao “Vancê”, pode-se apresentar a seguinte tabela:

Tabela 13 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Vancê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|------|-----------------|------|-----|---|------|-----|--------------|------|-------|------|---|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | |
| P1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P2 | 4 | 18,2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 57,9 | 7 | 58,3 | 0 | 0 | 2 | 25 | 6 | 28,6 | 15 | 36,6 | |
| P3 | 7 | 31,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 15,8 | 1 | 8,3 | 0 | 0 | 4 | 50 | 5 | 23,8 | 10 | 24,4 | |
| P4 | 11 | 50 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 26,3 | 4 | 33,4 | 0 | 0 | 2 | 25 | 10 | 47,6 | 16 | 39 | |
| Total | 22 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 19 | 100 | 12 | 100 | 0 | 0 | 8 | 100 | 21 | 100 | 41 | 100 | |
| % | 53,7 | | 0 | | 0 | | 46,3 | | 29,3 | | 0 | | 19,5 | | 51,2 | | 100 | | |

Referente a este termo, pode-se perceber que o uso de autores Masc. e Indet. (p) é quase equivalente, não possuindo textos cuja autoria é Fem. ou Indet. (a). Quanto aos personagens, a única relação entre os falantes não encontrada foi a do gênero feminino, sendo que a com maior frequência foram as Indet. (A↔L).

Exemplos:

(96) “Vancê não vio quando chegou a noticia...?”. (Ouro Preto, *Noticiador de Minas*, 1869, p. 3, ed. 95). - AUTOR: Indefinido (pseudônimo) / PERSONAGENS: vizinhos (M↔M); Crônica.

Abaixo, a tabela indica o termo “Vocemecê/Vossemecê” descrito como os anteriores:

Tabela 14 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Vocemecê/Vossemecê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|-----|-----------------|------|------|-----|-----|-----|----------------|-----|-------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | MxM | | FxF | | FxM | | Indet. (A X L) | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| P1 | 1 | 16,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 16,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 100 | 2 | 16,7 |
| P2 | 3 | 50 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | 100 | 3 | 50 | 2 | 100 | 3 | 100 | 0 | 0 | 8 | 66,7 |
| P3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P4 | 2 | 33,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 33,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 16,6 |
| Total | 6 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | 100 | 6 | 100 | 2 | 100 | 3 | 100 | 1 | 100 | 12 | 100 |
| | 50 | | 0 | | 0 | | 50 | | 50 | | 16,7 | | 25 | | 8,3 | | 100 | |

Os termos “Vocemecê/Vossemecê” mostraram resultados equivalentes em relação aos únicos tipos de autores encontrados, o Masc. e o Indet. (p). Quanto aos personagens, houve predominância das relações M↔M em relação as demais. Exemplo:

(97) “Imagine **vocemecê** o assombramento de vosso compadre...”. (Baependi, *O Baependiano*, 1883, p. 2, ed. 284). - AUTOR: Indefinido (pseudônimo) / PERSONAGENS: duas comadres (F↔F); Carta.

A tabela abaixo indica os autores e personagens do termo “Vossê”.

Tabela 15 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Vossê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | |
|-------|-------|------|------|---|------------|---|------------|------|-----------------|-----|------|-----|-----|---|--------------|------|-------|------|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| P1 | 1 | 16,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 13,3 | 1 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 25 | 3 | 14,3 |
| P2 | 5 | 83,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 12 | 80 | 9 | 90 | 3 | 100 | 0 | 0 | 5 | 62,5 | 17 | 81 |
| P3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 6,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 12,5 | 1 | 4,7 | |
| P4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 6 | 100 | 0 | 0 | 0 | 0 | 15 | 100 | 10 | 100 | 3 | 100 | 0 | 0 | 8 | 100 | 21 | 100 |
| % | 28,6 | | 0 | | 0 | | 71,4 | | 47,6 | | 14,3 | | 0 | | 38,1 | | 100 | |

Os autores encontrados no termo “Vossê” foram, em grande maioria, Indet. (p). os Masc. mostraram um baixo percentual e os Fem. e Indet. (a), nem se quer foram encontrados. Quanto aos personagens, pode-se afirmar que apenas as relações F↔M não foram encontradas e que a maioria dos textos apresentaram relações entre falantes do tipo M↔M.

Exemplos:

(98) “E como **vossê** entende disto...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1828, p. 4, ed. 81). - AUTOR: Da Aurora, Indefinido (pseudônimo) / PERSONAGENS: o Rei Luiz XIV/seu Esmoler Mór (M↔M); Notícia.

Na tabela abaixo, se encontram os autores e os personagens referentes aos termos “Ocê” de acordo com os períodos pesquisados:

Tabela 16 - Gênero (masculino/feminino/indeterminado) referente ao uso do “Ocê” por período

| | AUTOR | | | | | | | | PERSONAGEM (NS) | | | | | | | | Total | | |
|-------|-------|------|------|---|------------|-----|------------|-----|-----------------|------|-----|-----|------|------|--------------|------|-------|------|---|
| | Masc. | | Fem. | | Indet. (a) | | Indet. (p) | | M↔M | | F↔F | | F↔M | | Indet. (A↔L) | | | | |
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | |
| P1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| P2 | 3 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 20 | 3 | 25 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 12,5 | 4 | 13,8 | |
| P3 | 5 | 21,7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 80 | 4 | 33,3 | 1 | 100 | 3 | 37,5 | 1 | 12,5 | 9 | 31 | |
| P4 | 15 | 65,3 | 0 | 0 | 1 | 100 | 0 | 0 | 5 | 41,7 | 0 | 0 | 5 | 62,5 | 6 | 75 | 16 | 55,2 | |
| Total | 23 | 100 | 0 | 0 | 1 | 100 | 5 | 100 | 12 | 100 | 1 | 100 | 8 | 100 | 8 | 100 | 29 | 100 | |
| % | 79,3 | | 0 | | 3,4 | | 17,3 | | 41,4 | | 3,4 | | 27,6 | | 27,6 | | 100 | | |

O “Ocê”, assim como muitos dos termos apresentados anteriormente, mostrou-se, na maioria dos textos, com autores Masc. Os personagens dos textos, referentes a esse termo, apresentaram todos os tipos de relações entre os falantes, mas como os demais termos, a com maior índice foi M↔M.

Exemplo:

(99) “...ocê manda o Zequía me buscá.”. (Paraopeba, 1936, p. 5, ed. 1406). - AUTOR: Ferreira Neto, Masc. / PERSONAGENS: marido > esposa (F↔M); Conto.

3.1.3.1 AUTOR

Os números significativos de gêneros indeterminados mostram uma característica dos textos jornalísticos, cujo maior interlocutor é o leitor. Os textos não são particulares e se dirigem, em sua maioria, a um público indeterminado.

Outro elemento diz respeito ao gênero masculino dos autores: os números são muito significativos, e mostram uma sociedade paternalista. O gênero feminino é quase inexpressivo, sendo comum apenas no termo “Você” e “Vacê”, mostrando que as mulheres tinham pouco espaço de atuação na sociedade, inclusive na imprensa.

Para corroborar com nossa afirmativa, os gráficos abaixo mostram os termos pesquisados e os autores encontrados por período, começando pelo termo “Você”.

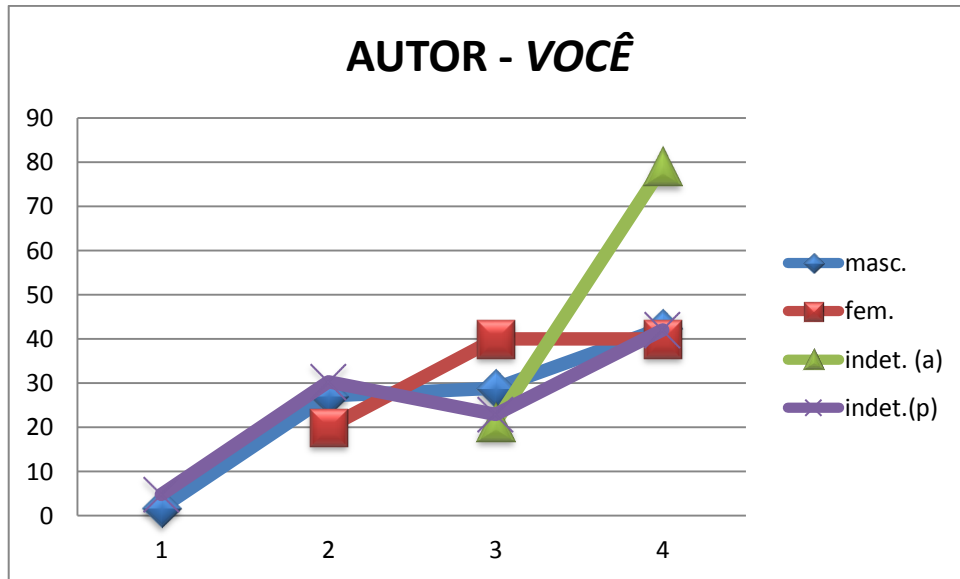


Gráfico 8 - Autores relativos ao termo "Você"

O gráfico acima permite perceber que, os textos com autores Indet. (pseudônimos), textos de cunho literário, cujo autor usa pseudônimo ou não vem expresso, eram mais comuns nos períodos iniciais, sofrendo uma pequena queda no P3 e voltando a ter um aumento no período final. Já os autores Masc. foram mais frequentes a partir do P3. Os femininos só foram encontrados a partir do P2 e aumentaram significativamente, se estabilizando entre o P3 e P4. Por sua vez, os Indet. (anúncio) só foram encontrados no P3, sendo mais significativos nos períodos finais da pesquisa, onde ultrapassaram todas as demais classificações, eles se referem a propagandas e anúncios, o que possibilita notar que apenas no séc. XX os jornais começaram a ganhar as características que possuem atualmente, ou seja, passam a ser mais anunciativos e menos literários. Exemplos:

GM:

(100) "Assim, quando **você** e sua família passarem em frente ao monumento...". (Conselheiro Lafaiete, *O Progresso*, 1972, p. 5, ed. 1). - Artigo intitulado "Avante Herois!". Autor: Alexandre Antônio Nepomunceno.

GF:

(101) "Esta coluna foi criada para **você** que gosta e se interesse por decoração.". (Conselheiro Lafaiete, *O Progresso*, 1972, p. 7, ed. 2). - Coluna intitulada "Pagina Feminina". Por Suzana.

Exemplo de gênero Indeterminado (pseudônimo):

(102) “Dia um tanto quanto agitado para **você**.”. (Uberlândia, *O Triângulo*, 1978, p. 2, ed. 3966). - Horóscopo diário.

Gênero Indeterminado (anúncio):

(103) “**Você** receberá um talão de cheque que lhe possibilitará...”. (Baependi, *O Patriota*, 1950, p. 1, ed. 1368). - Anúncio do Banco Itajubá S.A.

O gráfico abaixo mostra os tipos de autores relacionados na pesquisa ao termo “Vossa Mercê”.

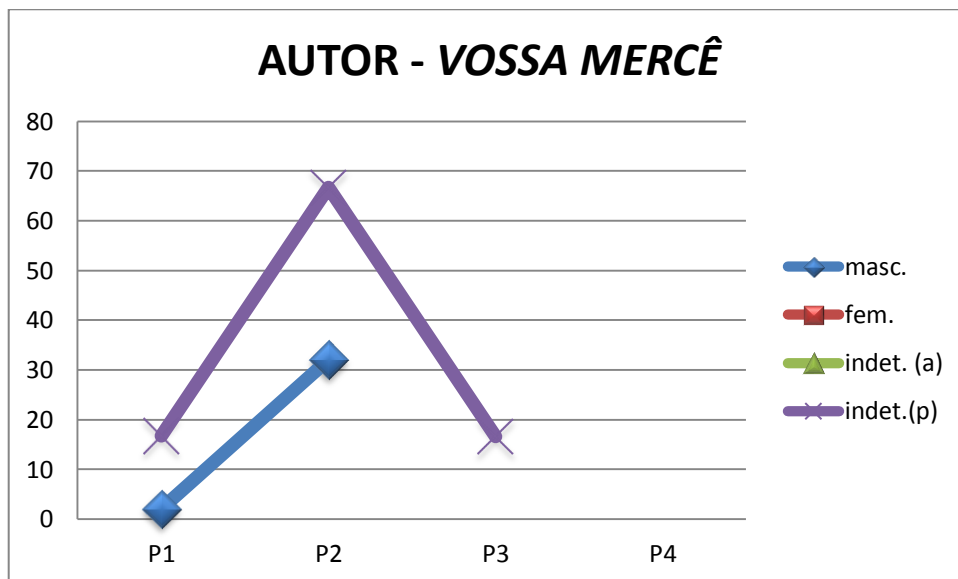


Gráfico 9 - Autores relativos ao termo “Vossa Mercê”

O “Vossa Mercê” apresentou apenas textos com autores Masc. e Indet. (pseudônimo), mostrando que seu uso decorre de textos mais literários e não de textos com características jornalísticas. Os Masc. só ocorreram entre o P1 e o P2. Já o Indet. (pseudônimo) foi encontrado nos períodos em que o termo foi recorrente, com exceção do P4, onde o termo não foi mais encontrado nos textos, o seu ápice como Indet. (pseudônimo) aconteceu no P2. Exemplos:

GM:

(104) “... como apráz a **vossa mercê** acreditar.”. (Ouro Preto, *Diário de minas*, 1873, p. 1, ed. 58). - Romance intitulado “O Bandido do Rio das Mortes”, por Bernardo Guimarães, capítulo IV.

Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(105) “tem **VOSSA MERCÊ** por cá !/”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1861, p. 1, ed. 21). - Texto escrito em versos intitulado “Communicado”. Sem autoria.

Em seguida, tem-se um paralelo entre os tipos de autores encontrados no termo “Ancê”:

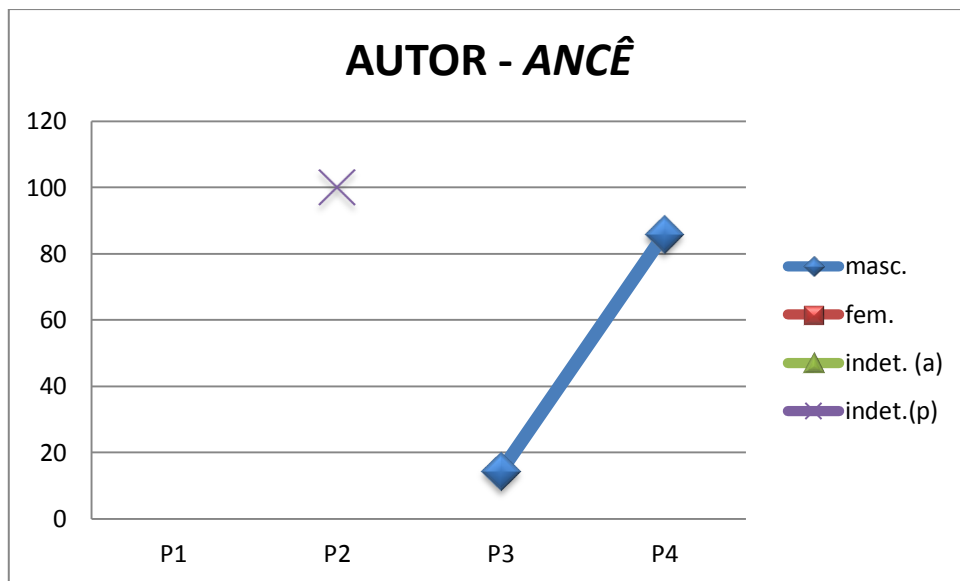


Gráfico 10 - Autores relativos ao termo “Ancê”

Em relação ao termo “Ancê”, tem-se dois tipos de autores o Indet. (pseudônimo), que foi a única classificação encontrada no P2, e o Masc., que teve um aumento percentual significativo do P3 para o P4. Exemplos:

GM:

(106) “O juda perdeu o cachimbo e **ancê** pode viaja...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1948, p. 11, ed. 1928). - Crônica intitulada “Simplicidade”, por Ferreira Neto.

Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(107) “... tanto que se **ancê** não viesse nós perdia os doces...”. (Uberaba, *O Volitivo*, 1885, p. 3, ed. 59). – Conto intitulado “O Capitão Joao Quente”, por “uma sucia de vadios”.

O gráfico abaixo mostra os autores encontrados no termo “Mecê”:

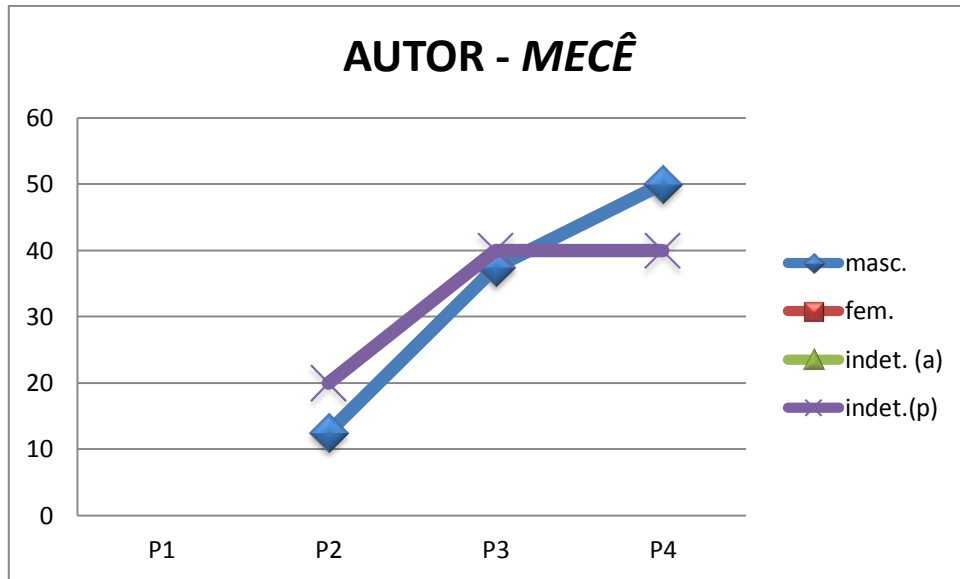


Gráfico 11 - Autores relativos ao termo “Mecê”

No termo “Mecê”, assim como no anterior, só foi encontrado dois tipos de autores, o Indet. (pseudônimo) e o Masc., ambos apresentaram uma gradação de uso do P2 ao P3, sendo praticamente equivalentes. Mas do P3 ao P4 houve uma estabilidade no uso dos Indet. (pseudônimo) e o Masc. continuou a aumentar, ultrapassando-o. Exemplos:

Indet. (pseudônimo):

(108) “Lá adiante *mecê* encontra uma cruz: (...)”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1886, p. 3, ed. 30). - Texto intitulado “Ensino de caminho”. Sem autoria.

GM:

(109) “Agora, *mecê* vai arranjar sete sabugos de mió...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 5, ed. 30). - Texto intitulado “Os velhacos em ação”. Autor: J. Lopes Teixeira.

O gráfico seguinte mostra os resultados referentes ao termo “Vacê”.

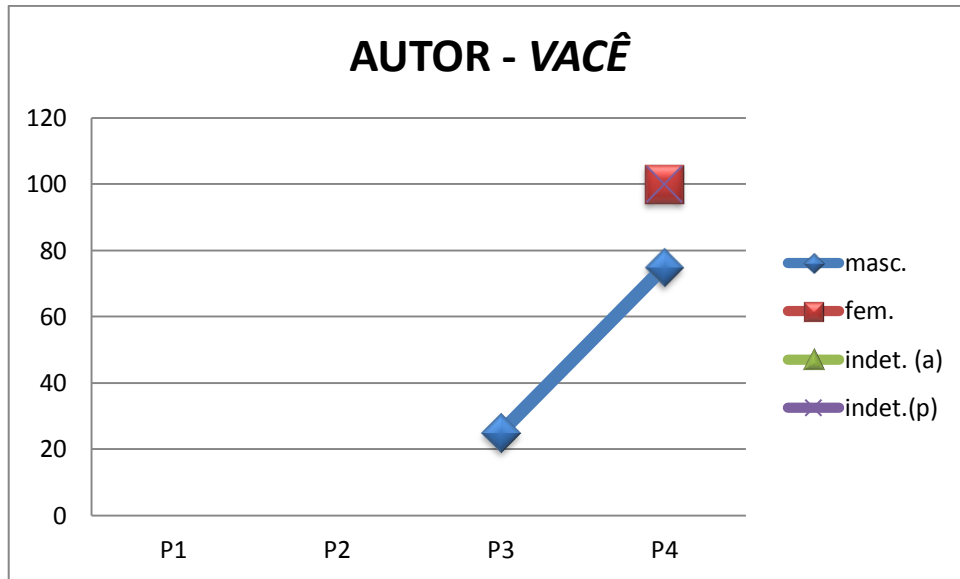


Gráfico 12 - Autores relativos ao termo “Vacê”

O “Vacê”, como se percebe, só apresentou ocorrências a partir do P3, com aumentos significativos até o P4, onde concorreu com textos de autoria Masc e Fem. Exemplos:

GF:

(110) “Vacê sorrirá por certo...”. (Conselheiro Lafaiete, *Correio da Semana*, 1940, p. 3, ed. 1167). - Texto intitulado “Minha doce amiga”. Por Luci.

Em seguida, têm-se os valores referentes ao “Vancê”:

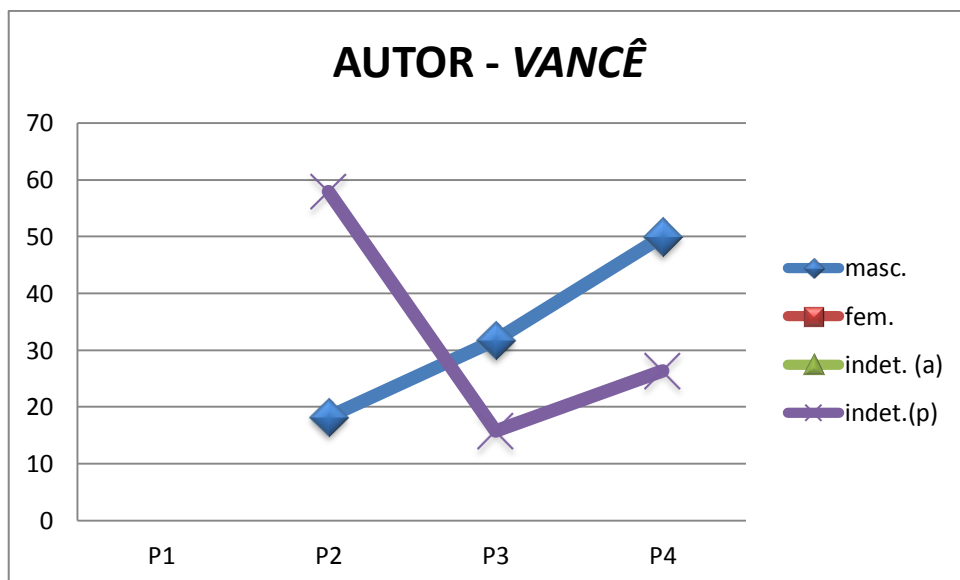


Gráfico 13 - Autores relativos ao termo “Vancê”

O “Vancê” apresentou as mesmas características dos demais termos em relação ao autor, mas, como pode-se notar, por volta do P3 houve uma inversão de valores e o gênero Masc. ganhou destaque em relação ao Indet. (pseudônimo). Exemplos:

Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(111) “/ Vancê sabe./”. (Ouro Preto, *Noticiador de Minas*, 1869, p. 3, ed. 95). - Texto sem título e sem autoria.

Os dados abaixo se referem aos termos “Vocemecê/Vossemecê”.

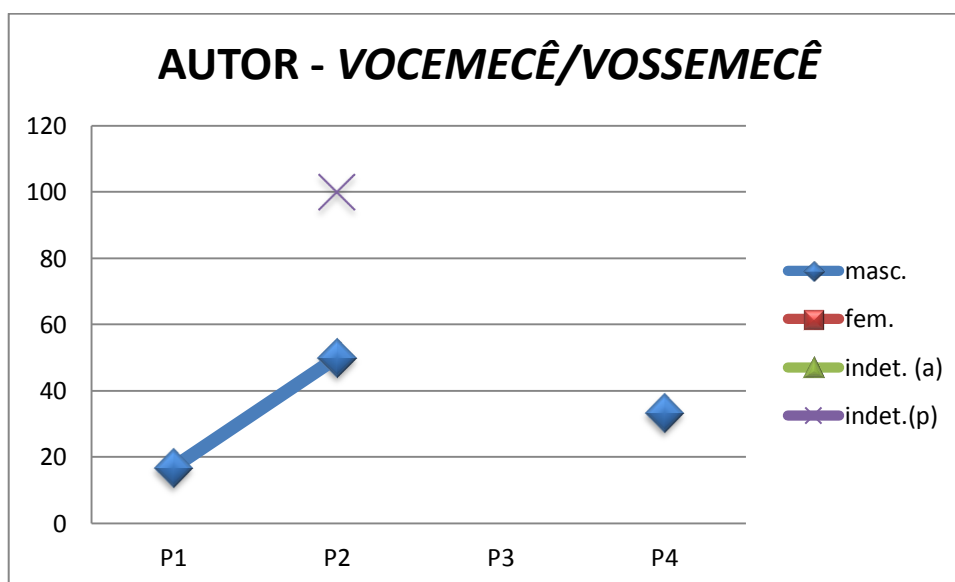


Gráfico 14 - Autores relativos aos termos “Vocemecê/Vossemecê”

Esses termos acompanham as características dos demais aqui já apresentados, ou seja, os autores encontrados em seus textos são Masc. e Indet. (pseudônimo), sendo que o primeiro tem um aumento entre os P1 e P2, onde concorre com autor Indet. (pseudônimo), que só apresenta evidência nesse período. No P3 não se encontrou nenhum dos termos pesquisados e no P4 apenas autores do gênero Masc. Exemplos:

Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(112) “**Vossemecê** não aparece mais com a sua prosa...”. (Juiz de Fora, *Correio de Minas*, 1898, p. 1, ed. 7). - Texto sem título e sem autoria. Uma mensagem.

GM:

(113) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1958, p. 3, ed. 173) - TEXTO INTITULADO “O Fantasma Do Castelo”. Pelo Dr. José Antônio Nogueira de Barros. Episódio de 1640.

Em relação ao autor, o “Vossê” também se encontra representado abaixo:

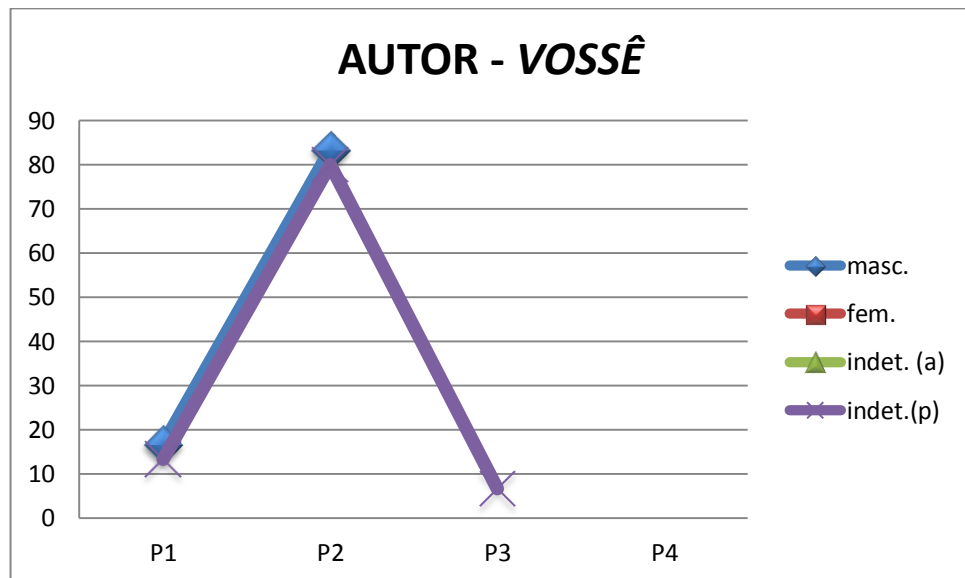


Gráfico 15 - Autores relativos ao termo “Vossê”

O “Vossê” também apresentou apenas autores Indet. (pseudônimo) e Masc., mas com a peculiaridade de ambos possuírem os mesmos índices referentes a autoria entre o P1 e o P2. No P3 os autores Masc. desaparecem e só existe ocorrência com autor Indet. (pseudônimo). No P4 não foi encontrado nenhum termo “Vossê” nos jornais pesquisados. Exemplos: Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(114) “Se **vosse** não jurar o que sabe contra o Narciso e o Padre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1828, p. 4, ed. 81). - CARTA DO LEITOR. Autor: O Espreitor dos Auditórios.

GM:

(115) “_Eu queria saber se **vossê** viu alguma coisa.?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1862, p. 3, ed. 27). - TEXTO INTITULADO “Scenas da Vida do Garimpeiro”. Por João Costa.

Por fim, têm-se os resultados dos autores referentes ao “Ocê”:

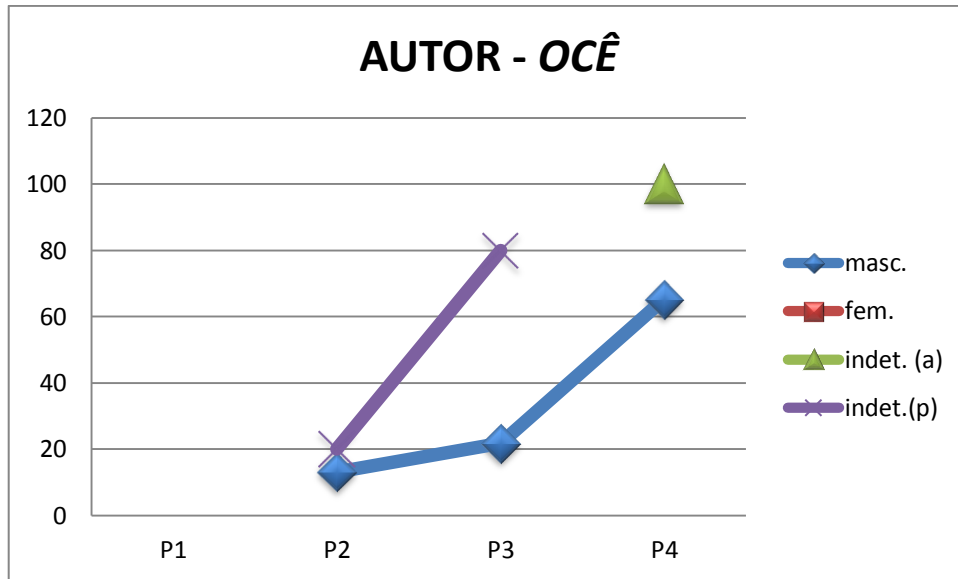


Gráfico 16 - Autores relativos ao termo “Ocê”

Novamente, se destacam os autores Indet. (pseudônimos) e Masc., sendo que o primeiro é mais frequente que o segundo, entre os P2 e o P3. Os autores Masc. tornam-se únicos entre o P3 e o P4, em que concorre com Indet. (anúncio). Exemplos:

Gênero Indeterminado (pseudônimo):

(116) “Se **ocê** num fô eu grito...”. (Caratinga, *O Município*, 1940, p. 2, ed. 459). - CARTA PESSOAL a um compadre. Autor: Izé da Incruziada.

GM:

(117) “Bate o pé no chão **procê** vê cumo tá oco...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 7, ed. 1980). - Coluna intitulada “Caiporão”. Autor: Ferreira Neto.

Gênero Indeterminado (anúncio):

(118) “**Ocê** já é assinante deste jornal?”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1963, p. 6, ed. 38). - Nota sobre o jornal.

O gênero (masculino, feminino, indeterminado) do autor, daquele que escreve o texto, mas não participa ativamente dele, ou seja, não faz parte do enredo como falante, é mais indeterminado, indicando que o termo é mais comum em textos cuja referencialidade é o leitor dos jornais. O “Vossa Mercê”, por sua vez, é usado de forma equivalente entre autores masculinos e indefinidos (pseudônimo), assim como as demais variantes.

3.1.3.2 Personagens

Muitos textos incluíam personagens, como é o caso dos GT literários - contos, crônicas, anedotas, charges, mensagens, entre outros. A relação entre os falantes, participantes do enredo do texto, é como um espelho da sociedade da época, pois mostra por meio das narrativas, situações cotidianas entre os falantes e expressa a realidade da época, a cultura do local, as relações sociais e políticas.

Em relação aos gêneros indeterminados, eles praticamente não tinham espaço nos períodos iniciais, passando a ganhar maior destaque a partir do P2. Os textos eram indeterminados quando faziam referência, não a um participante de uma transcrição de diálogo, por exemplo, mas, a leitores que não tinham como ser identificados. É o caso dos artigos, notícias, poesias, músicas, entre outros.

Os personagens femininos não foram muito destacados, em relação ao uso do “Vossa Mercê”. O espaço era mesmo de destaque para os personagens masculinos, que foram constantes e tiveram seu pico por volta do P2, tendo um declínio a partir de então, com exceção do último período das variantes. A maioria dos textos abordava o cotidiano masculino, nas suas mais variadas vertentes, e pouco destaque se tinha em relação ao cotidiano feminino. E quando isso ocorria, se fazia por meio de uma visão masculinizada. O destaque vai para o gênero indeterminado, que cresceu nos últimos períodos, reafirmando a característica dos GT jornalísticos, que começaram a ganhar impessoalidade. Os gráficos abaixo expressam esses dados:

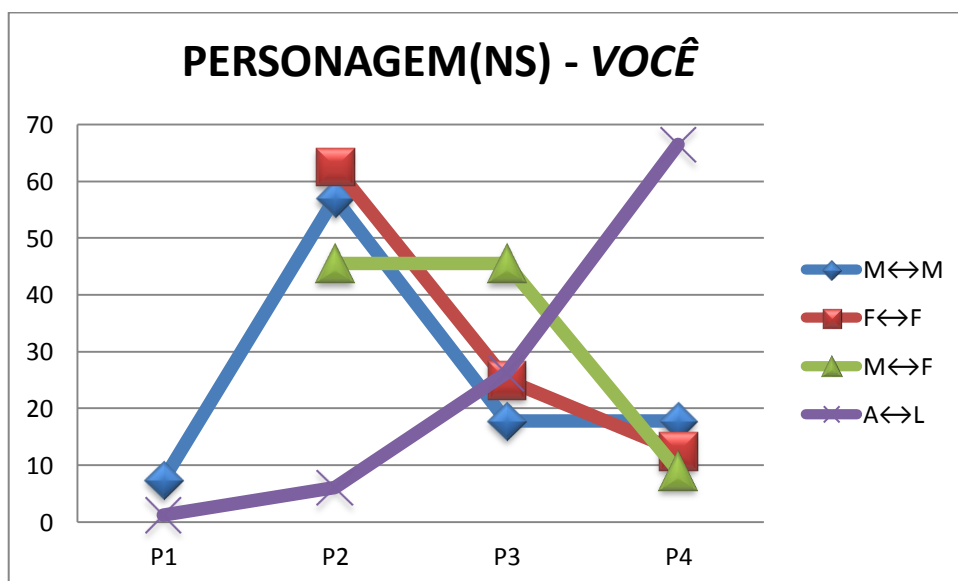


Gráfico 17 - Personagens relativas ao termo “Você”

Vê-se que os personagens M↔M e Indet. (A↔L) são os únicos no P1, sendo os primeiros os mais frequentes. No P2, surgem os F↔F como as mais frequentes, seguido de M↔M que a partir de então declinaram, os M↔F aparecem pela primeira vez nesse período, e os Indet. (A↔L) que se mostraram crescentes ao longo desse período. Esse índice se dá em decorrência do grande número de textos literários, como crônicas, anedotas, romances, entre outros. No P3, o M↔F permaneceram estáveis, mas tornaram-se as mais frequentes. Em sequência, têm-se os F↔F na mesma proporção dos A↔L, e as M↔M como as menos frequentes. No último período, existe uma inversão de valores, surgindo relações mais indeterminadas (A↔L), caracterizadas por GT jornalísticos, como anúncios, propagandas, notas e assim por diante, seguido das demais personagens. Exemplos:

Gênero Masculino (M↔M):

(119) “Se **você** não gosta destes divertimentos...”. (Ouro Preto, *Constitucional*, 1866, p. 1, ed. 7). - Texto escrito em prosa, intitulado O ERMITÃO DE MUQUEM, história da fundação (Da Romaria de N. S. da Abadia). Autor: Bernardo Guimarães. PERSONAGEM: falantes masculinos.

Gênero Feminino (F↔F):

(120) “**Você** sabe muito bem / Q’eu não costumo cear.”. (Ouro Preto, *O Recriador Mineiro*, 1845, p. 167, ed. 1). - Trata-se de um epigrama sem autoria, em que uma prima visita a outra, acaba se molhando na chuva, e a outra na tentativa de ajuda-la acaba sendo mal interpretada;

Gênero (M↔F):

(121) “Não sei por que **você** não apareceu ontem.”. (Ouro Preto, *O Noticiador de Minas*, 1871, p. 3, ed. 338). - Texto intitulado “OS PRIMOS”. Autor: MEPHISTOPHELES. PERSONAGENS: Um casal de primos.

Gênero Indeterminado (A↔L):

(122) “Que **você** por mais um triz?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1870, p. 4, ed. 49). - Cantigas populares. Assinado por J. C. Stoler de Lima. SEM PERSONAGENS ou falantes.

Em seguida, tem-se o gráfico que faz referência aos personagens encontrados nos textos em que aparece o termo “Vossa Mercê”:

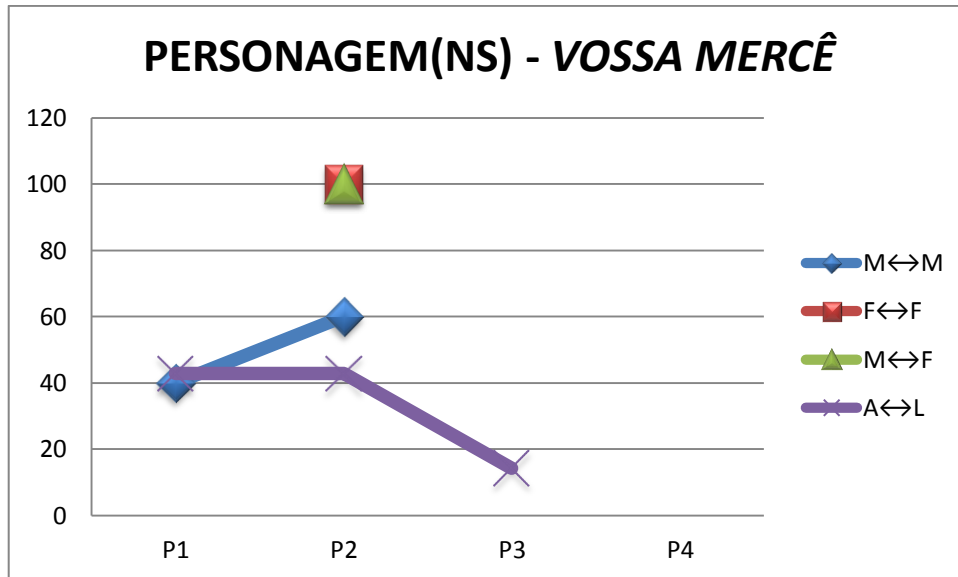


Gráfico 18 - Personagens relativas ao termo “Vossa Mercê”

No P1, os personagens do tipo M↔M e Indet. (A ↔L), apresentam-se nas mesmas proporções. No P2, tem-se todos os tipos de personagens na seguinte sequência: F↔F = M↔F, M↔M e A↔L. No P3, em decorrência do pouco número de termos referentes ao “Vossa Mercê”, só foi encontrado personagens A↔L. No P4, não encontramos mais o termo em questão. Exemplos:

Gênero (M↔M):

(123) “Estou a **vossa mercê**, Americo, e pronto para cumprir vossas determinações até o fim.”. (Pouso Alegre, *O Mineiro*, 1874, p. 4, ed. 33). - Texto intitulado “Memórias de um Voluntário da Patria”. Por F. G. LOMONACO, CAP. XX. PERSONAGENS: Um velho e um moço.

Gênero (F↔F):

(124) “_**Vossa mercê** já leu os jornaes de hoje?”. (Bagagem, *O Palladio*, 1886, p. 1, ed. 11). - Texto intitulado “Romance de uma Velha”. Por J. M. de Macedo. PERSONAGENS: sobrinha e tia.

Gênero (M↔F):

(125) “_É elle mesmo, senhora; um humilde servo de **vossa mercê** ...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1873, p.1, ed. 58). - Romance intitulado “O Bandido do Rio das Mortes”. Por Bernardo Guimarães. CAP. IV. PERSONAGENS: enamorados.

Gênero Indeterminado (A↔L):

(126) “/tem **VOSSA MERCÊ** por cá !/”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1861, p. 1, ed. 21). - Texto escrito em versos intitulado “Communicado”. SEM PERSONAGEM ou falantes.

O gráfico abaixo se refere aos personagens do termo “Ancê”:

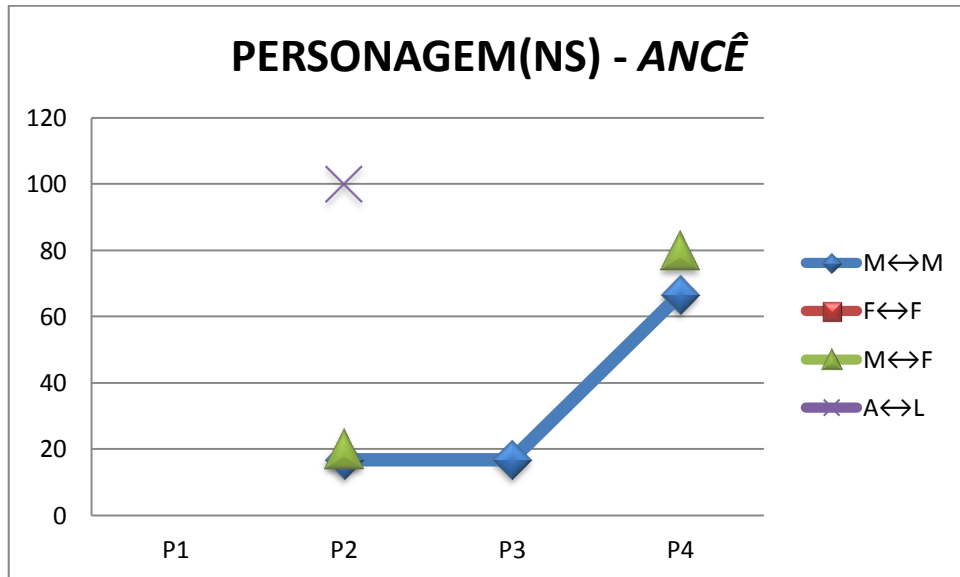


Gráfico 19 - Personagens relativas ao termo “Ancê”

No que se refere ao termo “Ancê”, nos períodos iniciais, o destaque fica para as relações Indet. (autor ↔ leitor), que apresentaram um alto índice no P2, mostrando que a maioria dos textos eram literários, como transcrições de diálogos, romances, crônicas, anedotas e muitos outros, mas que some nos períodos seguintes, dando lugar aos personagens F↔M e M↔M. Exemplos:

Gênero Masculino (M↔M):

(127) “O juda perdeu o cachimbo e **ancê** pode viaja...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1948, p. 11, ed. 1928). - CRONICA INTITULADA “Simplicidade”. Por Ferreira Neto. PERSONAGEM: falante masculino.

Gênero Feminino (F↔F):

(128) “**Vacê** sorrirá por certo...”. (Conselheiro Lafaiete, *Correio da semana*, 1940, p. 3, ed. 1167). - Texto intitulado MINHA DOCE AMIGA. Por Luci. PERSONAGENS: amigas.

Gênero (M↔F):

(129) “_<< Agora fico sabendo que **ancê** no peito tem boca>>”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1888, p. 4, ed. 524). - Diálogo. Sem autoria. PERSONAGENS: enamorados.

Gênero Indeterminado (A↔L):

(130) “... que **vossé** era um grande caramuru;”. (São João Del Rei, *O Constitucional Mineiro*, 1833, p. 3, ed. 52). - Carta do leitor. Autor O Caramuru. SEM PERSONAGEM.

Abaixo, os dados expressos no gráfico mostram os resultados referentes ao termo “Mecê”:

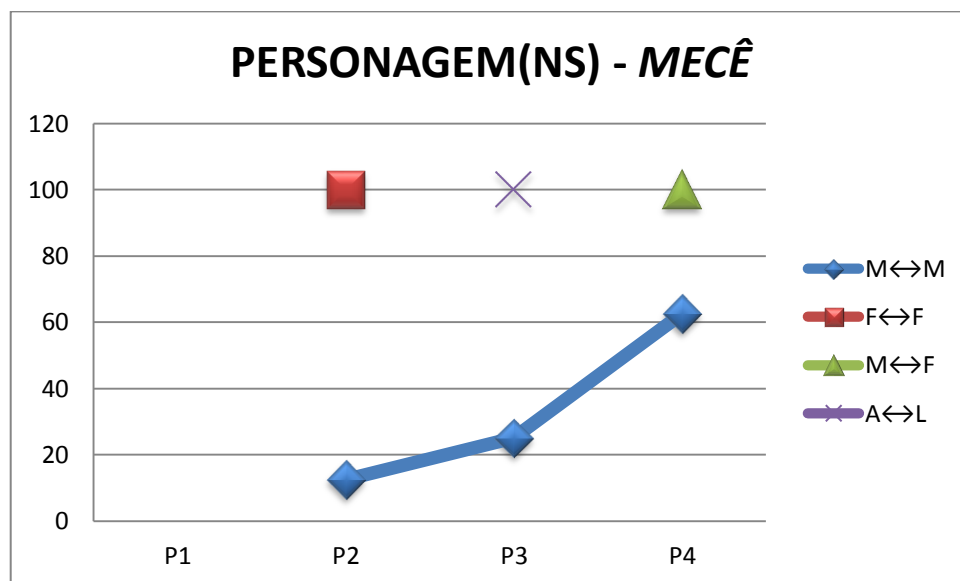


Gráfico 20 - Personagens relativas ao termo “Mecê”

A cada período tem-se destaque para um tipo de personagens: No P1, não foi encontrado esse termo nos jornais pesquisados. No P2, as relações F↔F predominaram, mas desapareceram nos períodos seguintes. No P3, têm-se as A↔L, que só foram encontradas nesse período, assim como F↔M no P4. Os personagens do tipo M↔M, apesar de ocorrerem em menor número, foram frequentes desde o P2 e se estenderam de forma gradativa aos demais períodos. Exemplos:

Gênero Feminino (F↔F):

(131) “Titia, vovó disse **mecê** é muito feia, é uma cascavel.”. (Juiz de Fora, *Echo do Povo*, 1882, p. 3, ed. 48). Texto sem título e sem autoria. PERSONAGENS: uma sobrinha / uma tia.

Gênero Masculino (M↔M):

(132) “_Pai... se **mecê** vende o sítio...”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 2, ed. 6742). Texto sem título e sem autoria. PERSONAGENS: Pai/filho;

Gênero Masculino e Feminino (F↔M):

(133) “**Mecê** descurpe...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1944, p. 3, ed. 1845). Texto sem título e sem autoria. PERSONAGENS: marido / esposa;

O gráfico abaixo se refere aos personagens encontrados nos textos em que aparecem o termo “Vacê”:

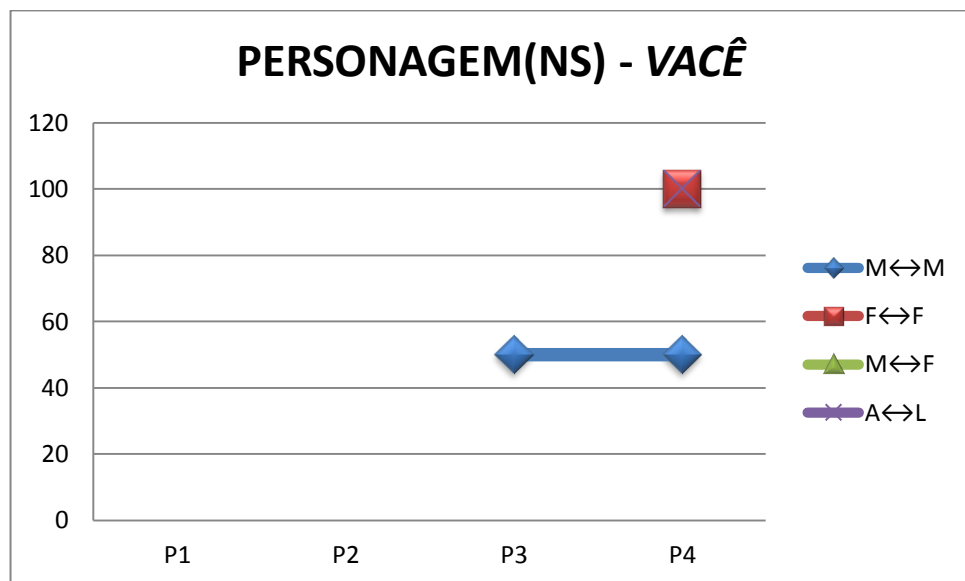


Gráfico 21- Personagens relativas ao termo “Vacê”

O “Vacê” só apresentou ocorrências nos dois últimos períodos. No P3, só foram encontrados os personagens do tipo M↔M. Já no P4, F↔F e A↔L, obtiveram o mesmo valor e foram superiores aos M↔M. Exemplos:

Gênero Masculino (M↔M):

(134) “**Vacê** pensa qui namorado perde festa?”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1936, p. 3, ed. 1426). Texto intitulado A FILHA DO DOUTOR. Por Brito Machado. PERSONAGENS: amigos.

Gênero Indeterminado (autor↔leitor):

(135) “... **vacê** ganha / no jogo boas contia./”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1942, p. 5, ed. 9078). Texto intitulado HOMEM DE SORTE. Autor: Fontoura Costa. PERSONAGENS: autor / leitor;

Em seguida, os dados representados se referem ao termo “Vancê”:

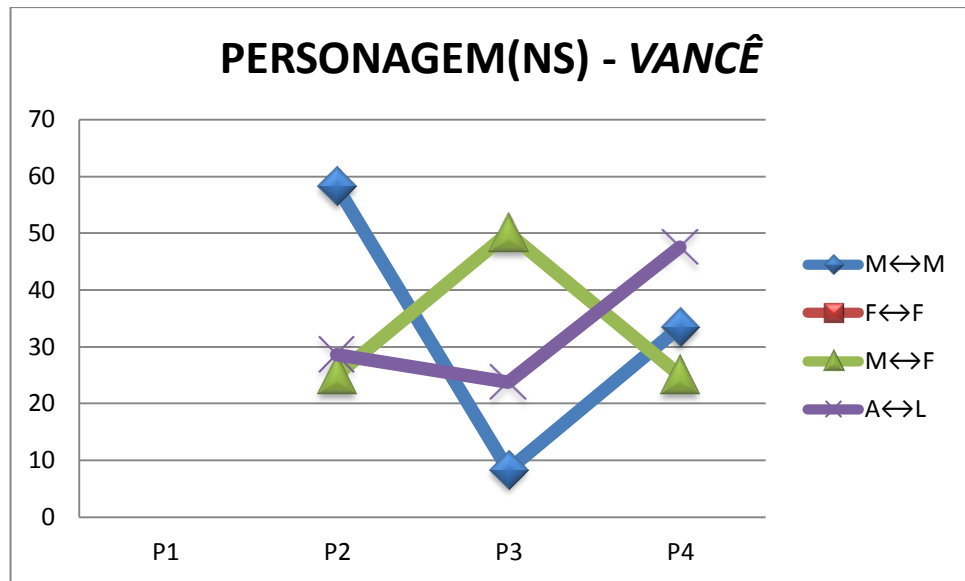


Gráfico 22 - Personagens relativas ao termo “Vancê”

O termo “Vancê” se destaca no P2 no uso de textos cujos personagens são M↔M, apresentando também Indet. (A↔L) e M↔F. Já no P3, as personagens são mais do tipo M↔F, seguido de Indet. (A↔L) e M↔M. No P4, ocorre uma inversão e os personagens mais frequentes são Indet. (A↔L), M↔M e M↔F. Exemplos:

Gênero Masculino (M↔M):

(136) “Nós viemos convidar *vancê* para abrir campo”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1874, p. 2, ed. 329). Texto intitulado JUCA, O TOPEIRO. Autor indefinido. PERSONAGENS: colegas;

Gênero M↔F:

(137) “/ _Vancê tem cousas que fazem a gente rir./”. (Baependi, *O Baependuano*, 1881, p. 3, ed. 478). Texto intitulado ESPELHO. Sem autoria. PERSONAGENS: uma moça / um padre;

Tem-se na sequência o gráfico referente aos termos “Vocemecê/Vossemecê”:

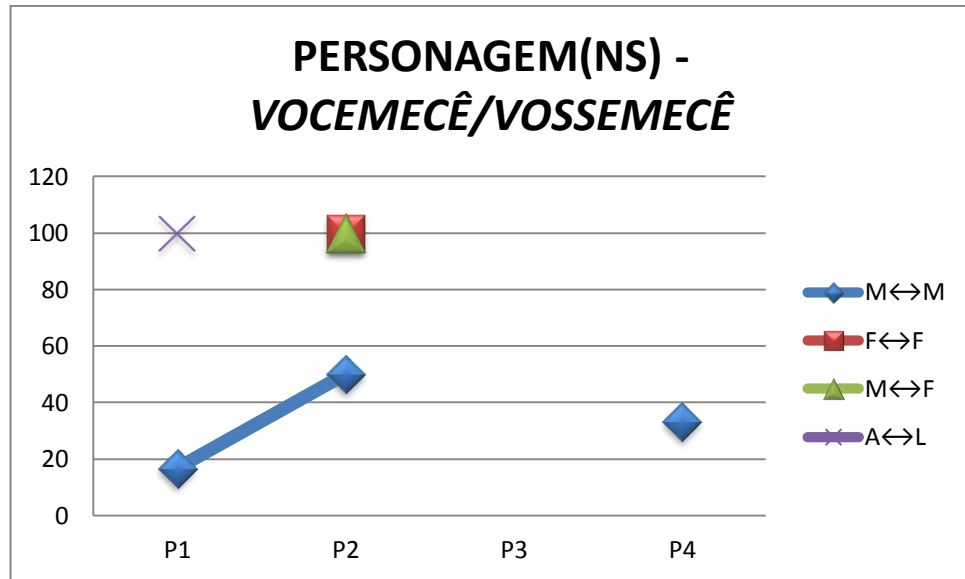


Gráfico 23 - Personagens relativas aos termos “Vocemecê/Vossemecê”

Na pesquisa referente ao termo “Vocemecê/Vossemecê”, encontramos no P1 personagens Indet. (A↔L), seguido de M↔M. No P2, os personagens de maior destaque foram os M↔F e F↔F com valores iguais, acompanhado dos M↔M. No P3, não foram encontradas ocorrências desse termo e no P4, tem-se notoriedade os personagens M↔M. Exemplos:

Gênero F↔M:

(138) “...vossemecê mandando, o negro vem mesmo...”. (Ouro Preto, *Minas Geraes*, 1895, p. 2, ed. 14). Texto intitulado “Pedro Barqueiro”. Autor: Affonso Arinos. PERSONAGENS: Empregada > Patrão;

Gênero Masculino (M↔M):

(139) “Vossemecê pensa que eu sou moço para ir e voltar...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 3, ed. 1952). Texto intitulado “No Estado da Baía vivi um homem de 177 anos de idade”. Por Zeferino Oliva. PERSONAGENS: um escravo > um branco;

Abaixo, os personagens representados em gráficos encontrados no uso do termo “Vossê”.

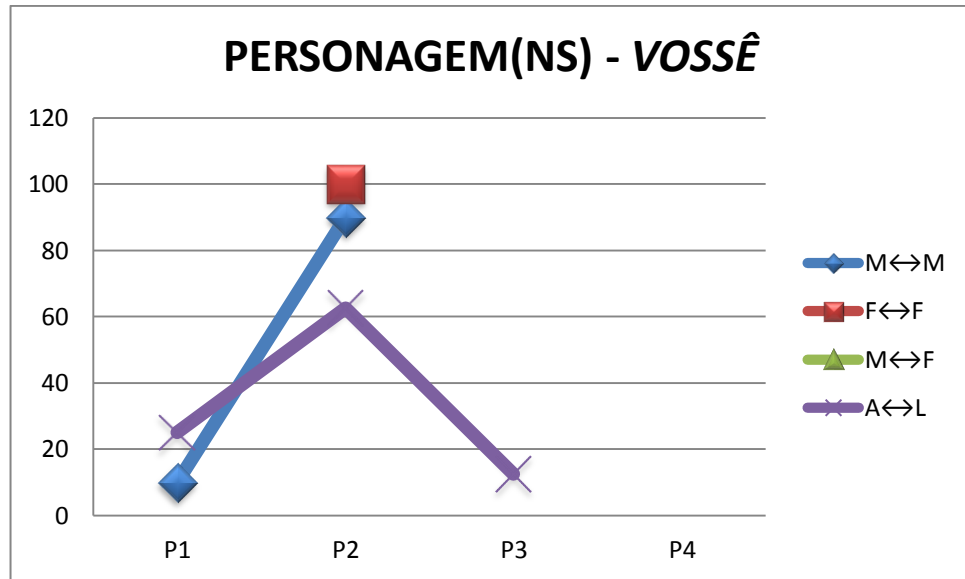


Gráfico 24 - Personagens relativas ao termo “Vossê”

No P1, os números mais elevados são os dos personagens Indet. (A↔L), seguido dos M↔M. No P2, tem-se uma inversão dos valores e os F↔F se sobressaem, acompanhados de M↔M e dos Indet. (A↔L). No P3, os valores diminuem consideravelmente e apenas os personagens Indet. (A↔L) se destacam. Não existiram ocorrências desse termo no P4. Exemplos:

Gênero Indeterminado (autor↔leitor):

(140) “Se **vosse** não jurar o que sabe contra o Narciso e o Padre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1828, p. 4, ed. 196). Carta do leitor. Autor: O Espreitor dos Auditórios. PERSONAGENS: autor/leitor; Gênero feminino (F↔F):

(141) “Em que ficou a *Salve Rainha* que **vossê** prometeu?”. (Pouso alegre, *O Mineiro*, 1875, p. 2, ed. 65). Texto intitulado “As Primihas”. Sem autoria. PERSONAGENS: primas;

Gênero Masculino (M↔M):

(142) “... **vossê** está malucando...”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1881, p. 3, ed. 29). Texto intitulado “A Partilha do Mundo”. Sem autoria. PERSONAGENS: dois conhecidos;

O resultado do último termo pesquisado está expresso no gráfico abaixo e faz referência ao termo “Ocê”.

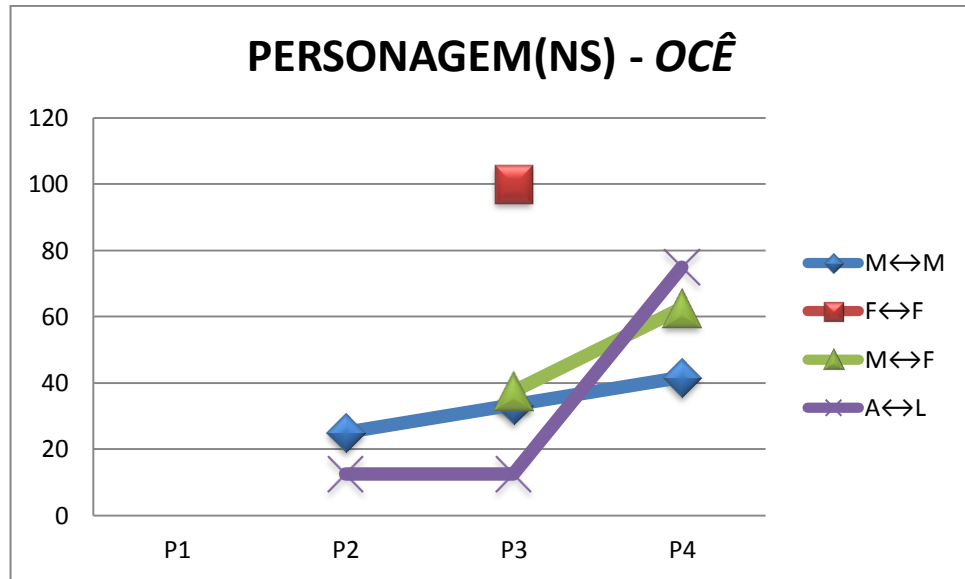


Gráfico 25 - Personagens relativas ao termo “Ocê”

As primeiras ocorrências surgem a partir do P2 e nelas temos destaque para textos cujos personagens são na grande maioria M↔M, havendo também textos com personagens Indet. (A↔L). No P3, foi encontrado mais personagens M↔F. E no P4 os que se destacaram foram os Indet. (A↔L), M↔F e M↔M. Exemplos:

Gênero masculino (M↔M):

(143) “Ai é que **ocê** acaba de ficá preto!”. (Uberlândia, *O Repórter*, 1962, p. 2, ed. 3989). Coluna intitulada “Fora do Eixo”. Por Artur Barros. PERSONAGENS: um guarda (negro) se dirigindo a um motorista (negro) num carro de luxo;

Gênero indeterminado (autor↔leitor):

(144) “**Ocê** tá muito preguiçosa!”. (Uberlândia, *O Repórter*, 1955, p. 4, ed. 3203). Coluna social intitulada “Alcova”. Por Abino Esteves. PERSONAGENS: autor↔leitor;

Gênero F↔M:

(145) “**Ocê** me arruma uns quinhentos...”. (Uberaba, *Lavoura e Comercio*, 1953, p. 6, ed. 13276). POEMA intitulado “Cartas Roceiras”. Autor: Joao da Mata. PERSONAGENS: Marido e Esposa

Portanto, em relação aos personagens, a maioria dos falantes, fictícios ou não, referentes ao “Vossa Mercê” > “Você” e suas variantes, eram do gênero masculino. Mas os

indeterminados também obtiveram resultados significativos, firmando o que já havíamos dito anteriormente sobre essa especificidade do suporte jornalístico.

3.2 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

3.2.1 HIERARQUIA E GRAU DE INTIMIDADE / TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL

Nas tabelas abaixo, estão descritos os resultados dos dados encontrados por cada termo pesquisado, referentes à relação social, por período e sua hierarquia.

Nas relações de *Poder*, um falante está sempre submetido à hierarquia do outro, seja uma hierarquia referente a padrões sociais, econômicos ou até mesmo culturais. Nas relações de *Igualdade*, os falantes encontram-se num mesmo patamar, discursando de uma maneira mais informal. Já na relação indefinida, os textos são mais impessoais, não existindo a possibilidade de se definir, com precisão, os tipos de relação social que os envolve, todos são referentes à “A↔L”.

Quadro 6 - Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P1

| PERÍODO 1 | |
|--|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Conhecidos | Superior / Inferior |
| Pessoas com cargo público / Pessoas comuns | Superior / Inferior |
| Professor / Aluno | Superior / Inferior |
| Amigos | Igualdade |
| Colegas de trabalho | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Autor/ leitor | Indefinido |

 Poder
  Solidariedade
  Indefinido

Exemplo de Poder:

(146) “O’ **você** **você** também he dos republicanos?”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1830, p. 3, ed. 373). - Narração de uma conversa entre um roceiro e um lacaio de *alta Personagem*. O autor da carta assina como *O Pesquisista*.

Exemplo de Solidariedade:

(147) “Negro velho, **você** he tolo...”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1828, p. 2, ed. 119). - Relação social - amigos.

Exemplo de Indefinido:

(148) “Meo filho se **você** gosta de ler Periodicos...”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1830, p. 3, ed. 373). - Relação social – autor / leitor.

Quadro 7 - Hierarquia e tipo de relação social do “Vossa Mercê” no P1

| PERÍODO 1 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Conhecidos | Igualdade |
| Cavaleiros (Ingleses) | Igualdade |
| Autor / Leitor | Indefinido |

Solidariedade Indefinido

Exemplo de Solidariedade:

(149) “Eu vinha pedir a **vossa merce** hum pequeno obzequio ...”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1839, p. 3, ed. 1761). - Dois cavaleiros.

Exemplo de Indefinido:

(150) “**Deus** Guarde a **Vossa mercê**.”. (São João Del Rei, *A Ordem*, 1844, p. 1, ed. 198). - Autor/leitor.

Quadro 8 - Hierarquia e tipo de relação social das “Vocemecê/Vossemecê” no P1

| PERÍODO 1 | |
|-----------------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Um fantasma / Um judeu (Vocemecê) | Inferior / Superior |

Poder

Exemplo de Poder:

(151) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p.3, ed. 173). Um fantasma/ um judeu;

Quadro 9 - Hierarquia e tipo de relação social das “Vossê” no P1

| PERÍODO 1 | |
|----------------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| O Rei Luiz XIV / Seu Esmoler Mór | Superior / Inferior |
| Autor / Leitor | Indefinido |

Poder Indefinido

Exemplo de Indefinido:

(152) “Se **vosse** não jurar o que sabe contra o Narciso e o Padre...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1828, p. 4, ed. 81). - autor/leitor;

Assim, representando as tabelas acima, tem-se o seguinte gráfico:

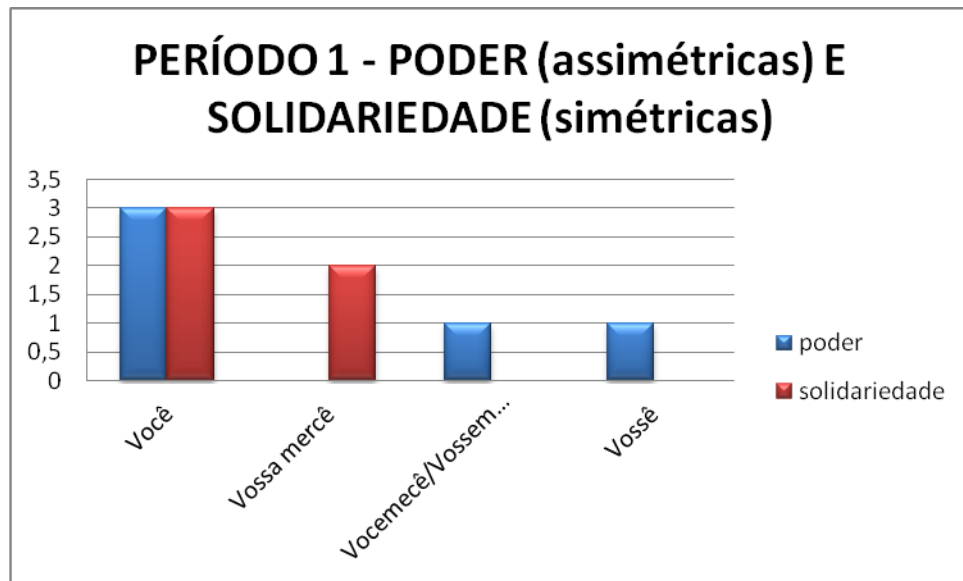


Gráfico 26 - Frequência das relações de Poder e Solidariedade no

As relações sociais nesse período são variadas e indicam que o “Você” era usado em diferentes situações, desde a referência a amigos, até relações que envolviam aspectos de “Superioridade” ou “Inferioridade” dos falantes.

Percebe-se que as relações de Poder são mais frequentes ao termo “Você” e que, apesar do “Vossa Mercê” ser visto, por muitos autores, como uma forma nominal tipicamente utilizada nessas relações, não foi encontrada nenhuma evidência. Também não foram encontradas relações de Solidariedade referentes às “Variantes”.

Assim, pode-se afirmar que, no P1, o “Você” era usado em relações simétricas e assimétricas nas mesmas proporções. O “Vossa Mercê” apenas em relações simétricas. O “Vocemecê/Vossemecê” e o “Vossê” apenas em relações assimétricas e nas mesmas proporções.

No período 2, foram encontrados os seguintes dados:

Quadro 10 - Hierarquia e tipo de relação social de “Você” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Adulto / Criança | Superior / Inferior |
| Assassino / vítima | Superior / Inferior |
| Atriz / Rapaz | Superior / Inferior |
| Autoridade / Cidadão | Superior / Inferior |
| Bêbado / desconhecido | Inferior / superior |
| Cidadão / Mendigo | Superior / Inferior |
| Credor / Devedor | Superior / Inferior |
| Criança / Adulto | Inferior / Superior |

| | |
|--|---------------------|
| Estudante / Empregado | Superior / Inferior |
| Estudante / Ladrão | Superior / Inferior |
| Fazendeiro / moleque | Superior / Inferior |
| Freguês/ criado | Superior / Inferior |
| Juiz / Réu | Superior / Inferior |
| Marido / Mulher | Superior / Inferior |
| Mestre / Aluno | Superior / Inferior |
| Mestre / Pessoas comuns | Superior / Inferior |
| Mulher da sociedade / Cocheiro | Superior / Inferior |
| Noiva / Sacristão | Inferior / Superior |
| Oficial / estudioso | Superior / Inferior |
| Padre / Soldado | Superior / Inferior |
| Pai / Filho | Superior / Inferior |
| Pessoa Comum / Presidente | Inferior / Superior |
| Pessoa Comum / Engenheiro | Inferior / Superior |
| Pessoas com cargo público / Pessoas Comuns | Superior / Inferior |
| Soldado / Cidadão | Superior / Inferior |
| Trocista / medroso | Superior / Inferior |
| Advogados | Igualdade |
| Amigos | Igualdade |
| Cidadãos | Igualdade |
| Colegas de Trabalho | Igualdade |
| Comerciante / Redator | Igualdade |
| Compadres | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Costureira | Igualdade |
| Desconhecidos | Igualdade |
| Empregados | Igualdade |
| Enamorados | Igualdade |
| Irmãos | Igualdade |
| Mãe / Filha | Igualdade |
| Noivos | Igualdade |
| Parentes | Igualdade |
| Políticos | Igualdade |
| Primos | Igualdade |
| Vizinhos | Igualdade |
| Autor/leitor | Indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Poder:

(153) “... **voçê** vá lá...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 2, ed. 21). - Um presidente e uma pessoa comum.

Exemplo de Solidariedade:

(154) “Que vê **voçê** nessa gaveta?”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 2, ed. 21). - Igualdade; conhecidos;

Exemplo de Indefinido:

(155) “Caralta, **voçê** que diz?”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 2, ed. 21). - Autor – leitor.

Quadro 11 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vossa Mercê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|----------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Filha / pai | Inferior / Superior |
| Matuto / Compadre da Corte | Inferior / Superior |
| Um velho / Um moço | Superior / Inferior |
| Enamorados | Igualdade |
| Filho / pai | Igualdade |
| Sobrinha / tia | Igualdade |
| Autor/ leitor | Indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Poder:

(156) “... que **vossa mercê** não me quiz mais honrar com suas apreciáveis letras ...”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1866, p. 2, ed. 21). - Um matuto e um compadre da corte.

Exemplo de Solidariedade:

(157) “... como apráz a **vossa mercê** acreditar.”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1873, p. 1, ed. 58). – Enamorados;

Exemplo de Indefinido:

(158) “**Vossa mercê**, senhor capitão-delegado, fique sabendo que ...”. (S. João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1884, p. 3, ed. 4). - Autor / leitor.

Quadro 12 - Hierarquia e tipo de relação social de “Ancê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Desconhecidos | Inferior / Superior |
| Amigos | Igualdade |
| Enamorados | Igualdade |
| Autor / leitor | indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Poder:

(159) “...*quem buliu cú ancê oho?*”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p. 3, ed. 26). - Desconhecidos.

Exemplo de Solidariedade:

(160) “**Mecê** compra u’a casa bunita...”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 2, ed. 6742). - Pai e filho – igualdade.

Exemplo de Indefinido:

(161) “_Intão, **vacê** cum certeza, / viu lá muntas boniteza./”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1942, p. 5, ed. 9078). - Autor / leitor.

Quadro 13 - Hierarquia e tipo de relação social de “Mecê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Roceiro / viajante | Inferior / Superior |
| Sobrinha / tia | Inferior / Superior |




 Poder

Exemplo de Poder:

(106), p. 68.

Quadro 14 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vancê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Bêbado / chefe | Inferior / Superior |
| Caboclo / viajante | Inferior / Superior |
| Desconhecidos | Inferior / Superior |
| Moça / padre | Inferior / Superior |
| Padre / caipira | Superior / Inferior |
| Colegas | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Desconhecidos | Igualdade |
| Um rapaz / uma mulata | Igualdade |
| Vizinhos | Igualdade |
| Autor / leitor | indefinido |

 Poder  Solidariedade  Indefinido

Exemplo de Poder:

(162) “**Vancê** mandou-me pingar.”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p.1, ed. 87). - um bêbado / um chefe de polícia; inferior / superior;

Exemplo de Solidariedade:


(163) “**Vancê** não me pôde dizer onde é o quarto do patrão que veio comigo?”. (Baependi, *O Baependyano*, 1881, p.2, ed. 206). - desconhecidos; igualdade;

Exemplo de Indefinido:

(164) “*Mas **vancê** fais muito male de tá fallano nas coisa assim...*”. (Ouro Preto, *Liberal Mineiro*, 1882, p.3, ed. 26). - autor / leitor;

Quadro 15 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vocemecê/Vossemecê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Criado / amo | Inferior / Superior |
| Empregado / patrão | Inferior / Superior |
| Juiz / réu | Superior / Inferior |
| Réu / juiz | Inferior / Superior |
| Caçadores | Igualdade |
| Casal | Igualdade |
| Comadres | Igualdade |
| Desconhecidos | Igualdade |
| Autor / leitor | indefinido |

 Poder  Solidariedade  Indefinido

Exemplo de Poder:

(165) “E porque **vossemecê** não poude *lambê*, morre”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1882, p. 3, ed. 87). - um réu>um Juiz; inferior>superior;

Exemplo de Solidariedade:

(166) “Perdoe-me **vossemecê** se lh’o occultei...”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1881, p. 1, ed. 47). - Caçadores; Igualdade;

Quadro 16 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vossê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Ferreiro / mestre | Inferior / Superior |
| Juiz / ladrão | Superior / Inferior |
| Mendigo / passante | Inferior / Superior |
| Morto / padre | Inferior / Superior |
| Sacristão / vigário | Inferior / Superior |
| Conhecidos | Igualdade |
| Estranhos | Igualdade |
| Irmãos | Igualdade |
| Primas | Igualdade |
| Autor / leitor | indefinido |

 Poder  solidariedade  Indefinido

Exemplo de Poder:

(167) “E que papel é esse de que **vossê** falla?”. (Diamantina, *O Jequitinhonha*, 1862, p. 3, ed. 27). - ferreiro/mestre; inferior/superior;

Exemplo de Solidariedade:

(168) “Onde estava **vossê** com esta cabeça...”. (Pouso Alegre, *O Mineiro*, 1875, p. 2, ed. 65). - primas; igualdade;

Exemplo de indefinido:

(169) “D’aquellas que **vossê** sabe?”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1881, p. 1, ed. A41). - autor/leitor;

Quadro 17 - Hierarquia e tipo de relação social de “Ocê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Amigos | Igualdade |
| Autor / leitor | indefinido |

Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Solidariedade:

(170) “/ **Ocê** não tá enganado, /”, (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1887, p. 2, ed. 417). - amigos; Igualdade;

Exemplo de Indefinido:

(171) “**Ocê** estava direito nessa hora?”. (Ouro Preto, *A Actualidade*, 1880, p. 3, ed. 155).

Representando as tabelas acima, tem-se o seguinte gráfico:

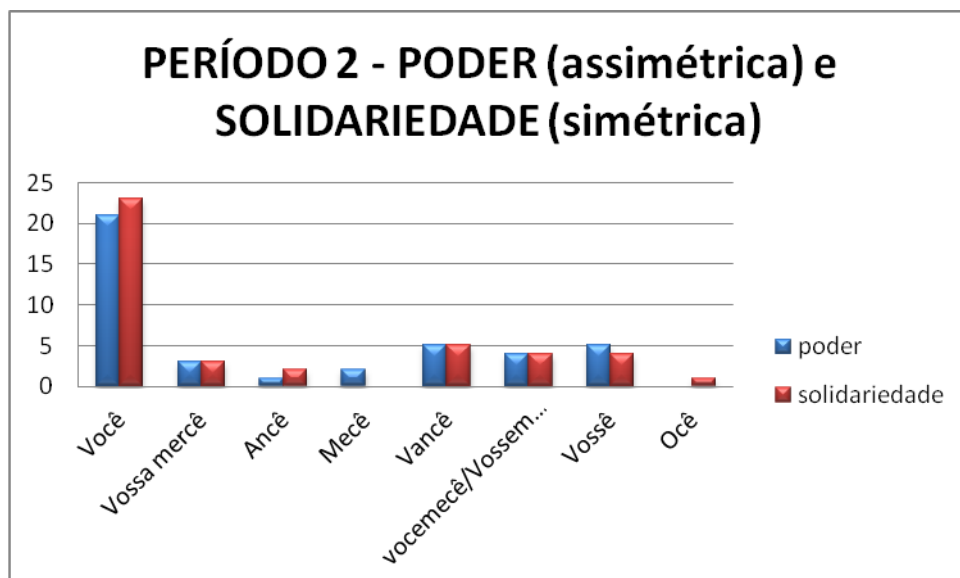


Gráfico 27 - Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P2

No final do século XIX, encontramos um número bem maior de relações sociais que envolvem os falantes. Em relação ao termo “Você”, ele continua sendo o mais usual e por isso o mais numeroso, existindo uma proporcionalidade entre as relações de Poder e Solidariedade. O “Vossa Mercê” também apresentou um resultado semelhante, mas em menores proporções. Quanto às “Variantes”, elas também apresentaram certa linearidade entre as relações de Poder e Solidariedade. Por fim, os termos indefinidos ganham destaque, mostrando o avanço dos GT jornalísticos, cuja relação autor/leitor estão presentes.

No P2, o “Você” continua, mesmo que em pequena porcentagem, a ser mais usado em relações simétricas. O “Vossa Mercê”, entrando em decadência de uso, é usado na mesma proporcionalidade, tanto em relações simétricas, quanto nas assimétricas e as “Variantes” também seguem as mesmas características dos termos anteriores.

Quanto ao P3, tem-se:

Quadro 18 - Hierarquia e tipo de relação social do “Você” no P3

| PERÍODO 3 | |
|-----------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Advogado/ lavrador | Superior / inferior |
| Delegado / cidadão | Superior / inferior |
| Desconhecido/ caipira | Superior / inferior |
| Embaixador / pessoas comuns | Superior / inferior |
| Político / criança | Superior / inferior |
| Político/ repórter | Superior / inferior |
| Amigos | Igualdade |
| Caipiras | Igualdade |
| Compadres | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Desconhecidos | Igualdade |
| Enamorados | Igualdade |
| Ex-namorados | Igualdade |
| Família | Igualdade |
| Mãe/ filho | Igualdade |
| Pai da noiva/ noivo | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Poder:

(172) “... **você** é o Jamie Walker da Terra...”. (Montes Claros, *O Operário*, 1933, p. 6, ed. 79). - Embaixador / pessoas comuns.

Exemplo de Solidariedade:


(173) “_ Como **você** está mudada, comente!”. (Montes Claros, *O Operário*, 1932, p. 4, ed. 5). - Ex – namorados.

Exemplo de Indefinido:

(174) “**Você** nunca ouviu pronunciar um discurso...”. (Montes Claros, *O Operário*, 1933, p. 1, ed. 85). - Autor / leitor.

Quadro 19 - Hierarquia e tipo de relação social do “Vossa Mercê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Autor / leitor | Indefinido |


 Indefinido

Exemplo de Indefinido:

(175) “.....eu quero pedir a **Vossa mercê** me mandasse dar uma surra pelo que fiz ...”. (Queluz, *Jornal de Queluz*, 1929, p. 1, ed. 184). – Autor / leitor.

Quadro 20 - Hierarquia e tipo de relação social das “Ancê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Filho / pai | Inferior / superior |
| Caipira / Doutor | Inferior / superior |




 Poder

Exemplo de Poder:

(176) “Só si ancê me mostra ele...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1937, p.8, ed. 1458). - O filho se dirigindo para o pai.

Quadro 21 - Hierarquia e tipo de relação social de “Mecê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Caipira / chefe | Inferior / superior |
| Pai / filho | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |


 Poder  Solidariedade  Indefinido

Exemplo de indefinido:

(177) “... que é cumo **mecê** me diz.”. (Uberaba, *Lavoura e Comercio*, 1934, p.16, ed. 6246). – autor x leitor;

Quadro 22 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vacê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Amigos | Igualdade |

 Solidariedade

Exemplo de Solidariedade:

(147), p. 87.

Quadro 23 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vancê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Compadres | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

 Solidariedade  Indefinido

Exemplo de Solidariedade:

(178) “/Como tem passado **vancê?**?”. (Conselheiro Lafaiete, *O Democrata*, 1924, p. 3, ed. 22). - compadres; igualdade;

Exemplo de indefinido:

(179) “(...) p’ra morde sortá pr’u riba de **vancê**, (...)”. (Montes Claros, *O Operário*, 1934, p. 1, ed. 185). - autor / leitor;

Quadro 24 – Hierarquia e tipo de relação social de “Vossê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Autor / leitor | Indefinido |

 Indefinido

Exemplo de indefinido:

(180) “Escreva que **vossê** contou a soltura dos presos debaixo de horrível pressão...”. (Patos de Minas, *O Comércio*, 1914, p.2, ed. 178). - autor/leitor;

Quadro 25 - Hierarquia e tipo de relação social de “Ocê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Enamorados | Igualdade |
| Desconhecidos | Igualdade |
| Compadres | Igualdade |
| Casal | Igualdade |
| Amigos | Igualdade |

| | |
|----------------|------------|
| Autor / leitor | Indefinido |
|----------------|------------|

■ Solidariedade ■ Indefinido

Exemplo de Solidariedade:

(181) “Isso é p’ra **ocê** deixá de ser fingida...”. (Abaeté, *Abaeté=Jornal*, 1935, p. 3, ed. 102). - Um casal.

Exemplo de Indefinido:

(182) “Num sei se já contei **procê** que o cumpadre Belarmino...”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 6, ed. 6713). - Autor / leitor.

Como resumo, obteve-se o seguinte gráfico:

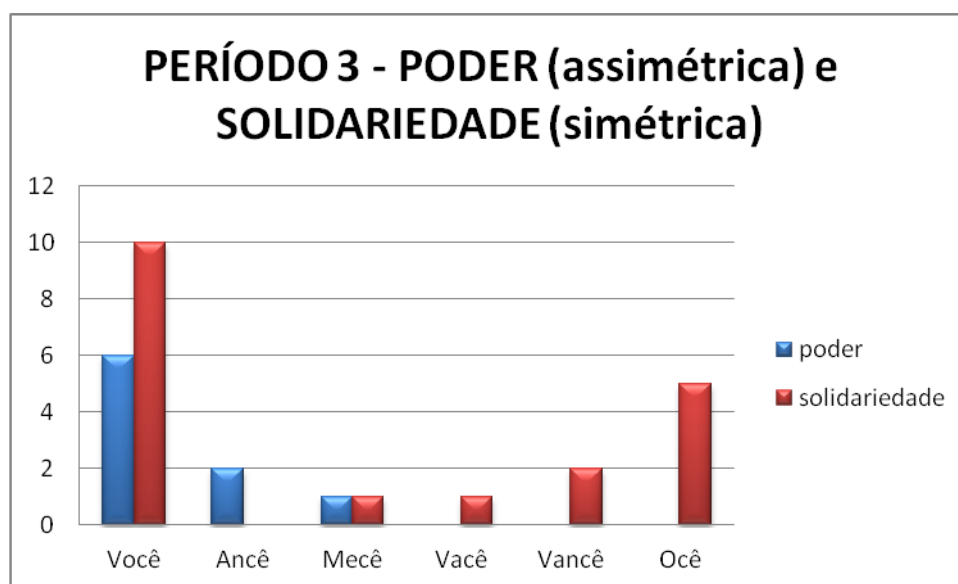


Gráfico 28 - Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P3

Nesta fase, P3, início do século XX, percebe-se que o “Vossa Mercê” não aparece nos gráficos, pois apresentou apenas textos referentes às relações autor e leitor, não sendo passível de ser analisado como Poder ou Solidariedade. Quanto ao “Você”, pode-se destacar os gêneros (masculino/feminino) indeterminados tomando o lugar dos gêneros (masculino/feminino) dos personagens, característicos dos textos literários. Já as variantes ganham destaque nas relações de Solidariedade, mostrando que são típicas de uma linguagem mais informal, cotidiana e despreocupada. Os gêneros indeterminados também possuem destaque entre essas variantes, mostrando que o autor buscava, muitas vezes, uma linguagem mais informal para se alcançar o leitor. No início do século XX, o “Você” volta a ser usado em maiores proporções em relações simétricas, ao contrário do período anterior. O “Vossa

Mercê” desaparece dos dados em relação a esse sentido. E as “Variantes” mudam completamente seu contexto de uso, passando de relações significativamente assimétricas para relações simétricas.

No último período, os dados estão assim distribuídos:

Quadro 26 - Hierarquia e tipo de relação social de “Você” no P4

| PERÍODO 4 | |
|----------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Poetisa / dona de casa | Superior / Inferior |
| Repórter / garoto | Superior / Inferior |
| Desconhecido / Poeta | Inferior / Superior |
| Leitor / Diretor do Jornal | Inferior / Superior |
| Amigos | Igualdade |
| Colegas | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Criança/ Papai Noel | Igualdade |
| Enfermeira/ pai | Igualdade |
| Jesus/ criança | Igualdade |
| Médicos | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Poder:

(183) “_ **você** poderia ensinar-me a preparar camarões...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1960, p. 2, ed. 2575). - Uma poetisa e uma dona de casa.

Exemplo de Solidariedade:

(184) “TOMÉ: **Você** sabia, Barnabé, que a poluição sonora é prejudicial...”. (Conselheiro Lafaiete, *Panorama*, 1978, p. 6, ed. 1). - Conhecidos.

Exemplo de Indefinido:

(185) “Contamos com **você** , prezado leitor...”. (Conselheiro Lafaiete, *Panorama*, 1978, p. 7, ed. 1). - Autor / leitor.

Não foi encontrada no P4 nenhuma ocorrência referente ao “Vossa Mercê”.

Quadro 27 - Hierarquia e tipo de relação social de “Ancê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Empregado / sinhá | Inferior / Superior |
| Caipira / doutor | Inferior / Superior |
| Bêbado / soldado | Inferior / Superior |
| Roceiro / comerciante | Inferior / Superior |
| Bêbado / comerciante | Inferior / Superior |
| Amigos | Igualdade |
| Filho / mãe | Igualdade |
| Compadres | Igualdade |
| Casal | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Caipira / curandeiro | Igualdade |

Poder
 Solidariedade

Exemplos de Poder:

(186) “**Ancê** tá doida?”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1948, p.11, ed. 1928). - Um empregado / uma sinhá. Inferior / superior;

Exemplo de Solidariedade:

(187) “Qui é qui **ancê** acha?”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1967, p.3, ed. 189). - compadres; Igualdade;

Quadro 28 - Hierarquia e tipo de relação social de “Mecê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|--------------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Roceiro / organizador de festa | Inferior / Superior |
| Caipira / fazendeiro | Inferior / Superior |
| Escravo / senhor | Inferior / Superior |
| Macumbeiro / rapaz | Inferior / Superior |
| Casal | Igualdade |
| Amigos | Igualdade |

Poder
 Solidariedade

Exemplo de poder:

(188) “Num vê que eu truxe pra **mecê** um presentico...”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1946, p. 1, ed. 152). - um caipira / um fazendeiro; inferior / superior;

Quadro 29 - Hierarquia e tipo de relação social das “Vacê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|------------------------|------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Viajante / morador | Igualdade |
| Amigos | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de Solidariedade:

(189) “Se **vacê** pudé ranja quarqué coisa...”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1949, p. 1, ed. 162). - viajantes / morador de uma casa; igualdade;

Exemplo de indefinido:

(190) “... espere um pôco que **vacê** pega ela...”. (Paraopeba, *O Buraco*, 1946, p. 1, ed. 149). - autor / leitor;

Quadro 30 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vancê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|----------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Caipira / coronel | Inferior / Superior |
| Caipira / senhorita | Inferior / Superior |
| Escravo / branco | Inferior / Superior |
| Amigos | Igualdade |
| Pretendente / pai da noiva | Igualdade |
| Mulher / caipira | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

Poder
 Solidariedade
 Indefinido

Exemplo de poder:

(191) “E, **vancê**, senhorita, (...)”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 2, ed.1934). - um caipira “baiano” /uma senhorita; inferior/superior;

Exemplo de Solidariedade:

(192) “**Vancê** compreende...”. (Uberlândia, *O Repórter*, 1959, p. 3, ed. 3412). - Amigos; Igualdade;

Exemplo de indefinido:

(193) “**Vancê** também, deve procurá a secretaria do nosso crube...”. (Uberlândia, *O Repórter*, 1959, p. 3, ed. 3412). - Autor/leitor;

Quadro 31 - Hierarquia e tipo de relação social de “Vocemecê/Vossemecê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Escravo / branco | Inferior / Superior |
| Viajantes | Igualdade |

 Poder  Solidariedade

Exemplo de poder:




(194) “**Vossemecê** se admira de me ver tão velho assim?”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p.3, ed. 1952). - um escravo > um branco; Inferior> Superior;

Exemplo de Solidariedade:

(195) “Olhe que **vocemecê** cái desse galho.”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p.3, ed. 1952). - viajantes; igualdade;

Quadro 32 - Hierarquia e tipo de relação social de “Ocê” no P4

| PERÍODO 4 | |
|--------------------------|---------------------|
| TIPO DE RELAÇÃO SOCIAL | HIERARQUIA |
| Caipira / viajante | Inferior / Superior |
| Negro pobre / negro rico | Inferior/ Superior |
| Coronel / mulheres | Superior / Inferior |
| Mãe / filho | Igualdade |
| Casal | Igualdade |
| Cunhados | Igualdade |
| Companheiros de viagem | Igualdade |
| Conhecidos | Igualdade |
| Compadres | Igualdade |
| Autor / leitor | Indefinido |

 Poder  Solidariedade  Indefinido

Exemplo de poder:

(196) “Apois **ocê** não tá dizeno que a lua é maió do que a terra?”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1946, p. 11, ed. 1928). - caipira > viajante; inferior > superior;

Exemplo de Solidariedade:

(197) “**Ocê** num me infesa não...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1950, p. 3, ed. 2250). - Conhecidos.

Exemplo de Indefinido:

(198) “Bastião, larga a cintura da Filomena que **ocê** não é cinto.”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1963, p. 3, ed. 113). - Autor / leitor.

Analisando os dados acima, chegamos ao seguinte gráfico:

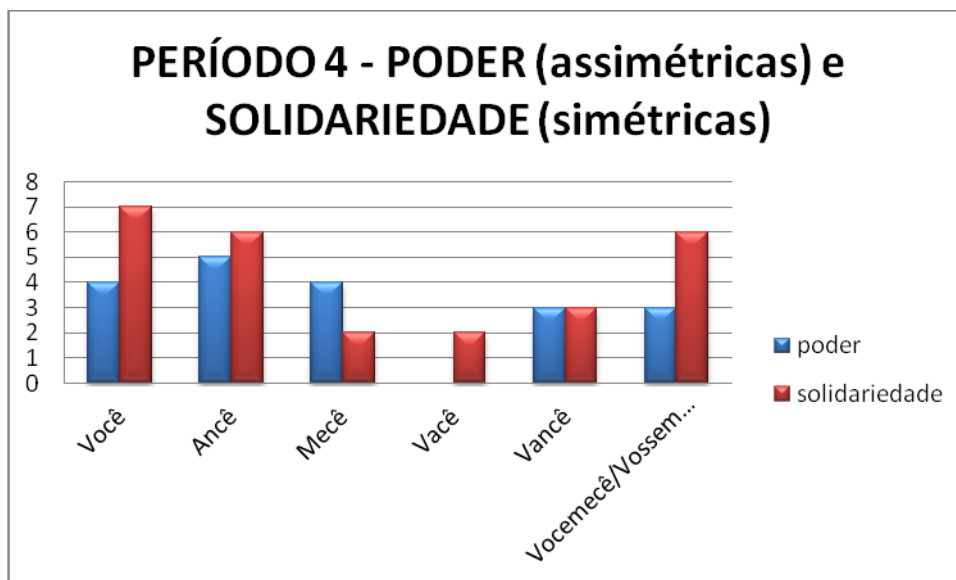


Gráfico 29 - Frequência das relações de Poder e Solidariedade no P4

Analisando o P4, que compreende a última metade do século XX, percebe-se que o “Você” passa a ser mais usual que as demais variantes e em relações indefinidas, ou seja, o *corpus* escolhido passa a tomar sua definição de GT jornalísticos, impregnando-se de linguagem informal, mas ao mesmo tempo evidenciando uma relação entre Autor/Leitor.

O “Você” continua sendo usado em relações simétricas, mesmo que em menores proporções, em decorrência do surgimento dos GT publicitários, cuja relação de Poder é Indeterminada. As “Variantes”, por sua vez, voltam a se firmar em relações assimétricas de uso, uma justificativa está na representativa da oralidade e no surgimento da figura caipira no cenário social da época.

Até o século XIX, os jornais possuíam uma característica de cunho literário, rico em personagens e representações de discursos diretos, com diálogos que representavam a linguagem falada. Vejam-se os exemplos abaixo - todos retirados do *Astro de Minas*, de 1828, pág. 2, edição 119, publicado na cidade de São João Del Rei - cujo autor narra um diálogo que ele ouviu na rua, podem corroborar com as afirmações:

(199) “Manué! **Você** tá vendenda papé crivido? Papé novi di gazeti? Essi son novidade!”.

(200) “Pai Rumingu! **Você** qué ve mia pecaro!”

(201) “Negro véia, **você** son tola...”.

(202) “Pai Manué (Responde) Oia! **Você** qué concê Sinhon Monso!”.

(203) “Qi você vê ni rua huma homa piquinha...”.

No século XX, os jornais se tornam mais impessoais, surgindo anúncios e textos escritos diretamente para os leitores, e não mais uma representatividade da oralidade na escrita. Assim, o item “Indefinido” é caracterizado pela relação entre “autor/Leitor”, em que os textos são escritos para variados leitores e muitas vezes o autor não é identificado. É o caso dos anúncios, como mostram os recortes abaixo:

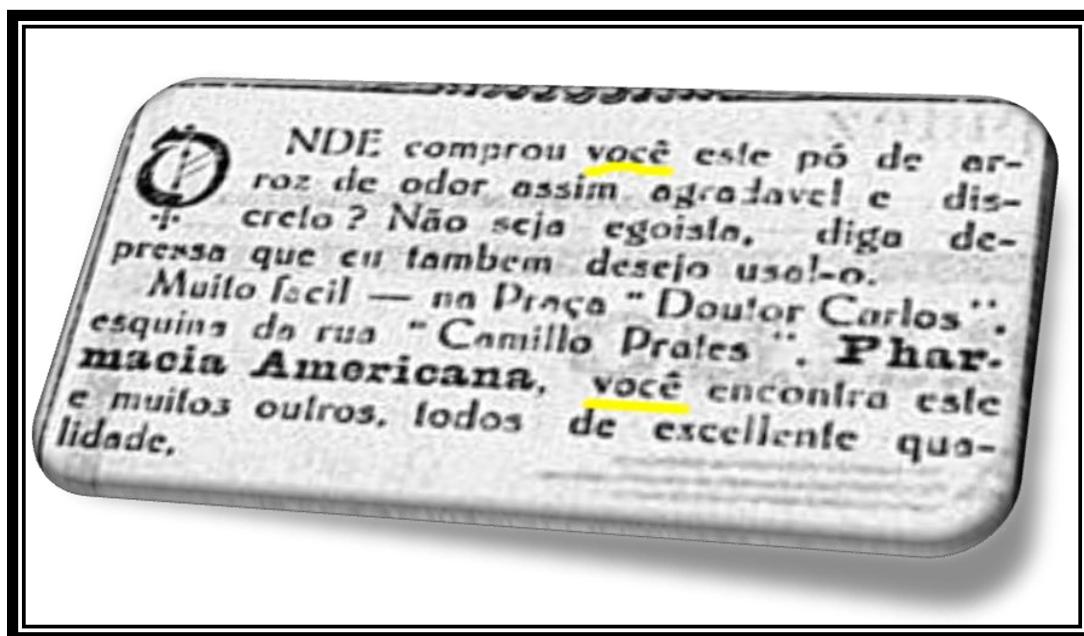


Figura 3 - Imagem de um anúncio da “Pharmacia Americana” (P3)

Fonte: Montes Claros, *Gazeta do Norte*, 1924, p. 8, ed. 307



Figura 4 - Imagem de um anúncio da "Tipografia Jardim" (P3)
Fonte: Uberaba, *Lavoura e Comércio*, 1928, p. 7, ed. 407



Figura 5 - Imagem de um anúncio da "Chevrolet" (P3)
Fonte: Uberaba, *Lavoura e Comércio*, 1928, p. 7, ed. 4071.

3.2.2 GÊNERO TEXTUAL E ASSUNTO

Os quadros abaixo mostram, por período, cada GT em que surgiram as ocorrências e o assunto que ele aborda:

Quadro 33 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P1

| PERÍODO 1 | |
|-----------------|--|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Constituição; |
| Artigo | Política; |
| Carta do leitor | Depotismo; Dois telégrafos; (humor); O modo de falar; Política; Um laçao e um roceiro; |
| Carta Oficial | Arrecadação de dinheiro; |
| Conselho | Compra de periódicos; |
| Diálogo | Aluno e professor |

Exemplos:

(204) “... e este o despertou da illusão, disendo-lhe= ó Fulano, **voce...**”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1829, p. 2, ed. 384). - Uma anedota, sem autoria.

(205) “O’ **voce voce** também he dos republicanos?”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1830, p. 3, ed. 373). - Uma carta do leitor.

(206) “Meo filho se **voce** gosta de ler Periodicos...”. (São João Del Rei, *Astro de Minas*, 1835, p. 4, ed. 1113). - Um Conselho.

Quadro 34 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P1

| PERÍODO 1 | |
|-----------------|-------------|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Política; |
| Artigo | Política; |
| Carta do leitor | Variedades; |
| Carta pessoal | Cobrança; |
| Denúncia | Política |

Exemplo:

(207) “Sua Majestade o Imperador manda remeter a **Vossa Mercê** incluso o officio do Tenente Coronel...”. (Ouro Preto, *O Universal*, 1827, p. 1, ed. 256). - Artigo.

Quadro 35 - Gênero textual e Assuntos referentes às variantes no P1

| PERÍODO 1 | |
|----------------------------------|--------------------------|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Carta do leitor (<i>Vossê</i>) | Julgamento; Um Caramuru; |
| Conto (<i>Vocemecê</i>) | Fantasma; |
| Notícia (<i>Vossê</i>) | O Rei |

Exemplo:

(208) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173). - Um conto.

Nos quadros referentes ao P1, tem-se poucos gêneros textuais, sendo que no “Você” e nas “Variantes” a *Carta do leitor* ganha destaque, tratando-se de um GT de caráter escrito, típico da imprensa. Ele é comum em jornais e revistas, é opinativo, e como o nome já diz, expressa a opinião do leitor em relação a algum tema, o que mostra que o jornal tinha um caráter mais pessoal com seus leitores, que podiam buscar neles assuntos sobre política, divertimento, literatura e até mesmo opinarem sobre assuntos variados.

No P2, temos as seguintes variedades de GT e assuntos:

Quadro 36 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P2

| PERÍODO 2 | |
|--------------------------------|--|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Amor de mãe; Atendimento; Bofetada; Brincadeira; Casamento; Cobrança; Combate; Conhecimento; Discussão; Dívida Esmola; Identidade; Idiotas; Irmãos; Mau cheiro; Medo; Mulheres; Questionamentos; Réu; Soldados; Um bêbado; Um emprego; Um furto; Um prêmio; Uma boneca; Uma bota; Viagem; Visitas; |
| Artigo | Bêbado; Charutos; Igreja de Roma; Política; Recrutamento de soldados; Uma semana parisiense; |
| Bilhete | Protesto |
| Biografia | Diogo Vasconcelos (historiador); |
| Cantigas | O tamanho do nariz de uma pessoa; |
| Carta | Surgimento do telefone |
| Carta do leitor | A cidade de Januária; Abuso de poder; Assassinato; Cobrança; Histórias da cidade; Identidade; Música; Política; Um agradecimento; |
| Carta pessoal | Despedida; Uma resposta; |
| Coluna | A língua portuguesa |
| Conto | A crise no país; A vingança de uma mulher; A visita de um compadre; Amizade de primos; Amor; Confusão; Despedida; Fantasmas; Festa; Indisciplina; Luxo; Paixão; Passagem do ano; Política; Um bilhete de loteria; Um parto; Um pedido de namoro; Um rapaz; Uma mulher; Uma nota falsa; Uma viagem; Uma visita; Vida; |
| Crônica | A forma de falar; As desventuras de um padre; Opinião pública; Política; Um casal; Vestido de noiva; Vinhos; |
| Diálogo | A força policial; A morte; Dúvidas; Família; Missão amorosa; Moradia; Notícias sociais; Política; Tiradentes; Trabalho de um fiscal; Um baile; Um crime; Um médico; Uma conferência; |
| Fábula | Uma goiabeira e um porco; |
| Fofoca | Conversa entre amigos; |
| Nota | Reclamação; |
| Notícia | Assassinato; Casamento; Doença mental; Fonógrafo; Julgamento; Morte; Um jantar; Um pinto de quatro pés; |
| Piada | Bêbado; |
| Poesia | Aquarela; Mentiras; Morte; Paixão; Um casal; |
| Transcrição de sessão política | Política |

Exemplos:

(209) “-- Até encalistra a gente sahir com **você** à rua.”. (Mar de Espanha, *Correio de Minas*, 1893, p. 1, ed. 9). - Notícia.

(210) “... novos quesitos para **você** responder...”. (Ouro Preto, *O Jornal de Minas*, 1890, p. m1, ed. 183). - Coluna.

(211) “/ << Quantas caras tem **você** >> /”. (Ouro Preto, *A Ordem*, 1890, p. 3, ed. 28). - Poema.

Quadro 37 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P2

| PERÍODO 2 | |
|----------------|--------------------------|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Bilhete | Chamado; |
| Carta pessoal | Dinheiro; Política; |
| Comunicado | Povo do sertão; |
| Conto | Lição; Medo; Obediência; |
| Mensagem | Indignação; |
| Nota | Sociedade |

Exemplo:

(212) “**Vossa mercê**, senhor capitão-delegado, fique sabendo que...”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1884, p. 3, ed. 4). - Mensagem.

Quadro 38 - Gênero textual e Assuntos referentes às “Variantes” no P2

| PERÍODO 2 | |
|-----------------|--|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Casamento (<i>Vancê</i>); Esmola (<i>Vossê</i>); Ortografia (<i>Vossê</i>); Profissão (<i>Vossê</i>); Sogra (<i>Mecê</i>); Uma dança (<i>Vancê</i>); |
| Anúncio | Artigos de venda (<i>Vancê</i>); |
| Artigo | Política (<i>Ocê</i>); Versos (<i>Ocê</i>); |
| Bilhete | A compra de uma gaiola (<i>Vossê</i>); |
| Carta do leitor | Cobrança (<i>Vossê</i>); Estado de espírito (<i>Ancê</i>); Notícias (<i>Vancê</i>); Violência (<i>Ocê</i>); |
| Carta pessoal | Dinheiro (<i>Vocemecê</i>); |
| Conto | Amor (<i>Vocemecê</i>); Amor fraternal (<i>Vossê</i>); Casamento (<i>Vocemecê</i>); Conversa entre amigos (<i>Ocê</i>); Morte (<i>Vossê</i>); Partilha do mundo (<i>Vossê</i>); Patrão valentão (<i>Vossê</i>); Um brinde (<i>Vancê</i>); Um encontro inesperado (<i>Vancê</i>); Uma cabocla (<i>Vancê</i>); Uma festa (<i>Ancê</i>); Uma marcha de soldados (<i>Vancê</i>); Uma nota falsa (<i>Vocemecê</i>); |
| Crônica | A matriz da cidade (<i>Vossê</i>); Caminho (<i>Mecê</i>); Fofoca (<i>Vancê</i>); Oração (<i>Vossê</i>); Política (<i>Ancê</i>); Um julgamento (<i>Vossê</i>); Uma festa (<i>Vancê</i>); |
| Diálogo | Um bilhete (<i>Vancê</i>); |
| Mensagem | Saudade (<i>Vossê</i>); |
| Nota | Palavras suprimidas do dicionário (<i>Vossê</i>); Política (<i>Vossê</i>); |
| Notícia | Conselho (<i>Vossê</i>); Malária (<i>Vossê</i>); Mulher que sofreu um choque (<i>Vocemecê</i>); |
| Peça teatral | A procura de um Dr. (<i>Vancê</i>); |
| Poesia | Conselho (<i>Vancê</i>); Memórias (<i>Vossê</i>); Uma conversa com um padre (<i>Vancê</i>); |

Exemplos:

(213) “Depois *mecê* há de *cahir* em uma lagoa...”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1886, p. 3, ed. 30). - Crônica (“causo”).

(214) “Muito boas noites, para *vancê*, patrão!”. (Baependi, *O Baependyano*, 1881, p. 2, ed. 206). - Peça de Teatro.

No P2, em relação ao “Você”, temos um aumento acentuado no número de GT e na variabilidade dos assuntos abordados. Os GT mais abordados foram:

- Anequeta: De caráter humorístico, são pequenos textos escritos ou falados; geralmente com personagens;

- Conto: Texto literário, com personagens e enredo;

- Diálogo: Pode ser oral ou escrito, geralmente possui personagens, consegue captar a espontaneidade da fala, apesar de ser uma transcrição;

- Carta do leitor: Já citada no P1;

- Notícia: GT típico da imprensa trata-se da narração de determinado fato;

- Crônica: GT literário, comum na imprensa, busca por meio de fatos “verídicos” sensibilizar ou até mesmo emocionar o leitor;

- Artigo: Comum na imprensa, tem como finalidade informar o leitor sobre assuntos variados;

- Poema: GT literário, subjetivo, e livre em sua expressão estilística;

- Poesia: GT literário, subjetivo, segue uma rima ou métrica, sendo escrito em versos;

O “Vossa Mercê” apresentou-se com pouca variabilidade de gêneros textuais, tendo um número significativo apenas de *Conto* e *Carta do leitor*. As “Variantes” também apresentaram pouca variabilidade de GT, mas o *Conto*, a *Crônica* e a *Anequeta* obtiveram números significativos, sendo comum a maioria dos termos que a representam (“Ancê”, “Mecê”, “Vacê”, “Vancê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê” e “Ocê”), como mostram os exemplos abaixo:

Conto

(215) “**Vocemecê** está zombando!”. (Ouro Preto, *Correio Oficial de Minas*, 1858, p. 3, ed. 173).

(216) “... tanto que se *ancê* não viesse nós perdia os doces...”. (Uberaba, *O Volitivo*, 1885, p. 3, ed. 59).

(217) “Nós viemos convidar *vancê* para abrir campo.”. (Ouro Preto, *Diário de Minas*, 1874, p. 2, ed. 329).

Crônica

(218) “... si eu devo pagar o valor de **vossemecê**...”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1882, p. 3, ed. 87).

(219) “O Sr. Vigário está lá em casa a perguntar por **vossê**...”. (São João Del Rei, *O Arauto de Minas*, 1886, p. 3, ed. 41).

(220) “Uai compadre, **vancê** está fora do mundo!”. (Ouro Preto, *Constitucional*, 1868, p. 3, ed. 82).

Anedota

(221) “Titia, vovó disse **meçê** é muito feia, é uma cascavel.”. (Juiz de Fora, *Echo do Povo*, 1882, p. 3, ed. 48).

(222) “**Vancê** gosta de chalaça!”. (Ouro Preto, *Jornais de Ouro Preto*, 1886, p. 3, ed. 331).

(223) “_O que diz **vossê**?”. (Baependi, *O Baependyano*, 1887, p. 4, ed. 490).

No P3, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 39 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P3

| PERÍODO 3 | |
|-----------------|--|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Barba; Confiança; Dinheiro; O uso da expressão “pode crer”; O valor de um cavalo; Sumiço de um amigo; Um telegráfico; |
| Anúncio | Alfaiataria; Carros; Cine Teatro; COEPRVALE (cooperativa de leite); Cronista; Emulsão do Scott; Jornal Loteria; Pastelaria; Pílulas CARTERS para o fígado; Pó de arroz; Sindicato Tipografia; |
| Artigo | A renúncia de Rui Barbosa; A saída de um colega do jornal; Barão de Coromandel; Carnaval; Concisão; Educação; Embaixador; Impontualidade; Morte; O trabalho do delegado; Política; Um bilhete; Uma conferência; Uma hóspede; Uma palmeira; |
| Carta ao leitor | O funcionamento do jornal; |
| Charada | Variedades; |
| Coluna | Namorados; Mulher; |
| Conto | Amor; Casamento; Desesperança; Ex-namorada; Fantasia de Arlequim; Mira; O canto do rouxinol; Proposta; Roubo; Um rapaz; Uma rifa; |
| Crítica | Política; Falta d’água; |
| Crônica | Amor; Ano velho / novo; Casamento; Compra de votos; Desilusão; Guerra; Jogo; Saudades; Um julgamento; Um processo; Uma família humilde; |
| Enquete | Cinema; |
| Entrevista | Política; |
| Mensagem | Agradecimento; Amor; Política; |
| Música | Rei Momo; Variedade; |
| Notícia | Curiosidades; Uma sepultura; |
| Peça teatral | A vida de casado; |
| Poema | Amor; Dia bonito; Lampião (cangaceiro); Mudança de tratamento; Saudade; Você; |
| Propaganda | Calor; |
| Recado | Uma mulher; |
| Reportagem | Curiosidades; Lampião (cangaceiro); Linchamento de um homem; Uma vidente; |
| Trovas | Variedades |

Exemplo:

(224) “Ah! **Você** vem ver-me, Gauthier? Sempre original...”. (Ouro Preto, *Minas geraes*, 1900, p. 3, ed. 15). - Crônica.

Quadro 40 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Vossa Mercê” no P3

| PERÍODO 3 | |
|----------------|---------------------|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Artigo | Educação dos presos |

Exemplo:

(225) “... e eu prometo a **Vossa mercê** que comporto bem doravante !”. (Queluz, *Jornal de Queluz*, 1929, p. 1, ed. 184). - Artigo.

Quadro 41 - Gênero textual e Assuntos referentes as “Variantes” no P3

| PERÍODO 3 | |
|------------------|---|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Cartas do leitor | As novidades da capital (<i>Vancê</i>); |
| Coluna | Compadre Belarmino (<i>Ocê</i>); Coronel Beltrão (<i>Ocê</i>); Festas de 13 de maio (<i>Ocê</i>); Futebol (<i>Vancê</i>); Menu de peixes (<i>Vancê</i>); Paixão (<i>Ocê</i>); Política (<i>Ocê</i>); Sal tropeiro (<i>Vancê</i>); Um caso (<i>Ocê</i>); Um encontro (<i>Ocê</i>); |
| Conto | Moças (<i>Vacê</i>); Amor (<i>Ocê</i>); Uma festa/ um parto (<i>Ocê</i>); |
| Crônica | Falta de medo (<i>Ancê</i>); Divisão de terra (<i>Ancê</i>); |
| Diálogo | Casamento (<i>Mecê</i>); Feição (<i>Mecê</i>); Passeio na cidade (<i>Mecê</i>); Um circo (<i>Mecê</i>); |
| Nota | Livro (<i>Ocê</i>); Ordens de um juiz (<i>Vossê</i>); Paquera (<i>Ocê</i>); |
| Notícia | Fofoca (<i>Vancê</i>); |
| Peça teatral | Música (<i>Vancê</i>); |
| Poema | Saudade (<i>Vancê</i>); |
| Poesia | Festa (<i>Vancê</i>); |
| Quadras | Um compadre (<i>Vancê</i>); |
| Trovas | Variedades (<i>Vancê</i>) |

Exemplos:

(226) “Pois a hora qui ancê arresorvê nós topa com o medo...”. (Paraopeba, *Gazeta de Paraopeba*, 1937, p. 8, ed. 1458). - Crônica.

(227) “_Mecê já foi...no circo...?”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1934, p. 16, ed. 6246). - Diálogo.

Os GT mais abordados nesse período foram: Anedota, anúncio, artigo, conto, crônica, poema e poesia. Desses, ainda não citamos os seguintes:

- Anúncio: GT tipicamente publicitário, comumente usado em jornais, revistas, ou outros meios de comunicação. Seu objetivo é vender um produto e para isso faz uso de ferramentas verbais e não verbais, utiliza-se de slogans, metáforas e ferramentas capazes de chamar a atenção do leitor, possível consumidor.

- Coluna: Semelhante ao artigo, mas com a diferença de ser assinada por um colunista e regular, seja no jornal ou na revista.

Nesse período, percebe-se que as características mais literárias do período anterior, começam a perder espaço, dando lugar a gêneros tipicamente publicitários. O “Vossa Mercê” praticamente desaparece e suas “Variantes” ganham destaque, sendo utilizados em expressões que representam a oralidade, como mostra o exemplo (198), anteriormente citado.

Vejamos agora o P4:

Quadro 42 - Gênero textual e Assuntos referentes ao “Você” no P4

| PERÍODO 4 | |
|-------------------------|---|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | Casamento; |
| Anúncio | Advogado; Aguardente; Alistamento militar; Banco; Bicicleta; Caixa Econômica Federal; Carro; Cassino; CEMIG; Cine Teatro; Clube; Consórcio; Corretor de seguros; Gás; Granja; Jornal; Livro; Lojas; Lotes; Mercado; Molas; Moto; Papelaria; Pílulas; Pneu; Posto de; Gasolina; Purificador de água; Rádio; Refrigerador a querosene; Relojoaria; Remédio; Residencial; Restaurante; Revendedora Fiat; Revista; Sociedade; Beneficente Mutualista; Sorveteria; Supermercado; Tipografia; Uma distribuidora; VARIG; Viação; Wallita; |
| Artigo | 13ª Semana dos Fazendeiros; 1º Encontro Regional dos Estudantes Secundários do Vale do Mucuri; A cidade de Uberaba; Abelhas; Alocução de Van Loon; Boiada; Canalhas; Carnaval; Coronel do Liberalismo; Criança abandonada; Curiosidades; Dia do professor; Educação sanitária; Escola; Escritores; Extração de dente; Família; Fofoca; Futuro; Gentílico da cidade de Arcos; Gramática; Império; Incidente; Jogo; Loja de antiguidade; Mãe professora; Mentira; Música; Ouro Preto; Política; Religião; Um militar; Um republicano; Uma árvore; Unificação de ideias; Veneza; Vicissitudes; Vida; Voto; |
| Bilhete | Ameaça; Convite; Falecido; João; |
| Campanha | Futebol; Poluição sonora; |
| Carta do leitor | Amizade; Endereço de um soldado; Intelectualidade; O jornal; Os direitos dos homens; |
| Carta Pessoal | Aposentadoria; Boas festas; |
| Charge | Casamento; Conta; Paquera; Sinceridade; |
| Coluna | A arte de cumprimentar; Aulas de piano; Cinema; Curiosidades; Decoração; Fofocas; Localidade; Nanuque; Paula Nei; Raciocínio lógico; Romance; Sentimento humano; Sociedade; Variedades; |
| Conselho | Vida; |
| Conto | Aborto; Desejos de uma menina de rua (versos); Uma família; |
| Convite | 12º Congresso da Família da Boa Vontade; |
| Crônica | Agradecimento; Carnaval; Carta para um filho; Cidade; Conversa entre jovens; Filhos; Morte de um menino de dez anos; Natal; Paixão; Retalhos quotidianos; Um garoto desaparecido; Uma galinha; Uma consulta; Vida doméstica; |
| Decálogo ⁵ | Ânimo; |
| Diálogo | Palavras de pintos; Pescaria; Quando eles dizem; |
| Editorial | A festa de Santo Antônio; Cultura; Estudante; Jornal; Panorama da cidade; |
| Enquete | Gruta; Jogo do bicho; |
| Histórias em Quadrinhos | Luta; |
| Horóscopo | Astral; |
| Lide ⁶ | Futebol; |

5 Texto instrutivo, que expõe dez regras a serem seguidas.

| | |
|---------------------|---|
| Memórias literárias | Visão; |
| Mensagem | Aniversário; Atração; Conselho; O Príncipe regente; Encontro; Espiritismo; Felicitações; Fim de ano; Jornal; Sentimentos; Um minuto; Uma morena; |
| Mensagem póstuma | A morte de um professor; |
| Nota | Caixa Econômica Federal; Carnaval; Conservação dos jardins da cidade; Curiosidade; EJA; Esmola; Fofoca; Igreja; Inauguração de palavras cruzadas; Jornal; Morte; Pedido de ajuda; Polícia Militar; Projetos; Recado aos brasileiros; Recenseamento; |
| Notícia | Assassinato; Casamento; Contestação; Dólar; Educandário; Festa de Uberaba; Fofoca; Imposto rural; |
| Notícia | Imposto Rural; Localidade; |
| Poema | Colégio; Desilusão; Fim; Ode à Lamparina; Paixão e saudade; Pensamento rebelde; Velha escola; |
| Poesia | A vida em Crovas; Amor; Pesadelo; Saudade; |
| Propaganda | Banco; Carro; Correios; Edifício; Editora; Lojas; Política; |
| Quadras populares | Amor; |
| Recado | Casamento; Maltrato de animais; |
| Reportagem | A cidade de Santa Rosa; A Equitativa dos EUA; Agressão sofrida pelo jornalista Paulo Edgard; Espiritismo; Fundação Banco Comercial do Estado de Goiás; Nossa Senhora do Monte Serrate de Baependi; Plano rodoviário; Política; |
| Soneto | Natal |

Exemplos:

(228) “... nas CASAS BURI **voce** encontra os mais modernos tecidos...”. (Nanuque, *O Imparcial*, 1970, p. 6, ed. 1). - Anúncio.

(229) “Ou **voce** acha que foi?”. (Araçuaí, *Jornal Aja*, 1977, p. 4, ed. 20). - Editorial.

(230) “Certamente **voce** pensa como nós...”. (Patos de Minas, *Jornal dos Municípios*, 1977, p. 1, ed. 455). - Mensagem.

VOSSA MERCÊ

O “Vossa mercê” não foi encontrado no P4

Continuando com os Quadros referentes ao P4, tem-se:

Quadro 43 - Gênero textual e Assuntos referentes às “Variantes” no P4

| PERÍODO 4 | |
|----------------|---|
| GÊNERO TEXTUAL | ASSUNTO |
| Anedota | O desejo de um moribundo (“mecê”); |
| Artigo | Idade (vossemecê); Notícias (vancê); Qualidade das ruas da cidade (vancê); Ração (vancê); Religião (vancê); Uma briga (mecê); |
| Carta pessoal | Cotidiano (ocê); |
| Charge | Futebol (ocê); |
| Coluna | Mentiras (ocê); Notas de viagem (ocê); Notícias (vancê); Passagem na estrada (ocê); Sapato (ocê); Troca de maridos (ocê); |

| | |
|------------|--|
| Conto | A fuga de um escravo (vancê); Bebida (vancê); Casamento (ancê); Imaginação (vancê); Relacionamento (vancê); Uma mulher feia (vancê); Uma tribo (ocê); Viagem (vancê); |
| Crônica | A doença de um cavalo (mecê); Amizade (ancê); Campanhas (vacê); Comportamento caipira (vacê); Cultura (vancê); Desejo de ser soldado (ancê); Discussão (ancê); Doença (ancê); Dois compadres cachaceiros (ancê); Fuxico (ancê); Memórias (ancê); Organização de um festejo (ancê); Quadrilha junina (ocê); Roubo de melancias (ancê); Um caiçara (mecê); Um caipira (mecê); Um comício (ancê); Uma fazenda (ancê); Uma viagem e comida (vacê); |
| Nota | Assinatura do jornal (ocê); Cartaz internacional (vancê); |
| Poema | Manias do marido (ocê); Roça (vancê); Sorte (vacê); |
| Reportagem | Moradores de rua (“ocê”) |

Exemplos:

(231) “___... ondê qui **ancê** andara qui tem mais de quato sumana qui nós num sincrona?”. (Nanuque, *Folha de Nanuque*, 1967, p. 3, ed. 189). - Crônica.

(232) “Se **mecê** judiá cum ela, eu venho do inferno.”. (Uberaba, *Lavoura e Commercio*, 1949, p. 9, ed. 14809). - Artigo.

No P4, os gêneros textuais mais abordados são Anúncio, Artigo, Coluna, Crônica, Mensagem, Nota, Notícia, Reportagem. Como GT novo e em destaque no período, temos:

- *Mensagem*: Busca levar uma ideia ao leitor / receptor. Em alguns casos ela pode ser simples, quase como um recado, é o caso das felicitações, mensagens natalinas, entre outras. Em outras situações mais complexas, quase como um texto literário, como por exemplo, mensagens de amor, de ânimo, de espiritualidade.

- *Nota*: Trata-se de uma notícia curta, que muitas vezes esclarece, ou, até mesmo responde a algo. GT característico de Jornais.

No último período, P4, percebem-se mudanças tais como o desaparecimento do termo “Vossa Mercê” e a afirmação das características do GT jornalístico, com o predomínio do anúncio de produtos, mostrando uma sociedade mais capitalista e menos imperialista, como no século anterior.

Ao término do capítulo 3, pode-se concluir que a variedade de GT e Assuntos mostram o contexto sócio-pragmático de uso dos termos que, juntamente com os demais fatores analisados, como função sintática e relações de Poder e Solidariedade, são fundamentais à análise e às considerações finais dessa pesquisa, expostos em seguida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a evolução do “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos, analisamos o uso destes no suporte jornalístico oitocentista e novecentista de Minas Gerais. Para tanto, partiu-se da hipótese de que o uso desses termos reflete as assimetrias sócio-pragmáticas nas relações entre os usuários da língua portuguesa. Na busca em elucidá-la, baseamo-nos no modelo teórico-metodológico de Labov (1972), bem como o modelo teórico de Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e de autores que discutem o fenômeno da gramaticalização (LEHMANN, 1985; HOPPER, 1991; BYBEE, 2003 e HEINE, 2003). Também foi discutido o conceito de GT do Discurso, como proposto por Bakhtin (1997), por Marcuschi (2008), entre outros. Diante da análise dos dados, é possível concluir que muitas são as variações encontradas decorrentes do processo de gramaticalização e mudança do “Vossa Mercê” > “Você”, e entre elas, algumas se mostraram mais relevantes, pela frequência de uso, tendo sido parte de nosso objeto de estudo, o “Ancê”, “Mecê”, “Vacê”, “Vancê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê” e o “Ocê”. Outras variações também coletadas, e expressas na metodologia, serão objeto de estudo de pesquisas futuras.

Em relação aos dados referentes à frequência de uso de cada um desses termos acima citados, pode-se afirmar que o P1 foi o menos recorrente e o P4 foi o que mais apresentou evidências desses termos. Pode-se ainda dizer que o “Você”, dentre todos os termos, foi o mais encontrado no *corpus*, sendo frequente do P1 ao P4.

Analisando os termos pesquisados, por meio de seus fatores linguísticos, pode-se concluir que todos os termos apresentaram-se como S, mas o “Vacê” e o “Vossê” foram os que mais se destacaram em frequência com essa função. Em relação ao OD, o “Mecê” e o “Vocemecê/Vossemecê” foram os que tiveram um maior indicativo de uso, enquanto o “Ancê” foi o mais usual quanto ao OI. Os termos que mais se incluíram em FN foram o “Vossa Mercê” e o “Vancê”. A constatação de que o “Você” e o “Ocê” compuseram-se como os termos que mais usaram V permite o entendimento de que o uso significativo dos “Vocativos” é um indicativo da referencialidade dos termos, cujo principal recurso é o Discurso Direto.

Outro aspecto analisado referente aos fatores linguísticos se refere à pessoa do verbo/discurso. De acordo com os dados, é possível deduzir que todos os termos pesquisados são pronomes de 2ª pessoa com verbo em 3ª pessoa, como afirma a maioria das gramáticas. A maior parte das ocorrências aparece em discursos diretos, ou seja, nas representações diretas

das falas dos personagens, sejam em transcrições de diálogos, cartas, crônicas, ou qualquer outro GT encontrado nesta pesquisa, até mesmo nos mais impessoais, como anúncios e propagandas, cujo objetivo do autor é um contato direto com o leitor. Partindo dessa característica, é possível notar que, apesar de o *corpus* aqui coletado ser escrito, ele busca representar, em muitos de seus gêneros textuais, a oralidade na escrita, por isso encontramos tanta ausência de concordância de número entre pronome e verbo.

Outro fator linguístico importante faz referência ao Gênero (M e F) de quem escreveu os textos pesquisados, ou ainda aos que participam como personagens desses textos. Pois, como dito anteriormente, o jornal é o espelho da sociedade da época, e nele encontra-se refletido o tipo de pessoas que faziam parte da sociedade, suas relações sociais e culturais. Pensando nisso, fez-se a divisão entre quem escreveu o texto e quem participa do seu enredo (personagens). O primeiro resultado a ser observado foram os resultados totais das tabelas, que possuem valores iguais para o total de autores e personagens. Essa característica pode ser explicada pela escolha de se pesquisar não personagens individualmente, mas as relações que eles exerceram com outros falantes, uma vez que muitos textos tratavam de representações da fala, de diálogos. O que levou as relações entre falantes do mesmo gênero (M↔M) e (F↔F), de gênero diferente (M↔F) e entre autor e leitor.

Assim, pode-se considerar como resultado referente ao “Autor”, que o termo “Você” ao longo dos períodos analisados apresentou as quatro classificações de forma significativa, Indet. (pseudônimo), Indet. (anúncio), Fem. e Masc., com exceção do P1, em que só foram encontrados textos cujos autores eram Masc. ou Indet. (pseudônimo). Um aspecto a ser evidenciado diz respeito ao autor Indet. (anúncio), que indica textos como anúncios, notas e propagandas. Eles foram encontrados em grande número no P4, mostrando que os jornais pesquisados só ganharam o *status* que possuem atualmente por volta de meados do século XX.

Os termos “Vossa mercê”, “Ancê”, “Mecê”, “Vancê”, “Vocemecê/Vossemecê”, “Vossê” e “Ocê” apresentaram altos números de textos com autoria Indet. (pseudônimo), seguido pelos textos de autoria Masc., permitindo evidenciar que esses termos não eram usados em anúncios ou propagandas, mas sim em textos com enredo, com um caráter mais dialógico, mais literário, com exceção do “Ocê” que, apesar de apresentar esses [altos](#) índices, também apresentou valores significativos de autores Indet. (anúncios). O “Vacê” foi o único termo que apresentou autores Masc., como mais frequentes.

Autores Fem. foram quase inexpressivos, levando a crer que as mulheres da época não tinham muito espaço para uma atuação ativa na imprensa, pelo menos não nos jornais

pesquisados. Outro ponto é a questão cultural, literária: esses jornais, inicialmente, se mostraram populares e despreocupados com regras de redação e de imprensa. Dessa forma, encontramos muitos GT sem autoria, como cantigas populares, contos populares, “causos”, entre outros.

Em relação aos personagens pesquisados, chegamos aos resultados de que todos os termos mostraram textos sem personagens, cuja interatividade se dá entre autor e leitor. O “Você”, “Vossa Mercê”, “Vacê” e “Vancê” apresentaram mais personagens Indet. (A↔L) seguido de personagens masculinos (M↔M). Já o “Mecê” e o “Vossê” apresentou o oposto, em primeiro lugar os M↔M, seguido dos Indet. (A↔L). “Ancê” e “Vocemecê/Vossemecê”, mostraram personagens F↔M e o “Ocê” M↔M, Indet. (A↔L) = F↔M, respectivamente.

De acordo com os dados, os gêneros indeterminados apresentaram números significativos, principalmente nos últimos períodos, reafirmando a característica dos GT jornalísticos, que começaram a ganhar impessoalidade. A maioria dos textos abordava o dia-a-dia masculino, de diferentes formas, a labuta do homem, a visão que ele tinha da vida e da mulher, os seus sentimentos e acontecimentos relacionados a eles, entre outros aspectos. Poucos textos abordaram o cotidiano feminino e quando o fizeram, foi por meio de uma visão masculinizada.

Finalizadas as assertivas sobre os aspectos linguísticos de nosso escopo, chegamos à conclusão de que os fatores internos à língua mostram que o “Você” foi o termo mais usual. O “Vossa Mercê” conviveu com o “Você” e com suas variantes, mas logo caiu em desuso. Todas as suas variações carregam marcas da nominalidade e que suas “Variantes” são usadas em formas mais literárias, expressando a oralidade.

Tendo-se a exposição acima, apontamos nossas conclusões sobre os fatores extralinguísticos, iniciando pela Hierarquia e Grau de Intimidade entre os falantes, bem como o tipo de relação social que envolvia esse processo.

Nos períodos iniciais, existia uma grande variabilidade nas relações sociais e os dados mostraram que o “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos eram usados em diferentes situações, desde relações de Poder (superioridade/inferioridade entre os falantes), até relações de Solidariedade (igualdade entre os falantes).

O termo “Você” no P1 surgiu com a mesma proporção de uso em relações simétricas e assimétricas. Nos períodos seguintes, ele apresentou-se em relações cuja simetria se sobressaia às assimetrias, ou seja, apresentou mais relações de Solidariedade (igualdade) entre os falantes.

O “Vossa Mercê” apresentou-se no P1 apenas em relações simétricas e no P2 indicou a mesma similaridade entre simétricas e assimétricas. Em relação aos demais períodos, não foi possível uma análise mais detalhada, pelo número reduzido de ocorrências que designavam textos com relações do tipo autor↔leitor no P3 e pela falta do termo no P4.

Nessas relações de indefinição, o “Você” é mais usual que as demais variantes, o que mostra que o *corpus*, no final do P4, passa a se caracterizar como GT jornalísticos, impregnando-se de linguagem informal, mas ao mesmo tempo evidenciando uma relação entre Autor/Leitor.

O “Ancê”, “Mecê” e o “Vocemecê/Vossemecê” exibiram mais relações assimétricas do que simétricas ao longo dos quatro períodos. O “Vancê” por sua vez, mais relações simétricas. O “Vacê” e o “Ocê” só se apresentaram em relações simétricas e o “Vossê” teve uma equivalência entre ambas.

Dessa forma, os períodos 1 e 2 dos jornais pesquisados possuíam uma tendência mais literária, com personagens e transcrições de discursos diretos, representando a oralidade por meio da escrita, não existindo cobrança estilística, e nem normas de redação jornalística. Já nos períodos finais, eles se tornaram mais impessoais, por meio dos anúncios, propagandas, editoriais e outros textos escritos diretamente para os leitores.

As afirmativas acima levam à conclusão de que o termo “Você” ocorre na maioria dos períodos, em situações simétricas, ou seja, as ocorrências encontradas mostram que ele é usado em relações de Solidariedade.

O “Vossa Mercê”, por sua vez, é utilizado em relações simétricas no início do século XIX. Já na metade do mesmo século o termo é usado na mesma proporção para relações simétricas e assimétricas.

As “Variantes”, ao contrário do “Você”, são usadas em relações assimétricas, ou seja, em situações de Poder, de superioridade ou inferioridade entre os falantes, com exceção do P3, cujo maior número foi de relações simétricas, de Solidariedade.

Os últimos aspectos da análise extralinguística fazem referência ao GT e ao A, podendo-se afirmar que, no P1, existia pouca variabilidade de GT. A imprensa mineira ainda se mostrava tímida e o GT mais abordado entre o “Você” > “Vossa Mercê” e seus cognatos, foi a Carta do Leitor. No P2, o “Vossa Mercê” e as “Variantes” mostraram-se com pouca variabilidade, tendo um número significativo apenas de Contos e Carta do leitor. Mesmo que não tão significativo quanto a carta do leitor, o Conto, a Crônica e a Anekdota obtiveram bons resultados, sendo comuns a todos os termos pesquisados. Nesse período, surgiram ainda gêneros textuais como o Diálogo, o Artigo, o Poema e a Poesia.

No P3, percebe-se que os gêneros textuais literários do período anterior, começam a perder espaço, dando lugar a GT publicitários. O “Vossa Mercê” começa a cair em desuso e os demais termos pesquisados ganham força, sendo comumente utilizados em expressões que representam a oralidade. Não surgiram GT novos, mas alguns não tiveram tanta evidência como no período anterior, é o caso do Diálogo, da Notícia e da Carta do leitor.

No último período, o termo “Vossa Mercê” desaparece e as características do GT jornalístico predominam com o uso de anúncios publicitários, mostrando uma sociedade mais capitalista e menos imperialista, como no século anterior.

Sintetizando, podemos afirmar que no século XIX os gêneros textuais mais usados na referência ao “Você” > “Vossa Mercê” e seus cognatos são os literários, pois até então os jornais ainda não haviam ganhado as características habituais que possuem atualmente. Tratavam-se mais de veículos de informação e entretenimento, com ênfase na segunda opção, trazendo folhetins que eram acompanhados como telenovelas, comunicados sobre variados assuntos sociais, poucas notícias sobre as tragédias locais, muitas seções de entretenimento com anedotas, colunas com humor, entre outros.

Já no século XX, o “Vossa Mercê” desaparece e os cognatos pesquisados já são bem difundidos e utilizados. Uma diferença entre os demais termos e o “Você” diz respeito às relações entre autor e leitor. Os cognatos do “Você” são usados em situações específicas de linguagem, com personagens definidos, onde ocorre uma interação entre os falantes. É o caso das crônicas, dos contos, de alguns artigos. Mas o “Você” é usado comumente entre os gêneros textuais cuja relação social torna-se indefinida, como, por exemplo, as propagandas, os anúncios, as notas.

A presente pesquisa permite afirmar que o uso de “Vossa Mercê” e “Você”, nos dados analisados, refletem relações sócio-pragmáticas simétricas, enquanto que suas variantes são usadas em relações assimétricas. Logo, a hipótese inicial de que o “Vossa Mercê” > “Você” e seus cognatos refletem assimetrias sócio-pragmáticas não se confirma por completo, pois “Vossa Mercê” e “Você” refletem, em sua maioria, relações simétricas, mas as demais variantes corroboram a assertiva de que fazem parte de relações assimétricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANDRADE, A. L. V. S. *A variação de 'você', 'cê' e 'ocê' no português brasileiro falado*. 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- ANDRADE, Q. A. *Tu e mais quantos? - A segunda pessoa na fala brasiliense*. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BAHIA, J. *Jornal: história e técnica*. São Paulo: Ática. 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BHATIA, V. K. Genre Analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. 1997. *apud* MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. (Ed.). *Style in language*. Cambridge-Mass: MIT Press, 2003[1960]. p. 255-276.
- BYBEE, J. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Eds). *Complex sentences in grammar discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-17.
- _____. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The role of Frequency. In: JANDA, R.; BRION, J. *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003. p. 602-623.
- CAMPOS, S.; LOBO, A. *Imprensa Mineira: Memória histórica - Edição comemorativa do centenário da independência (1822-1922)*. Belo Horizonte: Typ. Oliveira, Costa & Comp., 1922.
- CASTILHO, A. T. A Gramaticalização. *Revista de Estudos Linguísticos e Literário*. Salvador, n. 19, p. 25-64. Março 1997.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAVES, E. *Implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas*. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CINTRA, L. F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COELHO, M. S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas*. UFMG, 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COELHO, S. M. *Uma análise Funcional do Onde no Português contemporâneo*. 2001. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). PUC, Belo Horizonte, 2001.

CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporânea*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. (2007). Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB. *Apud* ANDRADE, Q. A. *Tu e mais quantos? - A segunda pessoa na fala brasileira*. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DIAS, A. R. P. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez, 2003.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p. 107-128. 1993.

ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em Jornalismo*. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2004.

FARACO, C. A. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, v. 13. p. 51-82. 1996.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1996.

GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. 2008. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, FFLCH/USP, São Paulo. 2008.

HEINE, B. *et al.* From cognition to grammar: evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.) *The Handbook of historical linguistics*. Blackwell, 2003, p. 575-601.

HOPPER, P. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LEHMANN, C. Gramaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*. Pavia, a. XX, n. 3, p. 303-318, 1985.

LOPES, R. S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

_____. "Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia". In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, v. 2, p. 55-71, 2008.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De 'Vossa Mercê' a 'você': a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX. *Comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional da ANPOLL*. Gramado: UFRS, 2002.

_____. De 'Vossa Mercê' a 'você': a análise pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português*. Primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

_____. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, J. M.; ALKMIM, M. A. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. v. V. Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.

LUCCA, N. N. A. *A variação tu/ você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2005. *Apud* ANDRADE, Q. A. *Tu e mais quantos?- A segunda pessoa na fala brasiliense*. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2008.

LUZ, M. S. Fórmulas de tratamento do português. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, v. II. t. I, II, p. 256-363, 1956.

MACHADO, A. C. M. A implementação de *Você* no quadro pronominal do português brasileiro. *Revista do GEL*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-47, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 191-220.

MARTINS, R. B. A. *Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/ UFMG, 1980.

MEDINA, J. L. B. Gêneros Jornalísticos: repensando a questão. *Revista Symposium*. Universidade católica de Pernambuco. Ano 5, n. 1. p. 45-55. Janeiro-junho, 2001.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: _____. *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris: Champion, 1958, p. 130-158.

MENDES, J. F.; Memória dos jornais mineiros do século XIX: revisão crítica das fontes historiográficas. III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Novo Hamburgo - RS. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/MEMORIA%20DOS%20JORNAIS%20MINEIROS%20DO%20SECULO%20XIX.doc> >. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

MENÓN, O. P. S. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: *tu/você/o senhor* em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*. Porto Alegre/RS, v. 35, n. 1, p. 121-164, mar. 2000.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Orgs.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis 1994. p. 23-42.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*. Niterói, n. 9, p. 125-134, 2. sem., 2000.

NASCENTES, A. O tratamento de “você” no Brasil. In: *Letras*. Curitiba/PR: Ed. UFPR, v. 6, n. 5, p. 114-122, 1956.

NASCIMENTO, J. B. *O Uso variável do pronome de segunda pessoa “você(s)” / “cê(s)” na cidade de São Paulo*. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo. 2011.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C (Orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAREDES S. V. L. *O Percurso da Variação na Referência à Segunda Pessoa no Português Carioca*. Relatório final de pesquisa apresentado ao CNPq. Rio de Janeiro, UFRJ, Mimeo. 35 p. 1999.

PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. 2006.

_____. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. *Revista Contexto Linguísticos*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 155-168. 2007.

PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984. *apud* PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. 2006.

_____. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2001. p. 123-136. *Apud* PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. 2006.

RUMEU, M. C. de B. *Reflexões acerca da pronominalização de vossa mercê na língua portuguesa*. 2001. 25 f. Monografia (Especialização em História da Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. 2004. 286 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

_____. As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 115-126, 2011.

_____. de B. Vestígios da pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você* em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 36-55, fev. 2012.

SAID, A. M. De *eu e tu* a *majestade*: tratamentos de familiaridade e reverência. In: *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2012.

VITRAL, L. A forma *Cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, 1. UFMG, p.116-24. 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2004, p. 13-46.